# DÉCADAS

CLEMENTINO CÂMARA

A todos aqueles para cuja
educação colaborei.

# INDICE

Apresentação . . . . . 7

I DÉCADA

I Minha «gens» . . . . . 15
II Exôdo . . . . . 19
III Em Cabedelo . . . . . 23
IV De retorno . . . . . 27
V Na escola . . . . . 31
VI Recuerdos . . . . . 35
VII No «Sitio» . . . . . 39

II DÉCADA

I Desejos . . . . . 51
II A peste de 1896 . . . . . 55
III De déu em déu . . . . . 59
IV Aprendendo . . . . . 63
V No «Tecido» . . . . . 69
VI Em casa de Joaninha . . . . . 73

VII Estudando .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 79
VIII Para a Amazonia .. .. .. .. .. .. .. .. .. 83
IX Retorno aos penates .. .. .. .. .. .. .. .. 87

III DÉCADA

I Estudando e aprendendo .. .. .. .. .. .. 97
II De novo para o norte .. .. .. .. .. .. .. 103
III Bernarda contra bernarda .. .. .. .. .. .. 107
IV Rumo á fronteira .. .. .. .. .. .. .. .. 113
V Chegou a minha vez .. .. .. .. .. .. .. 119
VI A «Salvação» .. .. .. .. .. .. .. .. .. 121

IV DÉCADA

I Aula e mais aula .. .. .. .. .. .. .. .. 135
II Ensaio de internato .. .. .. .. .. .. .. 141
III Internato .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 145
IV Para Pernambuco .. .. .. .. .. .. .. .. 151
V Na terra dos canaviais .. .. .. .. .. .. 157
VI Para Natal .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 161

V DÉCADA

I Carreira de obstáculos .. .. .. .. .. .. .. 169
II Revolução .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 181
III De chanfalho em punho .. .. .. .. .. .. 187
IV Relances... .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 195
V Um sonho... .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 207
Tipos curiosos .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 211

# APRESENTAÇÃO

CADA um de nós tem sua historia.

Uns ha que atravessam a vida sempre bafejados por ventos galernos. Não encontram óbices aos seus desejos, ás suas ambições; outros, semelhantes ás naus que singram mares borrascosos si, por vezes, lhes corre serena a existencia, defrontam, aqui e alhures, dias tempestuosos, ameaçadores em que sossobram; finalmente, outros, e nesta classe estamos nós, desde a sua entrada na vida, esta lhes corre tão tormentosa que escapam á observação os poucos intervalos de bonança.

Como, porém, as leis da compensação também se firmam no dominio da psicologia, eles em regra são revestidos de um ánimo que não desfalece, de uma coragem que se não entibia, de uma resistencia que, risonha e soberana, não se dessora ante os escolhos que surgem ameaçadores.

Por vezes somos levado a pensar que a nossa passagem pela existencia bem se poderia comparar a uma representação teatral de todos os géneros, num palco, que é o logar onde exercemos a nossa atividade

de, representação em que o trágico e o cómico de preferencia se salientam, em promiscua e disparatada sincronia.

O papel que desempenhamos, contudo, não é de nossa livre escolha, é-nos imposto e, bem ou mal, temos que representa-lo, submetendo-nos a essa entidade a que o proprio Zeus estava sujeito — o Destino. Si o nosso teve algo de cómico, ignoramo-lo. Não o percebemos, porque só nos defrontámos com o lado trágico. Notámos, entretanto, que muitos dos nossos comparsas o desempenharam.

Formámos nossa personalidade ao bafejo suave de dois livros que reputamos os melhores do mundo — o «Evangelho» e «O Coração». Excetuando aquele de que ainda não saturámos nosso espírito, este lemos já cerca de quarenta e cinco vezes. Nela se refletiu naturalmente a influencia do meio físico também.

Habitamos uma terra de contrastes os mais estonteantes, a começar pelo proprio nome — «Rio Grande», quando é fato que nenhum rio temos; «terra do gerimum», precisamente onde eles são mais raros e caros; «comedores de camarão» — si é que é esta mesma a significação de potigaras — quando é fato que tais crustaceos são aqui escassíssimos.

Não é preciso, pois, ser grande psicólogo para lobrigar em nossa vida, tal como está descrita, muitos contrastes que não vemos.

Como ha sempre o que aprender com a experiencia de outrem, eis aqui nosso livro, o livro de nossa vida recordada em períodos decenais. Naturalmente, o que tem somenos importancia, o que nos não ficou gravado na retina da alma, nele não encontra, como

também não figuram os fatos íntimos, que não queremos divulgados para nos não envergonharem. Lembra-te, leitor amigo, que também tens os teus, que lá no imo de tua alma tens u'a mazela que não a queres conhecida...

Mas este livro não é apenas uma recordação de nossa vida; ludámbulo de nova especie, fizemos este passeio aos tempos que se foram — desde aqueles em que o «boi calemba» e os «congos», para obter permissão de brincar, dansavam primeiro em frente á Chefatura de Policia, na rua da Conceição, bem perto do Palacio do Governo; em que se fazia a fogueira de São João na Rua Grande, hoje praça André de Albuquerque; em que as «Lapinhas» de Antonio Elias e José Lucas, e os Fandangos de Chico Bilro constituiam nota do dia; em que o velho bardo Lourival Açucena, nos primeiros dias do ano, saía com outros foliões a «tirar os reis»; em que se dansava quadrilha marcada á francesa — até o tempo em que era chique comparecer ás reuniões de terno preto ou azul e botinas amarellas, e distinto fardar-se de Guarda Nacional para acompanhar as procissões; até os dias que céleres correm com o avião, quando a «frente única» nos bailes aristocratas não escandalizam mais ninguem, não merece mais comentario. Entrou para o rol das coisas naturais...

Disto conclúo que tenho assistido parte do desenvolvimento da vida desta «urbs» de casario chato, até a vida tumultuaria do cinema falante, do radio indiscreto, do fonfonar de Buíques, Chevrolet, Pontiac e V-8.

Das duas, uma: ou tenho vivido muito ou a cidade tem evoluido mais que era de supôr.

Entretanto, neste esboço que mão mais habil poderia colorir, verificámos que alguns hábitos e usanças continuam como os conhecíamos em nossa infancia, e ameaçam perdurar.

Cidade de burocrátas, na qual o comercio é ainda incipiente e a industria um projeto, tudo aquilo que não tiver o bafejo oficial não logra medrar. Cedo se estiola a flôr da idéia, não pelo calôr que cada uma levanta, mas pela frieza da descrença, do pessimismo, enervante, traduzida no abandono a que a relegam. Creação nenhuma ha de iniciativa propria. E' disto que vem chamar-se Natal a — «terra do já teve...»

A expressão não é lá muito elegante, mas traduz a realidade.

A este clube o Governo dá o predio onde tem sua séde, áquele auxiliou para a construção de um galpão, a tal associação subvenciona, a qual liga ou instituto reserva algumas dezenas de contos no orçamento de todos os anos. Mas essas doações, auxilios, subvenções ou coisa que o valha não são auxilio no sentido restrito do termo, mas a razão precipua a propria seiva sem a qual não existiriam.

No dia em que o Governo, empenhado na solução de graves problemas ou premido por necessidades outras viesse a suspender essas doações, ou, por uma experiencia, tentasse verificar a vitalidade de todas essas corporações, veria como por encanto tudo desaparecer, e isto porque em Natal não existe sociedade, clube, associação, liga, instituto a que os governos não tenham auxiliado. Muitas vezes até para a publicação de uma simples revista literaria o Governo é convidado... a contribuir. E contribue.

E haver ainda quem faça oposição a governos tão generosos!

Lê este livro. Talvez nele encontres alguma similitude com o que se passou contigo; lê-lo, porque nele verás como, mau grado as vicissitudes da vida, os imperativos da sorte, os imprevistos e, ás vezes, até como que contra os proprios elementos conjugados, pode um homem atravessar a existencia, sinão com triunfo, pelo menos com dignidade.

Lográmos alguns desafetos, graças a Deus. Somos, nesta maneira de pensar, da opinião do grande Vieira. Fazemos votos que vivam, não para vingança, mas para que vejam como nos conduzimos, desprezando-os.

Como se depreenderá das páginas que se seguem, os possiveis momentos de rosas que temos encontrado são tão raros que a sagacidade do leitor não alcança. Aliás, pensamos que a vida presente deve ter um pouquinho de amargura, afim de que com maior ansiedade façamos jús a outra melhor.

Queremos acreditar que poderíamos perlustrar nossa estrada muitos dias sem urzes, si fôssemos um pouco dado a fazer madrigais; porém a experiencia tem mostrado que não são nada afeitos ao género os que formam sua personalidade entre cardos. Contudo, mais do que pensar se pode, temos experimentado momentos de dulçuroso prazer, e estes são precisamente os em que temos defendido um principio de justiça, resistido á violencia ou tido ensejo de ser util a alguem.

Consagrando nossa vida á causa da instrução da Mocidade, reputamos isso um gozo perene, uma satisfação continua, um fruir inexgotavel. E' que sentimos verdadeira ufanía por nossa profissão, sem mesmo poder até agora saber onde coloca-la — si antes

do que cura as enfermidades do corpo, ou do que suaviza as mazelas da alma. A nossa abre os olhos aos que os têm perfeitos sem, todavia, ver a luz, não distinguindo as maravilhas que encerram as vinte e cinco letras do Alfabeto.

Pais e filhos têm passado pelas mesmas carteiras de nossa aula, recebendo o mesmo pão espiritual, que não se exgota. E isto é para nós especial conforto.

Entre a Mocidade temos passado cinco oitavos de nossa vida, ou sejam trinta e dois anos, no propósito sincero de cooperar para a sua educação e instrução. Verificámos que muita razão assistia áquele que comparou o «métier» de professor com o do acendedor de lampeão, que deixa a cidade iluminada e vai dormir na escuridade. Dezenas, quiçá, centenas de jovens de três geração dos que outrora teimavam conosco sobre definições banais de gramática e taboada de multiplicar, são hoje médicos, advogados, engenheiros, militares graduados, dentistas, farmaceuticos, altos funcionarios, comerciantes, agricultores...

Para muitos fomos pai espiritual. Cresceram, entraram na vida continuando a distinguir-nos com o seu respeito e amizade, que por nada mais se traduz que reconhecimento.

Uns venceram na vida; outros ha que, com profunda tristeza, vemos constantemente na penuria, já tendo tido até a dolorosa oportunidade de, chorando no recesso de nosso sêr, estender-lhes a mão, não da caridade mas a da solidariedade humana, com um momentaneo auxilio. São os vais-vens da sorte amarga, os caprichos do Destino, conduzindo os homens pelos andurrais da vida.

C. C.

# I DÉCADA

# MINHA "GENS"

## I

SÁBADO. Plenilunio. 17 de janeiro, aos 225/236 do último século, naquela pinturesca saliencia do litoral norte riograndense onde

**«O mar vem mansamente na praia se espreguiçar»,**

vim á luz para aumentar, neste val de lágrimas, o numero dos que sofrem. E' minha terra um recanto obscuro, como Soles na Grecia, de onde nenhum homem de letras, soldado ilustre, artista ou alguem que tivesse qualquer projeção jamais saiu. Si não lhe quero bem, também não a desadoro.

Por instancias da familia, casara Minha Mãi pela primeira vez aos douze anos. Fôra infeliz, muito infeliz desse consorcio. O marido abandonou-a. Mas ela vingou-se.

Havendo grande necessidade de homens para a guerra contra o Ditador do Paraguai, conseguiu com as autoridades que ele fosse recrutado e mandado de

«presente» para o Imperador. E assim, no dia em que **Meduza** sulcava as ondas rumando o sul deante da praia, levando em seu bojo «carne» para os canhões», ela vestiu o melhor vestido e enfeitou a cabeça com flores, segundo a usança da época.

Dindinha censurou-a, mas tudo estava feito. De lá não voltou. Vitimou-o certamente alguma bala ou certeiro lançaço dos guaranis do Chaco.

Ficou sem filhos.

A muitos pode parecer extranho esse proceder de Minha Mãi. Todavia tendo-se em consideração que Pai Joaquim, seu genitor, tinha a latejar-lhe nas veias nada menos de 75% de sangue índcola, e que este tem particular deleite sempre que se lhe depara o ensejo de exercer uma vingança de ha muito mal contida, compreender-se-á que ela agiu obedecendo a um natural impulso.

Dos filhos que nasceram de Meu Pai fui o último dos onze. Seis morreram nos primeiros anos. Batizei-me ou, melhor, batizaram-me em Goianinha, sendo meus padrinhos o professor Manuel Laurentino de Alustau, Nossa Senhora dos Dôres e uma escrava nossa, Olimpia.

Meu Pai, «seu Chiquinho», si não era rico também não era pobre: possuía terras, escravos e era senhor do engenho **Monin.**

Meu avô, «Meu Padrinho» para os netos e «o velho Joaquim Hermógenes» para os extranhos, viveu tres séculos: nasceu em 1788 e morreu em 1900. Também tinha haveres: armadilhas de pesca, terras e basta escravaria. Sua mulher, «Mãi Luzia» era uma santa pelo coração e pelos sentimentos, em contraste com o velho, que por vezes era estouvado.

Homem previdente, por tres vezes esteve muito doente, pelo que mandou ele proprio fazer o ataude em que devia ser enterrado. Nenhum serviu para ele. Foram inhumados os filhos.

Meu Pai não foi dos últimos a morrer. Vitimara-o um banho no rio após ter com os escravos ateado fogo a um «partido». Disseram que « estoporou». Hoje, para casos idênticos a ciencia de Esculapio tem um nome grego...

Andava ele nos seus trinta e cinco anos. Nunca provou alcool.

Deixou-me com menos de dois anos, de modo que não guardo dele a mínima lembrança.

Teve por mim uma grande aflição. Assistia Minha Mãi comigo ao colo um terço que se celebrava em casa de meu avô. Em dado momento, soltaram uns fogos e uma fagulha veio ter desapercebidamente a um barril de pólvora postado por trás dela. Deu-se uma explosão. Disto resultou ficarmos eu e ela muito queimados, e muitos dias em casa para sarar das queimaduras.

Fui amamentado até mais de dois anos quando, dizia Minha Mãi, já era «muito sabido», tanto assim que só deixei a mama porque foi á nossa casa uma amiga e me pediu em casamento... Mas acrecentou que achava muito feio um noivo mamar...

Com a morte de Meu Pai tudo foi de aguas abaixo. Minha Mãi ficou com uma herança: os filhos em número de cinco — Herminio, Zacarias, Juventina (**Pequenina**), a que me habituei a chamar **Nena,** Cícero, que desde novinho madrinha Belinha tomara, e eu.

O mais velho tinha douze anos. Apenas apren-

deu a ler com meu tio Honorato, professor tão carinhoso que, certo dia, rasgou a orelha a um aluno e filho com um puxão que lhe deu por causa da Taboada.

A pobreza em nossa casa agora não tinha limites. Herminio foi trabalhar ganhando meia pataca diaria para os que ontem tinham sido feitores nossos, e Minha Mãi lutou com as maiores dificuldades para nos manter, porque não nos quis dispersar pelas casas de nossos tios.

Para a nossa familia nunca houve comendas nem brasões.

**Ego sum qui sum.**

# ÊXODO

## II

LUTANDO com toda sorte de embaraços, Minha Mãi, sem querer demonstrar seus sofrimentos, resolveu transportar-se para Cabedelo onde então já moravam Dindinha e duas filhas.

Uma noite teve ela um sonho interessante com Nica. Era Nica uma mulata que vivera amasiada com Tomé, escravo de Meu Padrinho. Diziam que ela tinha dinheiro enterrado, como era de praxe naquele tempo, mas ela se obstinava em negar de pés juntos.

No sonho aparecia dizendo a Minha Mãi que fosse com madrinha Belinha a certo logar, que indicava, e lá cavasse que encontraria o suficiente para as duas; era conveniente, todavia, levar Meu Padrinho com a Imagem do Senhor e rezando o Credo, porque o que aparecesse não seria bom. Esse sonho repetiu-se em tres sexta-feiras, sendo a última quando já estávamos em Cabedelo..

Minha Mãi não accedeu ao convite.

Para o nosso êxodo havia entre outras, uma se-

ria dificuldade: meio de transporte. Deante da praia só fundeava alguma embarcação de arribada. E entretanto era preciso ir. E fomos. Por terra, praia em fora.

Passámos varios rios e barras por vezes não sem perigo. Cunhaú, Guajú, Camaratuba foram vadeados em nosso exôdo até Coqueirinho, onde nos acolheu a bondade de «seu» França e da sua mulher, d. Jacinta.

Este casal era, pelos seus haveres, o principal da terra. Não tinha filhos; a senhora tinha, entretanto, uma cria interessante: uma porca queixada, verdadeira fera, que morava num cercado de estacas de pau a pique onde só penetravam a dona e... uma gata, que convivia com a porca na maior intimidade, a ponto de comerem e dormirem junto.

Poucos dias depois tivemos de seguir o nosso destino. Achava-se no porto, de saída para o Recife com escala por Cabedelo a barcaça **Marta de Lima** com cujo mestre conseguimos passagem.

Também era passageira uma mulher que conduzia um filho de tres anos, e que ainda era aleitado. Ambos eram pretos. De viagem caiu um aguaceiro, precisamente quando a barcaça vencia uns bancos de areia. Com o velame inflado, o mar encapelado, o cordame assoviava em varios tons, parecendo uma orquestra infernal; e a **Marta de Lima** por vezes arrastava a quilha pelo areal dos bancos.

A maruja, mau grado ter na câmara da barcaça um quadro emoldurando Santo Amaro das Salinas, seu órago, dizia imprecações em que o nome do diabo era invocado de preferencia.

Minha Mãi, resignada e certa de que estava escrita mais esta provação ao seu destino, nada dizia.

Já não procedia do mesmo modo a mãi do menino preto, pois na ocasião em que era maior o perigo, pôs para fora uma têta cuja rigidez era muito para desejar, e ofereceu-a ao filho, exclamando:

— Mama, meu filho, porque talvez seja esta a última vez!

O moleque sugava a têta mole, esticando-a como si fôra uma borracha e, indiferente ao que se passava, enchia a mão de farinha de uma mochila que a mãi conduzia e entupia a boca, numa voracidade de fera.

Cessou o aguaceiro; serenou o mar; transpomos os bancos; seguimos viagem. Chegámos.

# EM CABEDELO

## III

EM Cabedelo nos esperavam Dindinha com a cabeça adornada de fios de prata, tia Joaquina e tia Tereza. Por ser muito austera, Dindinha não me fazia muitas festas, e eu a temia.

Nossa situação não melhorou muito: apenas Minha Mãi teve campo mais vasto para trabalhar e continuar a manter-nos. Ainda assim sofríamos necessidades. Herminio e logo depois Zacarias também começaram a trabalhar e, com o pouco que iam percebendo, atenuavam-nas.

Nós, os menores, íamos ás vezes passear á tarde pela fortaleza, o velho forte que tinha o nome de Felipe II, ou íamos até Ponta de Matos. Lembro que, certa ocasião, num dos quartos da fortaleza, encontrámos um inglês que estava preso. Lutara com outro a quem esmurrara; ele proprio tinha o rosto inchado devido a um **box** bem aplicado. Falando sem que entendêssemos patavina, ele nos ofereceu bolachas aguadas e duras que nem ferro.

Um dia caiu sobre Cabedelo um furacão tremendo. Passada a refrega, fomos a Ponta de Matos e, com admiração, vimos que aquela enorme gameleira a cuja sombra brincávamos tinha sido arrancada pelo vendaval, e lá estava com a raiz para o céu.

Vivia naquele tempo na localidade uma creatura ultra-exótica de todos conhecida. Era Pai Domingos. Tratava-se de um negro velho, só no mundo, que vivia retirado de tudo e de todos.

Diariamente saía a mendigar e, uma vez obtido o suficiente para passar o dia, recolhia-se á sua locanda, debaixo dos coqueiros. Não recebia em dinheiro mais de um vintem.

Era o pavor da meninada de manha.

Sei de mim que fiz centenas de promessas a Santo Antonio para não me encontrar com ele. Apezar de nunca se ter dado encontro algum, jamais Santo Antonio viu dez réis meus.

Estavamos ainda no tempo em que se dizia:

— Aquieta-te, menino, que lá vem o velho!

Hoje diz-se o contrario...

Certa ocasião apareceu lá em casa um homem. Conversou muito e por fim mostrou a sua habilidade, que consistia simplesmente nisto: metia de guela a dentro um punhal de que andava munido, de modo que só ficava da parte de fora o cabo.

Achei extraordinaria aquela façanha sem pensar, siquer, que na vida é tão comum engulir-se estoque...

Tambem recordo Maria Perúa, uma velha bêbeda, que vivia a gabar-se de já ter «comido carne de vintem e farinha de dez réis».

Terra em sua maioria habitada por homens dedi-

cados á vida marítima, frequentes eram os conflitos entre eles e a policia.

Certa noite fomos ver dansar um «boi calemba» em casa de Jerónimo, um negociante. A assistencia era enorme, iluminada por parcos candieiros a querosene. Quando o «boi» saiu á roda, pediram que fosse bem «brabo». Isso foi o rastilho que desencandeou tremendo conflito.

Minha Mãi pôs-se a salvo conosco. O resto não vimos.

# DE RETORNO

## IV

ALGUM tempo depois faleceu Dindinha e também minhas tias.

Sendo crescentes as nossas dificuldades, tomou Minha Mãi a resolução de voltar para o Rio Grande do Norte, para Natal. Tomámos passagem em um cuter, o **Jaguarari.**

A viagem foi horrivel porque o barco jogava muito.

Era 1891.

Aqui chegados, fomos residir nas Corôas, que hoje não existem mais, porque ficavam onde está a Rotunda da Estrada de Ferro Central. Por trás ficava um matagal de cajueiro, velame, canafístula, caboatã e, numa clareira, o matadouro de Fabricio Pedrosa.

Eram nossas vizinhas Fana, que namorava com Manuelzinho Lucas com quem depois casou, e d. Maria Tereza e sua filha Ritinha, que faziam excelentes sequilhos. Quando nós os comprávamos, elas os entregavam por cima da cerca que era de sulipas de ferro.

Perto, na mesma rua, morava João Mererete que, vivendo ilicitamente com uma comadre, foi um dia confessar-se. O padre lhe teria dito que ele era um monstro, um cavalo, e que devia fazer penitencia rezando uns rosarios. O pobre homem impressionou-se, sugestionou-se, julgando-se mesmo um solípede. Chegando á casa, pôs uma cangalha ás costas e um cabresto á cabeça, e procurou encastoar um pau para enganchar um rabicho.

Deu trabalho convence-lo de que o padre falava por metáfora.

Por cima das dunas fronteiras via-se o grande moinho de madeira, da Empresa de Agua de Nicolau Bigóis, o qual puxava agua de um velho cacimbão contiguo, coberto de zinco, para o abastecimento da Ribeira.

O encarregado dos reparos dos encanamentos era «seu» Marcolino, um homemzinho de pernas arqueadas, pele de cuia, comburida pelo sol, cavanhaque tirante a Mefistófeles, usando de inverno a verão um colete sem camisa e calças arregaçadas até os joelhos. Eram seu complemento essencial um cachimbo sarrento e uma pá que trazia constantemente ao ombro.

Nesse tempo haviam começado os trabalhos do Melhoramento do Porto. E como iam todos os dias fazer levantamentos pelo Salgado, o povo, dada a índole do nortista de pôr apelido em tudo, logo os alcunhou de **Chama-marés,** por alusão aos caranguejinhos que saem das luras na baixa-mar.

O nome ficou por muitos anos.

De frente de nossa casa até onde ficam as oficinas da Estrada de Ferro Central, estendia-se o Salgado. Nas marés de lua alagava tudo, tomando pro-

porções extraordinarias, pois ia das calçadas da rua Silva Jardim até as Rocas da frente, e rumava para leste até a raiz das dunas. Profundo, não podia ser vadeado na altura das referidas oficinas.

Meses depois mudámos para a rua 13 de Maio, hoje Frei Miguelinho.

Uma tarde, brincando com Tonha, filha da vizinha, desmenti um dedo da mão. Nesta ocasião Minha Mãi me chama para ir á mercearia fronteira a comprar uma coisa qualquer. Com as dores, que já eram insuportaveis, vim chorando, dizendo que havia caido ao entrar no estabelecimento. Ela, porem, que ficara me observando, constatou que tal não se dera. Foi tratar-me da mão, pondo-lhe um emplastro de clara de ovo com breu.

Defronte de nós morava o velho José Mendes.

Era tempo de grande efervescencia politica, e chefe da situação o dr. Pedro Velho. Muito cedo, antes do sol, José Mendes levantava-se e, tomando uma cesta em cada braço, cada qual maior, ia ao Mercado fazer as compras diarias da casa de Pedro Velho.

Não era criado. Fazia as vezes...

## NA ESCOLA

V

ALGUM tempo depois de ter ficado restabelecido, entrei na aula, na mesma rua, na esquina da Travessa da Quarentena. A «mestra» era d. Senhorinha, tão delicada e carinhosa quanto era católica e atrasada.

Havia muitos meninos e meninas, sendo eu o menor. Algumas eram moças como Santa e Luiza Cordeiro e Maria Inacia, muito emproada, talvez porque já recitava a gramática que, varios anos após, verifiquei ser a do dr. Abilio Cesar Borges.

Os bancos não tinham encosto; mas pareciam de ferro pela resistencia que opunham ás nádegas da «tropa», que só se levantava quando era para «ir fora»...

Invariavelmente a aula começava por um hino que dizia:

Tu, cujo amôr, em cânticos,
Celebram sem cessar

O mundo dos espíritos,
O céu, a terra, o mar;

Senhor, acolhe as súplicas
Dos pobres filhos teus!
Ilustra-nos! melhora-nos!
Ampara-nos, oh Deus!

«A luz», disseste, «faça-se»,
E a noite em luz se fez;
Dissipe igual prodigio
A noite em nós vês!

Nas trevas da ignorancia
Não medra o santo amôr;
Ilustra-nos! melhora-nos!
Bondoso Salvador!

O material escolar exigido para mim foi pouco: a Carta de A B C do prof. Landelino Rocha, com a capa em tres cores — azul, branco e encarnado. Até na mensalidade a professora era sobria; lembro de que Minha Mãi pagava 1$500.

D. Senhorinha, «minha mestra», como chamávamos, dava-me a impressão de que sempre estava muito cansada. De fato, o marido tinha uma mercearia contigua á aula, na qual ela despachava a freguezia na ausencia dele, fazia renda em uma almofada e atendia aos alunos.

Enquanto isto, nós íamos cantando:

Um **b** e um a **b-a ba**
um **b e** um **e b-e be**

um **b** e um **i** **b-i** **bi**
um **b** e um **o** **b-o** **bo**
um **b** e um **u** **b-u** **bu**
**ba** **be** **bi** **bo** **bu**

Ás quartas-feiras e aos sábados havia «argumento» de Taboada. Apanhei muitos bolos; dei também alguns, mas estes não tinham importancia.

Na escola de d. Senhorinha tive a minha primeira briga. Foi com Jerónimo Cardoso, irmão desse boemio Jonas que toda Natal conhece. Era ele mais velho do que eu. O movel da intriga foi apenas um pedacinho de cêra de abelha meu de que ele se apossara. Prometemos nunca mais falar um com o outro. E até rapazes e nos defrontarmos pela última vez, não quebrámos nossa jura.

Um dia, com geral espanto, anunciou «minha mestra» que, tendo o marido interesses numa das praias do norte do Estado, era forçada a acabar com a aula. Os pais sentiram mais do que nós, pois ficámos sem os «argumentos» e livres dos bancos duros.

Para eu não perder tempo, Minha Mãi falou com Maria Inacia, aquela que recitava a gramática do dr. Abilio, para me ensinar.

Nesse tempo já morávamos na rua Formosa, numa casa de propriedade de uma preta corcunda a que chamavam Nambú. No quintal havia uma pitombeira de onde um dia caí e fiquei sem fala.

Naturalmente supunha eu que, aprendendo agora com uma colega de véspera, seria bem considerado, mesmo porque era filha de criação de «sinha» Casimira e de «seu» Germano, que tinha um quiosque na Tatajubeira e que me faziam tantas festas — ela me

dando excelentes tapiocas e ele pedacinhos de rapadura e me chamando «camaradinha».

Mas qual! A cachopa era inflexivel. Não compreendia que eu era muito rude. Certa vez chegou ao extremo: — pespegou-me dois bolos de escova!

Roguei-lhe uma praga! — que Deus permitisse que ela não casasse.

E a praga pegou. Morreu solteira.

Em casa de «seu» Germano apareceu uma novidade que despertou a curiosidade da vizinhança. Chegou do Pará João «boca de cheiro», que trouxera a primeira máquina falante que porventura aportara a Natal. O fonógrafo. Muitas eram as pessôas que disputavam o privilegio de ouvir «aquilo».

A máquina tinha um veio pelo qual se dava corda; um cilindro de borracha que tinha o som gravado, por sobre o qual corria um pontilhete. Ouvia-se o som por dois tubos de borracha terminados por uns como pipos, que se introduziam nos pavilhões auriculares.

Que satisfação experimentei quando chegou a minha vez de ouvir o fonógrafo!

Todavia, eu já ia lendo alguma coisa, tanto assim que era assiduo gaguejador do **Fantoche** e do **Eco**, dois hebdomadarios-pelourinhos dirigidos respectivamente por Chicó de Araujo e Ferreira Itajubá. Lembro-me de que o primeiro era ilustrado com caricaturas feitas de casca de cajazeira.

# RECUERDOS

## VI

TENDO Nambú vendido a casa que ocupávamos, fómos morar numa de José Tatú, no Alpendre, extremidade da Silva Jardim ou do Canto, assim também chamada porque ali por onde estão os trapiches da Fiscalização do Porto aportavam de tarde as jangadas que vinham da pescaria.

O Alpendre já não existe. Junto de nossa casa que era pequenina e má, negociaram sucessivamente Lustosa Pita e Horacio Mangabeira.

De lá guardo lembranças indeleveis, ocupando primeiro logar a de **Firvioca.** Nunca pude saber ao certo a significação deste termo como era por todos crismado aquele preto velho, que morava insulado num casebre todo esburacado, lá perto da Matança, onde fica presentemente o Almoxarifado das Obras contra as Sêcas.

Os únicos companheiros dele eram cães feios e magros, que conduzia amarrados uns aos outros pelo pescosso, puxando ele no cordão do da deanteira.

A maldade inventou que ele os comia.

Um pouco adeante de nós morava o padre Barau, que vivia abertamente amasiado.

Era um padre e tanto... Para confessar os penitentes, estendia uma cortina ao longo da sala de visita e sobre ela punha uma coberta encarnada. Deitava-se na rêde de um lado da cortina e o penitente do outro. E ouvia a confissão.

Tomava grogues formidaveis.

Coisa interessante: do seu concubinato só naciam afilhados...

Naquele tempo a festa do carnaval era muito diferente — entrudo: banho total na vitima, ou parcial com «laranjinha» feita de borracha ou cêra e cheia de agua fortemente colorida. Usava-se ainda a seringa, feita de folha de Flandres, com capacidade para mais de um litro de agua.

Mas, no auge do folguedo e... do alcool, na Silva Jardim pegavam-se as pessôas e atiravam-nas á maré que sempre é grande pelo carnaval.

Si a pessôa estava bem vestida ainda era melhor; tinha mais graça...

Também me ocorre um fato que na época causou sensação. Era coisa nova e chique em Natal, e por isto despertou o mais vivo entusiasmo, talvez bem maior que um torneio nas éras medievas, ou as olimpiadas na velha Grecia.

Chegaram as primeiras bicicletas.

O preço delas devia ser excessivo, porquanto só as possuiam os rapazes abastados, da elite — José dos Reis, Teófilo Marinho, Lupicino Barros, Joca de Góis e outros que vestiam da alfaiataria de «seu» Ribeiro ou de Aranha.

Treinados, entenderam realizar uma corrida na

Silva Jardim, para o que mandaram fazer a «pista», desde o hotel de Viterbino, onde é atualmente a Fiscalização do Porto, até o Alpendre.

No dia aprasado, enfeitou-se a rua com bandeirinhas de papel de seda e folhas de coqueiro amarradas a caibros de mangue.

Á tarde a rua regorgitava de gente, as calçadas não comportavam cadeiras. Houve música e os jornais falaram do acontecimento, salientando a dextreza dos ciclistas.

# NO "SITIO"

## VII

DA rua Silva Jardim fomos residir no «Sitio».

Ficava este na extremidade esquerda da rua Formosa, também chamada rua de João Guedes, por ser este um dos seus mais antigos moradores, precisamente onde está agora o Mercado. Perto, e fazendo esquina com a casa de José Pinduruca, encontrava-se a bodega de Joaquim Pesa Ovos.

O sitio pertencia ao Bom Jesus das Dôres (si é que ele sabia disso...), sendo procurador o velho Anacleto Ferreira, delegado de policia do bairro, e que não primava por falta de arbitrariedade no exercicio de seu cargo. Ele o arrendava a Joca Café que, por seu turno, nos alugava a casa nele existente.

Havia no sitio muitos coqueiros, cajueiros, goiabeiras, araçaseiros, bananeiras e pitombeiras numa das quais um dia matei de bodoque um c-g-cibite.

As fruteiras não entravam no contrato do aluguel: eram de «seu» Joca que ainda tinha banheiros públicos alimentados por bombas de sucção por ele mesmo tocadas.

Era um homem tão trabalhador quanto «afobado» e violento.

Muito cedo ainda, lá estava ele nos banheiros que ficavam na extrema do sitio, vestindo chambre de chitão encarnado, já suado, a dar ás bombas para encher as tinas, esperando que os primeiros viessem banhar-se. Um banho custava pouco — um tostão.

Nesse tempo ele era subdelegado de policia.

Certo dia entrou para o banho um sujeito. Quando saiu, notou «seu» Joca alguma coisa tresandando a ácido sulfídrico. O homem, sem dúvida, teria feito ali o que não era permitido no banheiro...

«Seu» Joca mandou busca-lo debaixo de ordens e, sob gritos e ameaças tremendas, obrigou-o a fazer um buraco e, com as proprias mãos enterrar o tributo que pagara á natureza.

Uma vez instalados no sitio, Minha Mãi matriculou-me na escola de Tonha, uma crioula que dividia a sua atividade entre desasnar-nos e engomar a roupa que sua avó lavava para numerosa freguezia. Morava ela debaixo dos coqueiros, onde ficam agora as instalações da Saboaria Potengi.

Só ás quartas-feiras e aos sábados não lha faltava tempo para o maldito «argumento» de Taboada, com todas as formalidades da palmatoria.

Tinha ótima letra, porém, dos números não ia além das quatro operações.

Quando entrei para a sua aula já lia o Segundo Livro de Leitura de Landelino Rocha, mas não sabia escrever um palavra. Tonha me fez um «traslado» que tanto copiei que até poucos anos sabia de cór.

Nossos assentos eram uns mochos e caixões de vinho Rocha Leão.

Minha Mãi não consentia que eu brincasse com «os filhos dos outros». No sitio havia muito onde brincar, o que fazia, e muito.

Tinha bonecas — umas de pano, outras de loiça — para as quais confeccionava eu proprio os vestidinhos, e, em honra delas, fazia frequentes «cozinhados» para os quais, naturalmente, o único conviva era eu.

Dizem que brincar o menino com boneca fa-lo ficar efeminado. Qual o que, meu senhor! ninguem como eu creceu mais homem, principalmente depois dos quatorze anos...

Para aumentar minha «tropa» de bruxas, recorria a outro processo. Conseguia sempre um pouco de cêra de abelhas e com ela fazia moleques. Gostava imenso deles, porque modelava-os conforme os meus caprichos. A este dava um nariz aquilino, áquele a cabeça dolicocefálica, a um as pernas tortas, a outro compleição de atleta... Tornei-me, dest'arte, um arremedo de Jeová, creando homens... de cêra.

Quando deixei as bonecas, brincava com carreteis de linha, vasios. Tinha centenas deles, porque pedia-os a todas as pessôas da amizade de Minha Mãi.

Certa vez meu irmão Zacarias, que era «muito curioso», deu-me um vaporzinho por ele feito. Pus-lhe um nome extrangeiro — **Valadólid.** E eu sabia lá o que significava «Valadólid!» O fato, porém, é que o nome me soava bem e por isto foi conservado. Toda a tripolação era de moleque de cêra. Bem merecera que antes lhe désse um nome africano, em virtude da côr escura da maruja.

Também fui fazendeiro. Si fui!... E o meu gado era muito nedio. Nem uma rez magra, de perigalhos pendentes. Raça pura. Nem uma só de côr diferente.

Os currais fazia-os eu dos galhinhos secos que cortava ás goiabeiras. Mais de uma vez «seu» Joca (Joca Café), vendo-me corta-los, aproximava-se para verificar si estava danificando as árvores, que ele proprio desfrutava, já com uma vara, já subindo galhos acima.

A originalidade do meu gado consistia simplesmente nisso: todo ele se compunha dos ossinhos das patas do gado de verdade. Os maiores eram bois e os menores, vacas.

Com tudo isso me entretinha quando voltava da aula de Tonha, só saindo, ás vezes, quando ia á mercearia de Joca do Pará, defronte, a comprar alguma guloseima, de ordinario bolachinha dôce de quatro por um vintem.

Ah, tempo bom!

Varias noites iamos assistir o ensaio de Lapinha em casa de «sinha» Quiteria, dirigido por João Salvadino — João Cobra — um cabra alto, magro, ultra-viciado, efeminado, mas ótimo cozinheiro, tirador de terços em que cantava a Ladainha em latim; comtudo, apezar de sua religiosidade, não escaparia em Sodoma, si lá estivesse no dia de sua destruição...

Mandavam-me também ás vezes, pela manhã, á casa de Henrique Gomes, irmão de Zé Tatú ou Tatú-no-relho, a buscar peixe do tresmalho comprado por meu irmão.

Tinha ele uma filha, a mais velha, já moça, que sofria de um grande incómodo: todas ás noites urinava na rêde. Em vez de tratarem-na convenientemente, não. Quando os pescadores chegavam e a sala enchia-se de gente, mandava ele, com voz tonitroante, que ela fosse buscar a rêde e expunha-a perante todos, para envergonha-la, mimoseando-a ainda com quantos

adjetivos lhe acudiam á mioleira — «dormente», «sem vergonha», «cara lisa», «mijona» e, por cima, tabefe. A senhora dele, d. Luizinha, aplaudia-o.

Ninguem achava graça.

Esse Henrique Gomes dava-se ao despórto de contar que quando fôra para a guerra, muitas vezes estava no acampamento e via as balas paraguaias, que naquele tempo eram de chumbo, muito vermelhas passarem em direção ás nossas trincheiras.

Fui muito religioso. Desejava imenso ir para o céu. Na minha ignorancia, quando olhava para a abóbada celeste e me lembrava que, por cima dela, estava Deus com aquela barba longa que lhe emprestam, vestido de camisola branca, rodeado de anjinhos gorduchos e nús a exibir fórmas atrevidas, santos de cabeça torta e olhar vago, supunha eu que lá naquele ponto em que o céu parece apoiar-se sobre a terra, o povo com mais facilidade entrava no paraíso. Tinha saudade por antecipação e ardente desejo de transportar-me ao horizonte, afim de juntar-me á multidão dos eleitos.

Extasiado, ouvia contar e acreditava que São Francisco de Canindé, tocado por um alfinete, vertia sangue; que certo dia entrara barra de Natal a dentro um caixão. Aberto, o conteúdo era um santo ou, antes uma santa — Nossa Senhora da Apresentação. No dia em que ela abandonar a igreja a cidade se anegará.

Hoje verifico que, estando o pónto mais alto do céu sobre nossa cabeça, significa que estamos sempre muito longe dele.

De uma feita Minha Mãi deu-me uma santinha — Nossa Senhora Mãi dos Homens. Fiz um altar entre os meus brinquedos, em casa, e coloquei-a. Dir-se-ia

hoje — entronizei-a. Não faltava flor para rodea-la e, quando arranjava um coto de vela, já se sabe, ela tinha luz para iluminar-se. Eu sabia rezas.

Como tudo muda! Bem razão tinha aquele filósofo que disse não haver ninguem mais diferente do que o homem de si mesmo.

Vagamente embora, recordo o **Batalhão Silva Jardim.** Organizou-o Pedro Velho a título de apoiar a política de Floriano Peixoto, despótica, mas necessaria naqueles dias em que periclitava a estabilidade do regime de 15 de novembro de 89.

Todas as figuras de representação social ou projeção política no partido do chefe da propaganda republicana na cidade dos Albuquerques, fizeram parte dele: — Juvino Barreto, Alberto Maranhão, Luiz Lira, Eloi de Sousa, Fabricio Pedrosa, Hermógenes Medeiros, Adelino Maranhão, Joaquim Manuel, Jeremias Pinheiro... Uma centena.

Havia muita gente disposta naquele tempo...

Era porta-bandeira o jovem Sergio Barreto, e comandante o major reformado Pedro Lima. Os exercicios eram feitos na campina fronteira á igreja do Bom **Jesus e á casa do coronel João Avelino de Vasconcelos.**

Sempre que eu podia furtar-me á vigilancia de Minha Mãi, ia ver como se exercitavam os patriotas á voz tronitoante do velho major, que se batera nos campos do Paraguai.

A farda era preta, tendo o dolman platinas verdes em harmonia com as listas verticais das calças. Perneiras brancas. Uma boniteza!

Os oposicionistas, porém, crismaram os voluntarios da briosa e valente milicia por **Tapacús de serrote.**

Quando se falou na possibilidade do embarque da valorosa unidade para o sul, aconteceu como na fábula dos ratos contra o gato, no momento em que se apresentou a proposta de pôr um guiso ao pescosso do bichano. Ninguem queria ir.

E lá ninguem foi.

Foi também quando morávamos no sitio que se deram graves conflitos entre praças de «linha» e policiais.

A cidade era sordidamente iluminada por distanciados lampeões a querozene — verdadeiros hangares espetados em estacas de mangue, a apagar-se com o vento, ou enegrecendo com a propria fuligem. De nada serviam.

A' noite, a soldadesca do «34», desenfreada, apavorava a população que cedo se recolhia. Morreram varios soldados de parte a parte: na rua Santo Amaro, Rabo da Besta; e até no Mercado Público um soldado matou outro, atirando-lhe um côco á cabeça. Os conflitos repetiam-se. Uma coisa horrorosa naqueles tempos de pacatez beatifica.

Os boatos de todos os dias eram fantásticos. Diziam até que o comandante do «34», coronel Antonio Neri ou Virgilio Ramos açulava os soldados, dizendo que seria castigado aquele que chegasse ao quartel surrado.

Cessou a borrasca com a retirada estratégica da Policia para São José.

Em principios de 1894 recebeu Natal a primeira visita de d. Adauto, bispo de Paraíba. Foi um acontecimento falado. Pois não é que até eu, fedelho de sete anos, fui pressuroso até a igreja do Bom Jesus beijar-

lhe o anel, voltando para casa muito prazenteiro como si tivesse ganho alguma coisa! Bobices de creança.

O bispo foi hospedado no Ateneu, talvez porque não houvesse na época uma casa que conviesse a tão distinta personagem.

Contam, então, que, quando se foi embora, houve luta tremenda entre duas velhas beatas, que disputavam a posse de certo utensilio cujo nome não devo declinar, e que fora de serventia do prelado. Tanto o puxaram que afinal o quebraram. Nem tico, nem taco.

Uma dessas velhas acudia ou, antes exasperava-se com a alcunha que lhe deram de «Capão».

Nesse tempo viajava meu irmão Zacarias para Pernambuco. Quando se achava aqui, sempre eu ia á tarde chama-lo para jantar lá atrás da igreja do Bom Jesus, onde havia uns troncos de coqueiros, e a essa hora reuniam-se varios rapazes para contar casos, quando não iam jogar bola em casa de «seu» Lino, que vendia agua e banho, por trás do teatro. A cacimba ainda existe.

De 1894 para 1895 as coisas não correram bem, houve crise em geral. A falta de farinha, principalmente, era enorme. Comia-se **farinha do barco.**

«Farinha do barco» era simplesmente a que vinha do sul, quiçá, de Santa Catarina, com acentuado cheiro caracteristico, que a distinguia da regional chamada **da terra.** Ainda assim custava caro: 1$500 uma cuia de cinco litros.

Para nós a obtermos, valia-nos a amizade de mestre Antonio **Estivador,** que morava num beco onde se levantou o edificio da Segurança Pública. Sempre que recebia uma partida, avisa-nos, e eu ia busca-la muito alegre.

Nas minhas cogitações puerís, uma coisa me trabalhava a mente.

Pela Semana Santa, saía certa procissão precedida de um estandarte roxo. A garotada disputava pegar nos estais da verga. Nele se liam as seguintes letras amarelas: **S. P. Q. R.**

Eu não sabia o que significavam e isto me intrigava sobremodo.

Ora, é sabido que as siglas sempre se prestaram ás interpretações mais pinturescas. Haja vista desde as conhecidas **I. N. R. I.** que põem sobre a cabeça de Cristo morto até o **P R** do tempo em que a brava familia de Bragança aportou ao Rio de Janeiro.

A fedelhada como eu curiosa, porém mais viva, traduzia a sigla do estandarte muito simplesmente — **Sabão. Pão. Queijo, Rapadura.**

**Traduttore, traditore.**

Certa vez, não lembro como, veio ter ás minhas mãos um livro da **Historia de Carlos Magno** e dos **Douze Pares de França.** Entusiasmaram-me as procsas fantásticas dos façanhudos Roldão e Oliveiros, bem como as do membrudo Ferrabraz. Que gente extraordinaria!

Li e reli o livro e comentava as bravuras e bravatas de todos. Senti então desejo de ler. Sempre que Zacarias ia ao Recife eu fazia encomenda da literatura de que tinha noticia: — **Princeza Magalona, Donzela Teodora, Roberto do Diabo, Bertoldinho, O Marujo Vicente,** etc., e tudo lia com avidez.

Com as garabulhas que aprendera a rabiscar surgiu-me certo dia uma surpresa. Disseram a uma mulher que havia perdido dado objeto, que mandasse escrever uma oração em torno de espiral desenhada num

cartão; desse modo o objeto desaparecido voltaria ás suas mãos. Atinou ela com a nossa casa, e eu gatafunhei tudo conforme ela ensinara. Coincidiu poder rehaver o seu bem, o que atribuiu á eficacia da oração.

Quem perdeu no caso fui eu, pois tive ainda de escrever umas cinco ou seis orações daquelas. A fama criou azas...

Quanto é admiravel o poder da Fé!...

# II DÉCADA

# DESEJOS...

## I

PLÁCIDOS corriam para mim os dias de 1896, dividido o tempo entre o horario das aulas de Tonha e os meus brinquedos com os carriteis, ossinhos das juntas de bois, moleques de cêra e o **Valadólid,** o vapor que Zacarias me dera.

Um dia passou-me pela mente a idéa criminosa de fumar. Si todo mundo fumava, porque não havia eu de fazer o mesmo? Como seria delicioso experimentar um cigarro, tirar aquelas baforadas de fumaça branca que subia e depois deluía-se no espaço?...

Até o cigarro de Pedro Doido me causava inveja.

Pedro Doido era um lunático que vivia nesse tempo. Tinha a mania de arrancar os fundilhos ás calças e substitui-los por um entrançado de molambo cheio de nós, dando a fórma de um ninho.

Entrava em muitas casas de familia, pedia café, dizia uma tolice e saía a correr, rindo.

Pois eu havia de fumar. E fumei.

A coisa passou-se assim: arranjei um vintem, fui

á venda de «seu» Joca do Pará, e comprei-o de cigarros **15 de Novembro.** Eram dois cigarros de fumo picado, rico em nicotina. Levando fogo, sentei-me num galho de cajueiro, acendi o primeiro e fumei-o todo.

Que de ufania senti! Pois já não me considerava um rapaz? Passavam-me pela cabeça mil coisas.

Concluido este, acendi logo o outro. Quando ia a meio, comecei a sentir extranhas sensações — suores frios, vontade de vomitar, cólicas fortes...

Corri para casa e disse a Minha Mãi que a minha enxaqueca tinha me atacado. Ela, longe de perceber a minha velhacaria, deitou-me numa rêde, deu-me a beber café com cravo do reino e outros engredientes. Adormeci.

Estou certo de que si ela tivesse me cheirado a bôca, a chinela teria o que fazer...

Raramente ela me batia, apezar de ser eu muito chorão. Por qualquer tolice estava em pranto.

Certo dia, azoinado já, disse-lhe Herminio:

— Porque Minha Mãi não acaba com o abuso deste menino que de tudo chora?

Ela tomou em consideração a justa representação, e o chinelo fez-me as devidas honras...

Também uma ocasião tomei uns cocorotes que me arderam na cabeça. Eu tinha o mau hábito de que é vítima muito menino. Sempre que ela conversava, eu entendia que devia apartea-la para corrigir tal ou qual incidente.

Sentia com isso uma satisfação imensa, de já poder entrar em conversa de **gente grande.** Ela chamava-me a atenção algumas vezes, mas eu não me corrigia.

Depois a paciencia exgotou-se e o cocorote zuniu. Emendei-me.

Quando era acusado pelos outros, tinha ela esta desculpa que só as mãis podem arranjar:

— Deixem-no estar! Ele não conheceu pai...

E eu ia assim atravessando.

Governando o Estado pela primeira vez o dr. Ferreira Chaves, foi agredido e surrado a rebenque, na rua das Lojas, hoje Dr. Barata, o dr. Nacimento Castro, sendo o autor da façanha o capitão de Policia Joaquim Lustosa.

Guardo do dr. Nacimento vaga lembrança por causa de sua endumentaria: só usava calça, colete e fraque de brim branco, e chapéu duro.

Depois dele nunca mais vi ninguem de fraque de brim.

Pouco depois o major Caldas e o capitão Quincó davam também umas coças no desembargador Espirito Santo, chegando até ferir-lhe a cabeça. Coisas da politica. Os surrados eram **Biríbas,** nome por que apelidavam os oposicionistas a Pedro Velho.

# A PESTE DE 1896

## II

O ano de 1896 foi de flagelo.

Uma terrivel epidemia de variola desenvolveu-se nesta Capital, onde o serviço de vacinação era **avis rara**, e centenas de vidas foram ceifadas.

Frequentemente dizia Minha Mãi que si viesse a ser atacada do mal não sobreviveria. Constou-lhe que o vigario João Maria dava umas dóses que premuniam contra a peste. Uma noite foi ela comigo ao Consistorio da Matriz e pediu-lhe dóses para todos nós. Ele deu.

Mas, ou porque elas não produzissem o desejado efeito, ou porque o nosso organismo já tivesse o mal em incubação, o fato é que, dias depois, fui atingido. Sei bem que me achava brincando com o meu «gado» e, apezar de sentir o corpo esquentado, comi uns araçás verdes. De noite ardia em febre. Era variola.

Dias depois foi Minha Mãi, e Herminio, e Pequenina, e Zacarias. Fechou-se a porta.

Para ministrar homeopatia eram «seu» Fortunato

Aranha e «seu» Gregorio, irmão dele. Almas generosas que piedosamente e gratuitamente afrontavam a peste, como verdadeiros heróis, tendo sempre uma palavra de conforto para os doentes.

«Seu» Gregorio nunca se cansava de repetir:

— Vai tudo em bôa marcha... O tratamento é este mesmo; não ha alteração.

Para lidar conosco vieram dois amigos: Maria Teresa e «seu» José da Carroça, assim cognominado por ser ele quem guiava a carroça que recolhia o lixo. Foi Minha Mãi quem mais sofreu, pois as varíolas que lhe naceram foram muitas e de mau carater. Para suportar a cama foi necessario forra-la com folhas de bananeiras untadas com oleo de amendoa.

Após a séca, sente-se um apetite devorador. Nossa alimentação era pão, arroz, carne sêca, farofia e café.

Primeiro levantei-me eu. Após o banho, que tinha significação de «alta» do lazareto em que estava convertida a nossa como centenas de casas, era natural que auxiliasse os enfermeiros, ao menos em fazer as compras. Sofri muito nos primeiros dias, em razão da pele dos pés achar-se muito delicada. Qualquer grãozito de areia produzia-me dôr. Mas era preciso trabalhar.

Um dia, indo a fazer umas compras, tinha de passar por uma vacaria que ficava onde é agora a casa do snr. Alfredo Barbalho. Entre outras, estava uma vaca preta que, assim que me viu, formalizou-se, tomou atitude ameaçadora e investiu contra mim.

Neste momento de «salve-se quem puder» esqueci si os pés me doiam e corri a bom correr. Safei-me.

Meus irmãos foram se levantando. Só Minha Mãi,

cumprindo o seu prognóstico, continuou ainda algum tempo de cama e quando se levantou, continuou adoentada até 27 de fevereiro de 1897 quando foi chamada para a outra vida.

Ninguem como ela conheceu melhor que ia deixar-nos. Uma hora antes chamou-nos todos, fez as últimas recomendações, abençoou-nos um a um, e pouco depois expirava calma como quem está certo de ter cumprido o seu dever.

Não podendo suportar a sua ausencia naquela casa, fomos ficar com Moça, uma distinta amiga, na mesma rua.

Deste ano ainda recordo o embarque no «Una», da Companhia Pernambucana, do 34º Batalhão de Infantaria para a cidade do Salvador, afim de incorporar-se ás outras forças que iam combater os «jagunços», chefiados por Antonio Conselheiro, em Canudos.

O aludido embarque teve logar no trapiche da Alfândega, e foi assistido por toda a cidade que foi despedir-se, naquela tarde de sol, de seus filhos que iam defender a legalidade. Segundo Wanderley recitou uma poesia concitando os soldados, Ferreira Itajubá fez um discurso. Palavras de animação, lágrimas, adeuses saudosos e até pilherias que fizeram rir.

Saiu o Batalhão com grande efetivo, para voltar mêses depois com grandes claros, a banda de música reduzida, sem instrumentos para encobrir o nervoso **pipipi** da requinta do mestre — Abdon Trigueiro, e a bandeira rôta e denegrida, mas vitoriosa.

# DE DÉU EM DÉU

## III

CHOVIA a cântaros nesses dias; os trovões e relâmpagos eram tremendos.

Certa noite ouviu-se um relâmpago descomunal que parecia abalar toda a cidade, e a seguir o rimbombar pavoroso do trovão sobre a cidade. Caiu uma faisca na igreja de Santo Antonio, desempoleirando o galo da cúpula, rachando esta e danificando o altar-mór.

Daí a dias era domingo. Herminio, que gostava muito de aprender rezas, estava sentado numa rêde procurando embutir na memoria o «Oficio de Nossa Senhora». A chuva era torrencial. Quando ele já ia naquela passagem que diz: «Deus te salve, relogio, que andais atrasado», a cumieira estalou e o tecto veio abaixo.

Foi uma verdadeira tragedia!

Ficou a cartilha para um lado, e todos metemos mão á obra, retirando os moveis sob uma chuva que nos não deu treguas. Fomos ficar em casa do snr. An-

dré Virginio, que foi muito distinto para conosco bem como d. Inacinha, sua senhora.

Depois de muito custo, só conseguimos uma casa nas Rocas da Frente.

Não frequentei mais escola: fiquei com o que já aprendera. Lia, garatujava letras, somava e multiplicava apenas. Com a subtração sempre me embatucava, quando no minuendo havia uma ordem menor que a correspondente no subtraendo. Da divisão nada sabia.

Em vista de Herminio ser agora o dono da casa de fato e de direito, vivendo sempre a lutar pela vida para manter-nos, e de minha irmã viver constantemente adoentada, eu me permitia mais liberdade. Ia ao estaleiro de construção naval de mestre Felipe para ver mestre Albino, mestre Tomaz, «Milharada» Virgilio fazerem cavernas, patilhões, taboas de costado, roda de pôpa, saia de leme de baleeiras, alvarengas, lanchas, cúteres, hiates, e Joaquim de Terezinha, Zé-Mamãi e outros calafates, a trabalhar, já queimando já pixando, já calafetando o costado, o fundo ou convez de embarcações.

Meus carreteis, meu «gado», meus negros de cêra de abelha foram substituidos. Como os outros meninos, agora tinha eu uma barcacinha com a qual brincava no Salgado, quando a maré estava cheia.

Eu ouvia dizer que, enterrado o cadaver, este reduzia-se a pó. Seria verdade?

Tentei fazer a experiencia. Arranjei um caixãozinho e enchi-o de areia. Matei um caranguejo e enterrei-o na areia que o enchia. Passada uma semana, fui ver si ele já tinha «virado» pó. O crustaceo des-

prendia podridão. Vi logo que a coisa era para muito tempo...

Abandonei a experiencia.

Junto da nossa ficava a casa de Manuel Barbosa, patrão da Praticagem; eram meus companheiros seus filhos João e Luiz — aquele, garoto muito levado, sabedor de muitas coisas...; este, aleijado das duas mãos, que as tinha voltadas para dentro dos braços, formando com eles uma especie de **L.** Nem por isso deixava de fazer tudo.

Á convivencia destes e de Joaquim de Lira que também aparecia para brincar conosco, devo ter aprendido as primeiras inconveniencias... Eram já bem treinados nas coisas pelas quais dizem ter pai Adão sido expulso do jardim onde o pusera Jeová...

A minha liberdade ia-se ampliando ou, antes, eu ia ampliando-a por conta propria, pois saia da casa para ir ver pescar de tresmalho na Ponta do Morro, hoje Montagem. Vez por outra ouvia entre aqueles homens termos e varias expressões a que meus ouvidos não estavam habituados, mas cuja significação logo apreendia: ora era uma simples metáfora, ora um termo pesado como o pontapé de um galego.

Pouco mais de um ano da morte de Minha Mãi, faleceu minha irmã, na flôr da idade. Vinte e um anos. Ficamos morando agora juntos eu, Cícero, que viera viver conosco desde a morte de Minha Mãi, e Herminio.

Era uma república.

# APRENDENDO...

## IV

CHEGADO certo dia á casa anunciou-me Herminio que, sendo preciso aprender alguma coisa para ter de que viver, falara com Mestre Silvino para me receber como aprendiz na sua oficina de serralheiro, na rua das Virgens, onde ha hoje uma serraria. Nada repliquei.

Na proxima segunda-feira lá estava eu deante do homem que ia me ensinar a trabalhar.

Encontrei dois companheiros: um preto chamado Francisco, mas que acudia por «Caiçara», e José Miguel. Também trabalhavam aí na oficina Casimiro, filho de Mestre Silvino e Chico Teixeira (Chico Cámara), esse cego que toda Natal admira pela inteligencia e capacidade de trabalho.

Os dois aprendizes foram logo me familiarizando com os diversos utensilios do oficio: — bigorna, safra, ponção, buril, tenazes, apontador, atarracha, talhadeira, malho, etc.

Com pouco mais de um mês já sabia fazer raspa-

côco e grelha. Trabalhávamos nisso ás escondidas para obter algum dinheiro, pois o Mestre por semana nos dava dez tostões e não mais do que isto, quando dava.

Quando não tínhamos o que fazer, palestrávamos acerca até de coisas serias. Foi «Caiçara» quem me contou primeiro como se fez a fortaleza. O terreno anoitecera sem indicio de trabalho. De noite, vieram os holandeses, por baixo do chão, barrete vermelho, iniciaram a obra que de manhã estava concluida.

— Ah, povo danado! exclamava ele deante de nós boquiabertos!

Também foi desta convivencia que comecei a interessar-me pela magna questão que dividia em campos opostos os curumis dos dois bairros que naqueles dias formavam a cidade dos Albuquerques: Cidade Alta e Ribeira. Alecrim era uma expressão geográfica aonde se chegava através de barrancas e matagais. Petrópolis e Tirol nem existiam: foram creações do século XX... Quem falava em avenida Dez, rua Seridó, rua Borborema?

Em vez do jardim da praça Augusto Severo, havia, do local em que fica a estatua do inditoso aeronauta á calçada da Pensão dos Leões até a frente do Teatro, uma campina que inundava em toda maré grande, devido á agua que penetrava por onde é o canal do jardim. Junto ao muro da Great Western havia um pontilhão de madeira, que dava acesso para a Cidade Alta.

Era o «Pé da Ponte».

Ai! do menino da Cidade que ousasse vir sosinho á Ribeira. Ai do fedelho da Ribeira que fosse desacompanhado á Cidade. Os da Cidade eram «Xarias» — co-

medores de xareu (?); os outros, «Canguleiros» — comedores de cangulo.

O introito era o insulto em que nem sempre a palavra «mãi» era olvidada; surgiam os «torcedores», formava-se a trança que muitas vezes começava pelos meninos e terminava pelos homens.

Por ocasião das procissões havia na certa brigas de meninos.

Foi por essa época que vestí calças compridas. Quem podera imaginar a minha alegria? Era para mim uma satisfação imensa olhar-me de cima para baixo e ver as pernas vestidas com aquelas calças azuis, que foram as primeiras. Via-me um rapaz, um homem.

Dantes, quando tinha um desejo, uma idéa, exclamava: — quando eu fôr homem...

O tempo estava chegando.

Na oficina havia uma máquina de furar ferro. Um dia, achando-me só, entendi que devia meter o dedo indicador entre a engrenagem. Resultado: — as rodas dentadas arrancaram-me a unha. Passei varios dias em casa sem poder trabalhar,

Passado algum tempo, em vista do seu estado de saude, Mestre Silvino resolveu deixar a oficina e mudar-se para Pernambuco.

Eu e os meus companheiros fomos aprender com «seu» **Bilé.**

Esse homem, que ainda hoje vive nesta Capital, era tremendo; não nos desculpava a menor coisa. Os nomes de que sua bôca estava constantemente cheia — e que nomes! — espipava-os numa volupia incontida. Dizia-os e repetia-os duas, tres vezes como para melhor saborear-lhes o morno odôr de pornéia.

Um dia morreu-lhe o pai. Não tivemos trabalho na oficina. Saí com Chico Teixeira para tomar banho na lagôa de Jacó, abaixo do monte Petrópolis. Na vereda por onde havíamos de passar estava atravessada uma surucucú enorme. Não tinhamos com que atacala. Tomámos uma resolução: salta-la. E assim fizemos.

Não podendo aturar muito os pifões e brutalidades de «seu» **Bilé,** Chico Teixeira abandonou a oficina e foi embora com uma companhia de acrobatas.

Quando chegava á oficina alcoolizado peor ainda se tornava. Tudo suportávamos e ainda trabalhávamos de graça para ele. De continuo vivia a ameaçar de esbordoar-nos. Tremíamos todos. Eu fiz logo cientes aos meus companheiros de que não me sujeitaria a castigos corporais.

Numa segunda-feira, tresandando ao alcool das últimas noitadas, chegou ele trazendo embrulhada uma palmatoria que, dizia, ter encomendado para nós. Pôs-lhe um cordão no cabo e pendurou-a de um prego na parede. Não sei o que sentiram os outros; quanto a mim, reiterei no meu íntimo que não seria para as minhas mãos.

Tudo se fazia para não assanhar a fera. De nada valeu. Certo dia, de olhos arregalados, suando gelo e o coração a bater descompassadamente, vimo-lo por nada agarrar o José Miguel e aplicar-lhe quatro bôlos tremendos. Poucos dias depois foi «Caiçara» a vítima da brutalidade de «seu» **Bilé,** que, depois do ato, vira-se para mim e diz **sans façon:**

— Os dois já sabem o gosto desta, o outro será Você! Está ouvindo?

Por arte do diabo, aconteceu certa vez que ele me mandou dar uns furos de meia polegada numa barra

de ferro, e saiu dizendo que só voltaria no dia seguinte. Por mero descuido, em vez de meia polegada, furei cinco oitavos. Quando dei pelo erro, fiquei frio. Lembrei-me de que o ferrabraz cumpriria a sua promessa...

Indo para casa, fiz ciente a meu irmão de tudo, e disse-lhe que não voltaria á oficina.

Ele me deu razão.

Levado por outros, em 1901 acompanhei uma procissão. Tinha essa aparente devoção uma finalidade, aliás, duas: a primeira era bater propositadamente com o bico da botiha nos calcanhares das beatas, para ve-las interromper a reza e dizer improperios; a segunda, pregar com alfinetes os vestidos das velhas, e ve-las depois, no atropelo, de desprega-los.

Isto nos causava particular delicia.

# NO "TECIDO"

## V

PASSADOS alguns dias disse-me Herminio que tinha falado com «seu» Smith para eu ir aprender no «Tecido».

O «Tecido» era a fábrica de fiação e tecidos, única até hoje havida no Rio Grande do Norte.

Snr. Smith era o engenheiro e gerente o snr. Pedro Barbosa, que a maldade dos operarios crismara de **Pedro Faz Tudo,** porque naquele último ano do século passado era só em Natal quem sabia fabricar vinagre, sabão, entendia de máquinas e de outras coisas. Era, sobretudo, muito enérgico para com os operarios. E assim se fazia preciso ou então tudo virava frege.

«Seu» Barbosa surpreendia os operarios e, principalmente, as operarias num olhar ligeiro, num risinho a medo.

—Ê... ê... não tem vergonha, não, diabo? dizia ele, esses diabos não casam com carrapato porque não sabem qual é o macho nem a femea.

Trabalhei a primeira semana satisfeito. Mas quan-

do chegou o sábado e eu vi todos receber seus salarios e eu nem um vintem, fiquei deveras intrigado. Disseram-me então, que só na outra semana começaria a ganhar também algum dinheiro.

De fato. No outro sábado vi, na «folha da oficina» o meu nome no último logar com o salario semanal de 1$500. Fiquei radiante. Já ganhava dinheiro. Foi com verdadeira volupia que recebi do dr. Sergio Barreto aquela importancia.

Meu mestre de oficio era agora Vicente Leite, de cabeleira, muito conversador, talvez, coitado! para esparecer o mal que lhe fizera os esculapios, privando-o de prestar culto a Venus, deixando-o apenas capacitado para guarda de harém...

Fiz logo amizade com Peteca, um sujeito que por ocasião do cólera em Natal, fôra como morto para o cemiterio, escapando miraculosamente de ser enterrado vivo; com «seu» Felix, um negro que viera de São Paulo em cuja penitenciaria estivera detido quatorze anos por ter morto, brincando, a mulher com quem vivia; Manuel Cordeiro, o tipo mais perfeito do ignorante.

Certa vez ele foi receitar-se ao médico da Fábrica. Este, naturalmente, perguntou-lhe o que sentia. Manuel Cordeiro disse simplesmente ao esculapio:

—**Seu doutô,** o que eu sinto é uma travanca nos peitos...

Si o médico receitou alguma poção para «travanca», não sei eu.

Havia na oficina um sujeito que não falava com ninguem. Ótimo operario mas muito antipatizado, porque vivia a catar picuínhas e levava-las a «seu» Barbosa. Um espião. Sujo, porque não mudava a roupa para

trabalhar e, com a camisa que trazia na segunda-feira, ia até o sábado.

Chegou mesmo a representar contra mim, dizendo que eu também tinha uma namorada. «Seu» Barbosa prometeu tomar rigorosas providencias. Tudo foi em vão, porque continuei a receber latinhas de doces, toalhinhas franjadas, os risos furtivos e os olhares dos encantadores olhos de Antonia quando ia ao «recreio», cantando com a sua argentina voz essas modinhas em tom menor, que tanto comovem o coração nortista.

Comentava-se ainda como fato recente o ter Eduardo dos Anjos se dedicado ao estudo, já homem, e Pedro Alexandrino, marceneiro que era da Fábrica, porque «seu» Juvino um dia, zangado, lhe virou o banco, abandonou o oficio e foi estudar.

Eu desejava ardentemente saber alguma coisa. Algo me bacorejava que ali não devia ser o meu logar. Entretanto, já ganhava tres mil réis por dia.

Para a época era alguma coisa, pois mandei fazer roupa de casemira, tinha calçado bom, chapéu de palhinha, fumava, dava metade a meu irmão, e ainda sobrava dinheiro para outras despesas...

# EM CASA DE JOANINHA

## VI

AGORA estávamos morando em casa de Joaninha de Bitonha, á rua do Triunfo.

Por ser muito simpática, lá reuniam-se á tarde todos os boemios da Ribeira: — Lulú e Alfredo Cordeiro, Pido Piloto, Ferreira Itajubá e Bibi, seu irmão, além de outros, para contar casos e ouvir pilherias de Itajubá. Não sei bem si se poderia chamar aquilo um cantão. Havia uma turma mais nova que ainda não tinha idade para entrar naquelas apreciações. Éramos eu, João Miudinho, filho de Joaninha, Zé de Tonha, Teodomiro Ramos, Firmo...

Meu irmão Zacarias por esse tempo já havia morrido no Pará e Cícero também andava por lá.

Joaninha, muito abobalhada, ria das pilherias dos rapazes a quem indistintamente chamava «meu bem». Eu continuava na Fábrica.

Á tarde, após o jantar, como não podia entrar na conversa dos rapazes, dava um passeio curto e voltava, quando não ia ao Alojamento da mesma Fábrica tomar lições de música com «seu» Cironi.

Foi em um desses passeios que dei indo ao Canto, onde encalhavam as jangadas que vinham da pescaria, que presenciei a animosidade do povo quando foi decretada a lei do sêlo, por Campos Sales que, desse modo, queria soerguer as finanças do paiz. Cada qual dizia o que pensava sobre dita lei e, no auge da indignação, chamavam-no «Campos Selos», juntando que longe não estaria o dia em que mandasse pôr um até...

Felizmente não mandou.

Numa terça-feira de maio de 1901, entrei na igreja do Bom Jesus, onde se rezavam os terços do mesmo mês. Depois fui pela atual rua Frei Miguelinho e vi num salão uma reunião de diversas pessôas. Cantava-se. Aproximei-me e fiquei com outros curiosos no «sereno». Deante do auditorio, tendo a iluminar-lhe a loira cabeça um candieiro a querosene, encontrava-se João Ferreira Nobre com a Biblia aberta, pregando.

-- «Só ha um Deus, dizia com ênfase, e um só Mediador entre Deus e os homens, a saber, Jesus Cristo Homem».

Aquelas palavras me entoaram. Nunca tinha ouvido falar de tal coisa. Na outra terça-feira lá fui novamente, e entrei.

Célere espalhou-se a noticia de que eu tinha «virado» **capa verde,** nome pelo qual foram primeiramente conhecidos os protestantes em Natal.

O espião de «seu» Barbosa, que para cúmulo de seus defeitos era também fanático, soube que eu era **capa verde.** Vez por outra, uma mofina, uma sincada. Um dia bati a martelo um pedacinho de prata para fazer uma chapa. Disseram-lhe, e ele acreditou mesmo, que se tratava de uma Santa Luzia que eu, inconoclas-

ta, destruira. Foi o diabo: mexerico a «seu» Barbosa, pedido de providencia a «seu» Smith, até insultos.

Aborreci-me devéras. Deixei a Fábrica, jurando comigo que não seria mais operario.

Fiquei em casa. Continuei com a assiduidade propria dos novos conversos a frequentar os cultos. Novas relações fui fazendo. O zelo da nova fé levava-me a encarar tudo isso como provações. Não dizia o Evangelho que quem quizesse seguir a Cristo tinha que levar a sua cruz? Estava satisfeito.

Contudo, faltando-me dinheiro, fui, a convite de snr. Smith, trabalhar no reparo de umas máquinas na Carnaubinha. A casa que me deram para dormir ficava á margem do rio; era um armazem grande, velho, esburacado e escuro onde os morcegos pululavam ás centenas, aos milhares, talvez.

E eu, que quando menino era tão medroso, que sentia calefrios sempre que ouvia historias de almas, de lobishomem, e que tanta inquietação sofria quando falavam do fim do mundo e de frade sem cabeça, que tanto acreditava em «corpo santo» e em «corpo sêco» cujos ossos chocalhavam, eu que ficava verdadeiramente aterrado ao lembrar-me que, quando morressse, haviam de pôr-me areia aos olhos, tinha agora de dormir ali, sózinho.

As noites eram longas e só conseguia dormir quando caía a fresca da madrugada, que me encontrava exháusto pelo tanto pensar em possiveis surpresas de almas, em ataques de fantasmas ou, em última análise, em ser chupado pelos morcegos.

Defronte de Carnaúbinha, na outra margem do rio, fica Agua Doce, em que se destacam alcantiladas dunas. Em uma delas ha um como corte que me in-

dicaram ser o local de onde certa casa comercial de outrora mandava tirar uma pá de terra, para misturar com o assucar de cada saca, que ia para a Europa.

Resultado: o produto desacreditou-se, a industria arruninou-se, mas a duna ficou e permanece como para atestar a maldade humana.

Voltando a Natal, tive ensejo de assistir ao embarque de Augusto Severo para o sul, afim de tomar um paquete que o conduzisse á França, onde ia realizar o sonho que lhe acalentara o espírito, desde creança — voar.

Foi num domingo, á tarde, em um dos tres hiates maiores que então navegavam na costa — «Deus te guie», «Deus te salve», «Deus te guarde». Seu botafora, umas vinte pessôas das quais recordo apenas Pedro Avelino.

Foi a primeira e única vez que vi o aeronauta conterraneo, sem atinar que ele ia a caminho da morte e da gloria. Era um homem formoso.

A 11 de novembro do mesmo ano de 1901, vindo em visita á igreja evangélica de Natal o rev. G Henderlite, na ausencia do rev. W. C. Porter, que se encontrava nos Estados Unidos, fiz-me batizar no novo credo que aceitara. Comigo desta feita foram onze.

Á noite não saía de casa. Lia a Biblia e, com especial agrado, os artigos políticos inçados de uma tremenda adjetivação, que Elias Souto, no **Diario do Natal,** pespegava no dr. Pedro Velho e seus amigos.

Ah, que desejos tinha eu de escrever artigos como aqueles, tão cheios de desaforos, mas que falam tão de perto ao paladar do povo! Eu havia de aprender um dia! E, para começar, fiz um caderno e fui copiando-os, embora por mero copiar.

Mudando-se Joaninha de Bitonha para a Paraíba, fomos morar com a familia de Teodomiro Ramos, á travessa da rua do Triunfo. Defronte residia João Binane, um armador. Criava ele uma garota, muito engaçadinha — a Zuzú. Olhou ela para mim; olhei eu para ela... Foi um caso serio!

Fizemos juras e castelos, projetos admiraveis para o nosso futuro. O pai dela, porém, «seu» Zé Felix, tinha outros planos: foi com a familia residir no Pará, e levou-ma:

Governava então o Estado, pela graça de Deus, o dr. Alberto Maranhão, que iniciou os lineamentos da Cidade Nova.

O terreno não era uma mata: era um mato de jurubeba, camboin, mangabeira, cajueiro, caboatã, guabiraba, ubaia. Aqui e ali alguns mocambos, distanciados, e entre eles o do negro Paulo, onde havia aos domingos zambê puxado a puíta e fartamente regado a cachaça. Com frequencia davam-se conflitos de soldados do Exercito, que não primavam, naquele tempo, pelo amor á ordem.

Só uma ruazinha lá se encontrava — a do Morcego, que depois veria a ser «Vai-quem-quer».

No local reservado para a futura matriz uma casa de farinha, e a rua João Pessôa era chamada do Sarmento.

Elias Souto, para ter assunto, escrevia ou, antes, rabiscava longos artigos condenando o projeto das avenidas, e chamando o futuro báirro onde se levantam hoje tão lindas vivendas **Cidade das Lágrimas.** Retórica de oposição. Ah, si ele vivesse hoje!

Tal era, entretanto, a ansia do Governo que traçou sempre a cidade, embora sem praças.

# ESTUDANDO

## VII

A aurora de 1903 fora de certa inquietação para a terra dos potiguaras.

Disputava o Estado com o seu vizinho do norte a posse de uma nesga de terra em suas lindes — os Grossos. Ignoro si houve **ultimatum** entre os respectivos governos, mas sei, porque presenciei, que embarcou parte da milicia estadual em um hiate levando seu trem de guerra. No Ceará se fez o mesmo, ocupando o terreno litigioso.

Disseram que o Comandante em Chefe das Forças Expedicionarias do Rio Grande do Norte em operação nos Grossos, primeiro designado pelo governo, tomou-se de tamanha emoção que... adoeceu. Nomeou-se outro bem valente, que se desobrigou da incumbencia.

Aliás, não houve um tiro.

Por este tempo havia chegado para cooperar na Igreja Presbiteriana de Natal o rev. Jerónimo Gueiros que, accedendo a instancias de amigos, resolveu fundar um modesto educandario.

Movido pelo desejo de aprender alguma coisa, pedi-lhe que me aceitasse como seu aluno, no que de pronto assentiu. Mas eu não tinha livros nem dinheiro para compra-los. Herminio estava no Rio de Janeiro e Cicero na República Argentina .Entretanto, arranjei uma Historia do Brasil, de Macedo, e também uma Gramática Portuguesa Elementar, de João Ribeiro, a qual não tinha capa. O prof. Manuel Garcia emprestou-me 5$000 para comprar uma Geografia, de Lacerda e, para Aritmética, preparei um caderno em que copiava as lições do compendio de um colega — Raul Magalhães, que até por vezes se mostrava aborrecido.

E foi asim que, a 17 de março de 1903, quando se abriu o «Externato Natalense», na rua Nova, hoje avenida Rio Branco, na casa que traz agora o n.º 589, matriculei-me juntamente com Silvino Dantas, Manuel Sinval Moreira Dias, Orlando Caldas, Mario Barros, Olimpio Baptista Filho, Átila Garcia, Omar o'Grady, Coburgo Sales, Euclides Pinto (o malogrado Pinto Martins), Amaro e Raul Magalhães, Augusto Moreira, João Carlos de Vasconcelos, Mario Câmara, Luiz e Otavio Veiga.

Desde o primeiro dia Silvino usava uma malota em que conduzia os livros, a qual se lhe prendia aos ombros por duas correias. Luiz Veiga não era senhor de sopitar o desejo que tinha de possuir uma bolsa daquele modelo.

Na ocasião da matrícula, entendi, não atino porquê, que, como ia gizar minha vida por outra diretriz, devia tomar mais um nome sem prejuizo do de minha familia, e juntei «Câmara» ao Hermógenes da Silva, que achava feio. Uma resolução inocente como outra qualquer.

Deixei de fumar, porque nunca tive o hábito de pedir cigarro. Escrevi a Herminio comunicando-lhe a minha resolução. Só na volta dele tive dinheiro para pagar os 5$000 do prof. Garcia e comprar o que necessitava.

Como estivesse morando só, convidou-me o rev. Gueiros para morar com ele. Fui.

Sem costume de estudar, minhas lições deixavam muito a desejar em comparação com as de alguns colegas. Dificilmente conseguia aprende-las. Por vezes tive a tentação de abandonar os estudos e voltar á oficina. Isto acontecia principalmente quando pensava que, além de nada conseguir aprender, não tinha, siquer, um vintem para nada.

A reflexão vencia. Eu desejava tanto aprender alguma coisa!

Era o judeu no deserto tendo saudades das cebolas do Egito.

Contudo, no fim do ano já analisava «Autores Contemporaneos» e ia percebendo algo dos «Lusíadas». Aquele que usávamos em classe era uma edição do dr. Abilio Cesar Borges, cerceada de umas estancias mornas, que ele julgou inconvenientes aos adolescentes que constantemente pecam por pensamento, palavras e... obras.

Mario Barros não se conformava com a moral que o Barão de Macaúbas queria impôr. E foi assim que, certo dia, disse sem cerimonia ao rev. Gueiros:

— Snr. Jerónimo, empreste-me o seu «Lusíadas».

— Porventura, não tem V. um exemplar? redarguiu o interpelado.

— Mas é que eu quero ler as estrofes imorais que nele faltam.

O snr. Gueiros soriu bondosamente, mas não satisfez o seu pedido.

Para atenuar a minha «pindaibite» e mesmo porque não relutei muito para adquirir bôa ortografia, consegui ser revisor do «O Século», jornal de propaganda evangélica, fundado e mantido pelo rev. W. C. Porter. Recebia pelo meu trabalho 15$000 mensais. Começava a viver das letras.

Certa ocasião aconteceu-me uma, que jamais esquecerei, na ardua tarefa de revisor desse jornal, com a publicação do nome de uma assinante de Maceió. Tinha ele o cacofónico nome de Mónica Gaioso da Costa.

Revisor incipiente ainda, não notara que o último nome, por cúmulo do caiporismo, o diabo do tipógrafo compusera com um **b.** Quando vi a monstruosidade impressa e já sem geito, fiquei fulo.

A mulher cortou a assinatura do jornal.

Penso que teve razão.

# PARA A AMAZONIA

## VIII

AO encerrarem-se as aulas, no fim do ano, eu já me sentia capacitado para submeter-me a exame de Aritmética e Geografia — pois naquele tempo faziam-se parceladamente e sem dependencia — si tivesse tido dinheiro para a inscrição. Mas Herminio estava em Manaus e Cicero no Rio de Janeiro.

Embora sem grande aprumo, ia ensaiando escrever estimulado por snr. Gueiros, que me animava e corrigia os periodos atentatorios aos bons principios de gramática. O primeiro artigo de coluna foi uma verrina contra o monsenhor José Paulino de Andrade que, pelo «Diario de Natal» pretendeu ridicularizar o Protestantismo.

O meu artigo continha adjetivos-dinamites. Foram todos cuidadosamente procurados no dicionario. Hoje eu me envergonharia dele.

Passando Cicero para o norte, a bordo do «S. Salvador» onde era praticante de piloto, resolvi ir a Manaus passar as ferias. Embarquei lá fora da barra, por-

que ainda naquela época os vapores da Loide não entravam no porto de Natal.

Na linda Capital do Amazonas fui hóspede do rev. Lourenço de Barros, pastor da igreja presbiteriana local. Alma simples e bôa, Lourenço era um verdadeiro consagrado ao seu mister. A senhora dele uma adoravel creatura, a d. Chiquinha. Era a simplicidade em pessôa.

Como, talvez, devido ao calor, chegasse a Manaus com uma tremenda hemorragia nasal, ela perguntou-me muito interessada:

— O senhor é tuberculoso?

No dia seguinte ao da minha chegada aconteceu-me uma. Nunca tinha andado a bonde. Vendo varias pessôas saltarem do carro em movimento, entendi de imita-las. Resultado: desconhecendo a lei da inercia, quase tomei uma queda formidavel, si não fosse tão seguro de pernas. O que mais me amolou, entretanto, foram as risadas dos passageiros.

Para não perder tempo, tomei logo um professor. Era polaco; chamava-se Frederico; o outro nome tinha dificuldade em pronunciar, e hoje já o esqueci. Todos os dicípulos admiravam a cultura desse homem. Só linguas sabia nove inclusive tupi-guarani, que falava como qualquer aborígene; em Historia era mestre, e tocava piano admiravelmente.

Dizia-se fidalgo. Só tinha uma roupa e um calçado os quais substituia quando estavam rotos, e si algum aluno rico lhos dava. O cabelo cortava á força, ainda que estivesse cobrindo a gola do paletó. Mantinha, contudo, uma vaidade: uma flôr na lapela todos os dias.

Para degradar-se, dava-se ao vicio da embriaguez.

Muitas vezes, após a lição, deitava-se num sofá para dormir. Veio para a América do Sul, que conhecia toda, em missão científica, e aqui ficara.

Algum tempo depois apareceu em casa de Lourenço um homem muito interessado em levar-me para o município de Manacapurú. Eu iria dirigir uma aula. Oferecia-me 300$000. Dinheirão para mim comparado com os 15$000 que recebia da revisão do «O Século»; mas não fui, com receio de arruinar a saúde e mesmo pela saudade, que já me moía, da terra potiguar.

Voltando Herminio para realizar seu casamento, resolvi vir com ele.

# RETORNO AOS PENATES

## IX

CHEGADO a Natal recomecei a minha atividade. O **Externato Natalense** mudara-se para a rua 13 de Maio, onde atualmente está o n.º 632. Mas como não tinha cómodos suficientes, fui morar no sobradinho de Joca Freire, na rua do Sarmento, hoje João Pessôa. O aluguel era cómodo para as minhas possibilidades: 30$000 mensais. Era meu companheiro o inditoso José Chaves de Melo — a maior expressão de força de vontade.

Não havia iluminação recomendavel em Natal, e a nossa constava de um simples candieirinho de folha dos mais vagabundos. Quando nos descuidávamos do querosene, o que sempre acontecia, arranjávamos uma vela.

José era noivo da Clotilde, uma encantadora e inteligente menina com quem, aliás, não casou. Quando acabava de jantar, ia palestrar com ela. Eu não tinha compromissos. Á noite ia conversar em casa do alferes Pedro Rufino, ouvi-lo contar façanhas de sua

vida militar. Vez por outra d. Etelvina «torcia» para eu noivar com a Chiquinha, sua enteada, de quem ela queria ver-se livre. Eu me fazia desentendido.

Quando voltávamos para casa, de nove para as dez da noite, sentávamo-nos em torno de uma banquinha, e abríamos os livros, dilatando quanto possivel as pupilas para ajudar a luz mortiça e vacilante do candieiro. Não tardava muito que viesse o sono. Mas era preciso combate-lo. Um dia lavávamos o rosto para afugenta-lo; outro, molhávamos a cabeça para enxota-lo; outro, metíamos os pés dentro dagua para afasta-lo. O efeito era passageiro. Logo mais as palpebras pesavam e as letras começavam a densar cirandinha. Morfeu vencia.

Certa noite José chegou radiante. Era portador de uma receita infalivel contra o cochilo. Tratava-se, entretanto, de uma coisa muito simples: ensaboar o rosto, e nada mais. Por infelicidade nossa, o único sabão de que dispúnhamos no momento era de alcatrão. Mas como urgia aplicar a receita, empregámo-lo.

Sentados deante um do outro, á luz ocilante da lamparina, mais pareciamos dois condenados, dois diabos. Nesse dia o sono veio até mais cedo. No dia seguinte, uma decepção, um descalabro: as rêdes amanheceram todas sujas do sabão, porque, tontos do sono, não atinámos para lavar o rosto.

José era «gozado». A sua endumentaria noturna era uma camisola. Acordava cedo e ia estudar em voz alta, pisando forte no soalho.

Formulava a pergunta categoricamente:

— Que é multiplicar?

E respondia com ênfase, como si estivesse em classe deante do professor:

— Multiplicar é repetir um número tantas vezes quantas são as unidades de outro.

— Como se chama o número que se multiplica?

— O número que se multiplica, chama-se multiplicando.

— E o número pelo qual este se multiplica?

— O número pelo qual se multiplica chama-se multiplicador.

— E o resultado da operação?

— O resultado da operação chama-se produto.

— Vamos á pedra...

Havia quem pudesse dormir mais com isso?

Eu implorava que se calasse, xingava-o, rogava-lhe pragas por me perturbar o sono da manhã. Mas ele era inexoravel, não me atendia.

Ah, quanto tenho suportado!

No «Externato Natalense» estudava aritmética com o prof. Manuel Garcia, inglês com o rev. W C. Porter, historia, latim e grego com o rev. Jerónimo Gueiros. Entre os colegas destacava-se, sempre sorridente e simpático, Severino Silva, que começava a revelar o seu formoso talento. Português estudava com uma turma em casa do saudoso mestre prof. João Tiburcio, á tarde.

Á medida que lá iamos chegando, tomávamos assento nas cadeiras e no sofá, obra antiga de talha, á espera que ele saísse dos seus aposentos. Enquanto isso, contávam-se casos, ou Anfiloquio dizia alguma pilheria.

Pouco depois chegava o mestre, barrete preto, uma indefectivel ponta de charuto entre o indicador e o medio da mão direita. Nesse tempo usava ele um **pince-nez** azul com um só vidro. O outro quebrara-se.

Indagando qual a estrofe que queriamos analisar, mandava que fizéssemos de magarefes da nova especie, retalhando em postas as orações e cláusulas encontradas nas lombadas dos «Lusíadas», que parecia saber de cór, e as quais ia explicando, tendo sempre uma exclamação quando embatucávamos:

— Quê, menino!... Você não sabe disso, não?

No Ateneu estudava álgebra e geografia com o prof. Zózimo Platão de Oliveira Fernandes, que era muito distinto. Tal foi a minha impressão no primeiro dia em que vi álgebra aberta — algoritimos, sinais, letras e algarismos maiores e menores, uns sobrepondo-se a outros — que disse comigo: isto nunca me entrará na cabeça!

Entretanto, a quantos jovens tenho explicado a mesma materia, dizendo-lhes que não é dificil!

Fazia parte do curso docente do velho educandario o padre José de Calasans Pinheiro. E por ser ele muito ranzinza com os estudantes, certo dia pregaram-lhe uma bôa.

Tinha a cadeira dele, para tornar-se mais macia, um coiro de raposa preso com cordões por baixo do assento. A tropa arranjou um pouco de cola de marceneiro, que quase se confunde com a côr do aludido coiro, e derramou-a por cima dele. Inapercebidamente sentou-se ele na hora da aula, e durante o tempo desta a cola secou.

Quando quiz levantar-se, estava pregadinho da silva; fez-se preciso o bedel trazer uma faca, cortar os cordões para libertar o padre que saiu com a batina cheia de pêlos da raposa. O cavaco não foi deste mundo.

O diretor era o dr. Pinto de Abreu. Nas suas palestras conosco não se cansava de repetir:

— Meninos, estudem!... Lembrem-se que mais vale ser douto do que doutor...

Numa aula que foi creada na **Loja 21 de Março** aprendi rudimentos de francês com ele. Foi o único mestre que tive da materia e isto para aprendizagem de ditongos. O que logrei aprender dessa diciplina devo ao meu proprio esforço. Aprendi só.

Vinhamos atravessando nessa época uma tremenda sêca. Era governador do Estado o dr. Tavares de Lira. Ás centenas, quiçá, aos milhares, corriam todos os sertanejos para a Capital, onde até armazens se alugavam para abriga-los. Não havia sombra de mungubeira da arborização pública que não tivesse retirantes.

Apresentava Natal um aspecto desolador. Esses pobres iam receber diariamente uma especie de ração no pateo interno do atual colegio das Dorotéas. A providencia mais acertada tomada pelo Governo foi encher varios vapores com os flagelados e mandar despeja-los nas pouco hospitaleiras plagas da Amazonia.

O povo apelidou ditos vapores por **Navios Negreiro.**

Foi nesse tempo que se registou nos anais da justiça de Natal um caso devéras singular.

Nas vascas da fome com sua mulher e filhos, desesperado, um homem tirou de certa quitanda, no Mercado Público, um pedacinho de linguiça.

Dado o alarma, o gatuno foi trincafiado, por mais que protestasse não ser gatuno profissional, que morava em terras do cel. Tal, onde era bem conhecido, achando-se na Capital devido á terrivel sêca, que tira-

ra, sim, a linguiça, mas fôra para minorar a fome de sua mulher e filhos, pois si a pedisse não lha dariam — de nada lhe valeu. A justiça foi implacavel: preferia que aqueles desgraçados morressem de fome a que vivessem á custa de um pedaço de linguiça.

O homem foi condenado ao máximo da pena aplicavel ao caso. Justiça é justiça.

Por contraste, recordo este outro fato occorrido sete ou oito anos mais tarde. Verificou-se nesta Capital o maior roubo até hoje praticado. Dois perigosos ladrões — Zettini e Brunner — á força de narcóticos, se apoderaram das chaves de uma firma comercial e, á calada da noite, abriram a casa e o cofre de onde tiraram cerca de cento e dez contos de réis.

No segundo juri a que responderam foram absolvidos, prorrompendo a assistencia em estrondosa e supra-imbecil salva de palmas.

No fim de 1905 fiz exame de todas as disciplinas, excetuando grego e latim. O exame de português foi presidido pelo dr. Luiz Lira, sendo examinadores o prof. João Tiburcio e o velho dr. Raimundo Dourado. Por este fui arguido. Em vez, porém, de faze-lo conforme os ensinamentos hodiernos, cingiu-se a perguntar-me «sujeito», «verbo», «atributo» — coisas do tempo em que se amarrava cachorro com linguiça. Só passei porque o prof. João Tiburcio lhe afirmou que eu era um dos seus bons alunos.

Ia começar o regime da Madureza. Era a última época de exames, e fiscal do Governo o dr. Vicente Simões Pereira de Lemos. Logo nos primeiros dias o ambiente tornou-se de tal maneira, tal a insubordinação da rapazeada, que ele houve por bem suspender os trabalhos. Arrependimento. Consternação geral.

Após tres semanas, resolveu recomeçar os exames, não, porém, sem fazer-nos um sermão mais longo que o da Montanha, recheado de tremendas ameaças, tanto maiores ainda quanto era o dr. Lemos uma figura por todos os títulos respeitavel e respeitada. A peroração foi ainda ameaça maior: os exames seriam rigorosíssimos, e **ai!** daquele que fosse surpreendido com alguma fila.

Na primeira banca, de geometria, entrámos douze, figurando entre eles Mario Cámara e Baroncio Guerra que, talvez para fazer jús a alguma tolerancia, compareceu de óculos escuros. Velhacaria de estudante. De nada lhe valeu a manobra. Quatro se levantaram por não saber patavina de perpendicularismo, quatro foram ao pau e quatro passaram simplesmente. Eu fui um destes.

Veio a Madureza. Estava eu com nove preparatorios porque em latim era grego, e historia natural, e física não tinha estudado suficientemente.

# III DÉCADA

# ESTUDANDO E APRENDENDO

## I

AO iniciar-se 1906 já me encontrava dirigindo uma aula principiada modestamente em casa no ano anterior, por alguns colegas que, voluntariamente, me foram remunerando pelo auxilio que lhes prestava.

A aula foi avultando de dia para dia, de mês para mês. Funcionava á rua 13 de Maio, antiga dos Tocos. Astrogildo e Sandoval Paiva, Anibal Barata, os filhos de Quincó barbeiro, eram elementos representativos dela. Foram os primeiros. Depois mudei para uma casa velha, de Braz Janini, no local da qual se havia de erguer mais tarde elegante sobrado, perto do Natal-Clube. Na matrícula agora já figurava Eduardo e José Gurgel e Arari Brito, que já conversava admiravelmente... Pratinha e Aguinaldo Cámara.

Eu era «professor» — título para mim tanto mais honroso quanto não foi concedido por um estabelecimento qualquer, mas dado por uma população que me acompanhava o esforço e a dedicação. Tinha eu dezoito anos; era senhor do meu nariz, porém não fumava

deante de Herminio. Fôra meu pai de criação, e eu o respeitava muito. Morava com ele.

Um dia, tendo acabado de almossar, saboreava na sala o meu charuto. Senti seus passos. Seguia-o Olimpia, minha cunhada. Procurei esconder o «havana». Tomando a palavra, disse ela:

— Ora, que tolice! pois tu, um homem, precisas ainda de fumar escondido de Herminio?

Ele sorriu e, como para dar-me o almejado consentimento:

— Dá cá o teu fogo...

Conquanto tivese bom número de alunos e ganhasse o suficiente para manter-me, não me descuidava de estudar. A lingua inglêsa me seduzia.

D. Sidronia de Carvalho, que falava admiravelmente esse idioma, prontificou-se para ensinar-mo. Fiquei radiante. O primeiro livro de Berlitz aprendi-o de cór porque, apezar de nossa amizade e mesmo da minha intimidade em sua casa, onde me prendiam as distinções do bondoso Manuel Gabriel de Carvalho e Silva e de d. Totonia, seus progenitores, na hora da lição cada macaco ficava em seu galho...

No fim do ano fomos veranear na praia de Genipabú. Banho salgado, cajú, caçada ás juritis nos mangues, jogo de sueca, víspora, preguiça...

Mas que praia! Só havia uma pessôa que sabia ler — o negociante «Pretinho», e o fazia com tal criterio que, lendo na Biblia que Deus creara Adão e Eva e lhes ordenara que crescessem e se multiplicassem, pôs em prática o mandamento vivendo maritalmente e tendo filhos da esposa e de uma cunhada, que se emulava dar maior prole ao caprino. Viviam sob o mesmo técto e na santa paz.

Certa noite morreu uma pessôa no povoado. Assim que anoiteceu, começaram a cantar «bemditos». A solfa era a mais descompassada e mefistofélica melopéa. O silencio da noite tornava-a ainda mais tétrica e agoirenta. Praguejávamos aqueles que, movidos talvez de ótimos sentimentos, nos perturbavam o repouso, provocando-nos calefrios até de madrugada quando, amarrada uma rêde a um caibro e nela posto o cadaver, dois homens puseram-na ao ombro e sairam a correr, rumo do cemiterio, seguidos de outros a gitar:

— Chega!... irmão das almas! chega!, irmão das almas!...

Na volta da praia fui, em companhia do rev. W. C. Porter ao Recife. Reunia-se lá o Presbiterio de Pernambuco, e eu manifestara desejos de ordenar-me pastor protestante. Fui proposto e aceito. Todavia, devido ao meu temperamento de defender sempre a minha mais ampla liberdade de pensar e agir, não levei a termo o propósito.

Suponho não ter perdido muita coisa, nem tão pouco o clero evangélico. Um sacerdote que não cumpre fielmente a sua missão é uma aberração na ordem social.

Por esse tempo já lecionava também em casas de familia.

A primeira foi a do dr. Afonso Barata. Anibal era simplesmente um menino «levado». Resolvera o pai que a aula dele fosse em casa. Quando estava bem humorado, dava lições bôas; quando não, tartamudeava entre dentes sem que nada se entendesse. Dias havia em que quase todo o tempo tomava para perguntar-me onde se vendiam uns trenzinhos com trilhos, uns

vaporesinhos que andavam quando se lhes dava corda, e outras futilidades.

Tudo era embromação.

Depois fui lecionar os filhos do cel. Romualdo Galvão — Romualdo, João e José. Tinham fama de «valentes». D. Chiquinha Ferreira não os suportara. Dizia que puseram uma feita alfinetes na cadeira em que ela sentava.

De todos sobresaía Romualdo na aula de geografia.

— Snr. Romualdo, perguntei-lhe na lição, qual a fórma da terra?

— Não sei, «fessô».

— E o snr. não estudou a lição?

Mas eu ainda não fui «na lua» para ver, como é ela, de lá...

De outra ocasião:

— Diga, snr. Romualdo, que parte do mundo se encontra além do oceano que banha as costas do Brasil?

— Não sei, porque ainda não estive lá.

Era um grande pândego, o Romualdo!

Convidou-me o dr. Augusto Leopoldo para lecionar os filhos Abelardo e Paulo, e depois Aluisio, que teria uns seis anos. Muito ativo, aprendeu a ler muito depressa.

Depois convidou-me ainda para ajudar na revisão do **Diario do Natal,** jornal em que, sozinho, como o último abencerragem, fazia oposição á situação dominante — a oligarquia maranhota.

As oficinas e redação ficavam nuns edificios velhos e sujos do cel. Joaquim Pereira, fazendo esquina

com o beco do Tibau. Tudo isso o Estado desapropriou para fazer a praça Sete de Setembro.

Quantas provas tirei ás onze horas da noite, á luz mortiça de um fumarento candieiro a querosene!

De muito trabalhar tive um enfraquecimento tremendo a ponto de um dia ter uma síncope junto á agencia da Loide. O médico aconselhou-me repouso e distração, e, zombando, disse que bom seria tivesse um terreno para cultivar. Levei a advertencia a serio e, como o quintal de nossa casa era muito grande, peguei da enxada, plantei milho e feijão á vontade. Tive duplo resultado: fiquei restabelecido e colhi milho para cangica e delicioso feijão verde.

Depois tomei a deliberação de deixar a casa de meu irmão e ir morar sozinho. Aluguei um aposento na «Vila Izabel», de d. Isabel Gondim, Aí morei varios meses.

Era natural que morando agora na Ribeira, para lá transferisse minha aula. Em tres ruas ela esteve: Santo Amaro (hoje General Glicerio), Formosa e Frei Miguelinho.

Dos alunos da Ribeira pouco recordo, a não ser Antonio e Pedro Bigóis, Lauro e Paulo, filhos de «seu» Maranhão da farmacia, José e Manuel filhos de «seu» Jatobá, chefe dos Telégrafos, Pedro Matos, Alcides Cico, Ernesto, neto de «sinha» Bernardina, a velha assistente que toda Natal conhecia, Paulo e Armando China.

Em 1910 realisou-se um concurso de Fazenda e eu entendi qu etambém devia faze-lo. Éramos cento e quarenta e tres os candidatos. Começou na quarta-feira de Cinzas. No sábado de carnaval, Pedro Alexandrino, de memoria que me é muito saudosa, convidou-me

para ajuda-lo a fazer umas provas para seus alunos. Fui. O certo é que passámos os tres dias dos festejos de Momo encerrados numa sala a trabalhar para os candidatos, que esfusiavam nas ruas divertindo-se a seu bel prazer.

Quase todos são hoje funcionarios da Fazenda, e alguns até em logar de destaque, mas eu nunca fui nomeado. Coisas da vida.

Neste particular de concurso fui sempre de uma moleza sem qualificação.

Com os drs. Galdino Lima e José Augusto e mais o prof. Pedro Alexandrino, funcionei em outro para praticantes dos Correios. E porque não dei a nota mais alta a um dos candidatos, que a exigia, nem aceitei dinheiro de outro para aprova-lo, e que acudia pela alcunha de Toupeira, adquiri duas inimizades ferozes.

Note-se ainda, que trabalhávamos de graça, por patriotismo.

# DE NOVO PARA O NORTE

## II

DESEJOSO de esparecer fora da gleba, em fins de fevereiro de 1910 embarquei para Manaus, onde já se encontrava Herminio cavando a vida.

Naquele ano apareceu o cometa de Halley e, no dia em que ele atingiu a metade da abóbada celeste, eu saía do Pará no «Olinda», ás dez horas da noite, em demanda da risonha terra dos manaus.

Lá cheguei num sábado e na segunda-feira já estava colocado como revisor do **Jornal do Comercio,** de propriedade e direção do dr. Vicente Reis.

Bôa vida a de imprensa! Si se ganhasse bem!... Eram redatores Péricles de Morais, perfeita e equilibrada mentalidade literaria, que dois dias após a minha chegada dera, no Teatro Amazonas, umas bengaladas no dr. Saturnino Santa Cruz, e Paulo Eleuterio, muito moço ainda e muito trabalhador. Chefe da reportagem, Pompeu Brasil, que tanto cavava os «furos» como ingeria cerveja. Pouco depois tive de substitui-lo, porque se incompatibilizara com o diretor.

Tinha o dr. Vicente duas preocupações em relação ao jornal:

1.ª — que fosse impecavel na revisão;

2.ª — que fosse o mais noticioso.

Lia de manhã todo o jornal, desde o cabeçalho até á oitava página. Si em qualquer anuncio encontrasse siquer um **n** virado, o telefonema não se fazia esperar. Fazia-se quase um verdadeiro inquérito sobre quem tinha composto o anuncio, quem tinha feito a revisão, porque **a** emenda não fôra feita... O diabo, enfim por causa de uma letra virada.

O trabalho terminava todos os dias, normalmente, a uma e meia ou duas horas da manhã.

Muitas e muitas noites, acabado o serviço, ficávamos eu, revisores e tipógrafos dormindo por aí pelo soalho, tendo apenas alguns jornais para repousar a cabeça. Um poucochinho melhor do que Cristo que nem isso tinha... O fato é que morávamos longe, nos suburbios, e a essa hora não havia mais veículos. Contudo, ás vezes eu ia dormir em casa.

Certa noite tomei uma carreira formidavel, de marinheiros nacionais bêbedos e insolentes que me queriam agredir, na rua Cearense; tive de fazer rodeio de quase um quilómetro para alcançar a avenida Joaquim Nabuco e chegar á casa, na avenida Senador Clementino, e, ainda, para maior caiporismo, saiu-me ao encontro, perto de casa, um cachorro disposto a reduzir-me a zero. Afobado, saquei da pistola, que não tive coragem de apontar para os marinheiros, e um tiro se ouviu na calada da noite. Si o matei, não sei. O fato é que ele deixou-me ir em paz.

De outra feita, perto do cemiterio das Saudades e junto de um cortiço, ofuscado pela intensa luz dos

arcos voltaicos, ás duas horas da manhã, passei debaixo de uma mangueira por um sujeito alto e membrudo, todo de escuro, chapéu grande, barba que não tinha mais tamanho e que, ao defrontar-me, disse com voz cava e profunda como si fosse de uma caverna:

— Bom dia.

Sei que respondi, mas não afirmo que soubesse onde estava pisando, tal a surpresa daquele inesperado encontro.

Ah, susto danado!...

De Natal tinha saudades: dos parentes e amigos e especialmente daquela noivinha de nome tão lindo, mas que deixo de declarar porque é hoje virtuosa senhora.

Chega do sul um vapor e com ele uma carta para mim. Era dela. Abri-a com ansiedade. Todavia, em vez dos castelos que comigo levantava, era lacónica e trazia o tratamento de «senhor». Tudo estava acabado. Caprichos de mulher.

Surpreendeu-me tal resolução. Reli a carta. Não estava enganado. A menina estava zangada. E eu também havia de agastar-me? Não brigam dois...

Tomei da pena e escrevi-lhe simplesmente isto!

**Gentil menina:**

**Recebi sua carta. Fico ciente do que nela me disse. Penso que foi muito precipitada. Sinto muito mas chorar não posso.**

**Ato. cro. resp. e obrgo.**

**Clementino**

# BERNARDA CONTRA BERNARDA

## III

O dia 8 de outubro de 1910, aniversario de Silverio Neri, foi de tremenda explosão nos arraiais da politica amazonense. Os partidarios do dr. Sá Peixoto, querendo apear do governo o cel. Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, a quem chamavam «pirarucú de cavanhaque», ou «Pedro Alvares Cabral, o nosso», com o auxilio do cel. Pantaleão Teles e do capitão-tenente Costa Mendes, amanheceram bombardeando Manaus, essa joia encravada no coração da selva brasileira.

O palacio do Governo foi atacado pelo 49.° de Infantaria e um contingente de marinheiros da flotilha. A guarda do edificio, composta de dezoito homens resistiu heroicamente sem se render.

Na noite anterior, tinha acabado meu trabalho muito tarde, devido á grande manifestação feita ao deputado Monteiro de Sousa (Monteirinho), na qual houve até fogos de artificio na avenida Eduardo Ribeiro.

Ás cinco e meia fui despertado por João Antunes,

que é hoje tenente da Força Pública do Rio Grande de Norte, e mandado ir embora. O papouco da fusilaria era nutrido; os navios da flotilha metralhavam o Mercado e ruas adjacentes, e de canhão de 35m/m, o bairro de São Raimundo; o Exército chegou a empregar canhões contra o Palacio do Governo e o quartel da Policia, que era toda fiel ao governo constituido.

O éxodo das familias era geral e pungente. Os tranvias e os autos não chegavam para os que queriam fugir para Flôres. A custo consegui chegar á minha casa, no Mocó; encontrei a familia preparando-se para fugir. Fiquei com o dono da casa e fomos jogar dominó ao som da fuzilaria, que durou até onze horas, para recomeçar mais intensa das treze ás quinze, quando o Governador, por inqualificavel fraqueza, resolveu renunciar ao cargo.

Cessado o bombardeio, fui á Cidade. Vi varios mortos e entre eles um italiano que, tendo ido almossar no Restaurante Avenida, mal lhe trouxeram a sôpa, veio também uma bala, atravessou-lhe a nuca, quebrou o prato e foi embora.

O homem nem **viu** que ficou morto sentado...

Dizem que o dombardeio foi devido a uma virgula. Os amigos de Alexandrino de Alencar pediram-lhe instruções sobre a intentona, perguntando-lhe si deviam bombardear Manaus. Ele então teria respondido:

— Não, tenham calma.

Mas o telegrafista, comprado, omitiu o sinal diacritico e ficou:

Não tenham calma.

E o fogo rompeu.

O governador Bitencourt foi preso dois dias depois e escoltado, de pijama e chinelos, entre alas de

policiais comandados por um sargento, pelas ruas de Manaus, sob as vistas da população consternada. Tomou um vapor para Belém.

Tres dias depois, fui com o dr. Miranda Simões e Paulo Eleuterio ao Palacio falar com o dr. Sá Peixoto sobre o **Jornal do Commercio,** que era da politica adversa. O dr. Vicente Reis, para escapar á furia dos inimigos, de bigode raspado e vestido de saia fugiu também, tendo feito um simulacro de venda com o dr. Miranda, o que deu logar á nossa ida ao Palacio do Governo.

Dos labios do maneiroso dr. Sá-Peixoto, que cumprimentava até os carregadores, ouvimos que o **Jornal do Comercio** poderia circular, mas sem dizer palavra sobre os acontecimentos do dia 8, sob pena de mandar ele empastela-lo. Aceitámos a condição e pusémo-lo na rua.

Por instigação da imprensa situacionista, que extranhava a nossa atitude, resolvemos no dia 20 tratar do caso politico, afrontando mesmo o que pudesse acontecer.

Constantemente nos chegavam boatos tremendos de que o **Jornal** seria empastelado tal dia pelo pessoal da **Manaus Improvements.** Si não foi hoje, será amanhã com toda a certeza, depois dos cinemas. Os operarios, apavorados, não queriam trabalhar. Foi preciso reduzir o número de páginas. O diabo! Uma noite o dr. Miranda afobou-se e foi comigo interpelar o Chefe de Segurança, que passava defronte da redação, o façanhudo e feroz coronel (de bôca) José Maranhão. Ele nos declarou sem laivos de cerimonia que, si pretendesse quebrar o **Jornal,** fa-lo-ia de dia porque tinha gente conforme devíamos saber.

Todavia, de 27 para 28 do mesmo mês, tendo o Presidente da República, dr. Nilo Peçanha, mandado reintegrar o governador legal, estoirou em Manaus uma contra-revolução chefiada pelo capitão Pedro Vidal de Negreiros.

Foi um levante bonito! O dr. Sá Peixoto fugiu; o «valiente» José Maranhão foi preso debaixo de umas folhas de zinco e conduzido para o quartel da Policia, e aí metido num cubículo.

Nos dias mais trágicos da vida de um povo, quando ele dispõe-se a jogar a última cartada para conquista de seus direitos, ocorrem sempre fatos que, por momentos, fazem esquecer a gravidade dos acontecimentos para dar logar ao cómico.

O bacharel J. Gonçalves, jovem aventureiro, apenas formado, transportara-se á terra dos Manaus para «cavar» a vida. Insinuante e malifluo, filiara-se ao situacionismo, que o inscrevera na chapa dos deputados estadoais. De fraque, apezar da soalheira daquelas paragens, chapéu duro, bengalinha e cigarro fino, passeava sua elegancia, olhando de cima os mortais que não tinham a sua habilidade.

Mudou a situação. e ele foi o maior adversario do governo decaído, do governador deposto. Por isto, quando se deu a «révanche», fugindo a um natural ajuste de contas, em companhia de outros homiziou-se a bordo de um paquete inglês surto no porto. Mais tarde recebe de um ganhador uma encomenda que de terra lhe mandaram. Supondo ser lembrança de algum amigo ou mesmo de alguma apaixonada, sorridente, o coração a palpitar, em presença mesmo dos amigos vai ver a surpresa. Só ele fôra distinguido. Envolvia-a um papel de sêda, e mais outro.

E quando o bom do Zé Gonçalves tira o último papel, encontra uma rolha de cortiça deste tamanho!...

Nunca se soube quem tivera aquela lembrança.

Fazendo parte do Tiro de Guerra 18, entendi que devia apresentar-me para prestar meus serviços á legalidade. O vasto quartel do Regimento encheu-se, e não havia fusil disponivel. Fiz parte do pelotão que foi á séde do Tiro Amazonense buscar a bandeira só a muito custo entregue. O primeiro tributo de sangue pagámo-lo todos os que dormimos na caserna, em cujas tarimbas pululavam sanguisedentos percevejos. E assim fui na minha vida soldado cincoenta horas.

Ás cinco horas ficou de prontidão o Regimento, e o Tiro foi dar guarda de honra ao governador, que amanheceria no porto, a bordo do **Baía.**

Apezar de bem armado e municiado, quando chegámos á praça do Comercio, e eu vi a poucos metros de nós o 49 de Infantaria também como nós municiado, confesso que nunca tive tanto medo, nunca tremi tanto; jamais senti palpitar tão forte o instinto de conservação.

Felizmente não houve um tiro.

O general Pedro Paulo reempossou o governador, e só depois fui para casa enfadado e faminto de infundir dó.

# RUMO Á FRONTEIRA

## IV

PRETERIDO em minhas pretenções e percebendo muito pouco na redação do **Jornal do Comercio** — 350$000 mensais — recebi um convite do então major e conterraneo Serafim de Carvalho para ir empregado como Secretario da Superintendencia Municipal de Benjamin Constant (Remate de Males,) no Javari, com os vencimentos de 600$000. Como já estava sozinho, porque Herminio «baixara» com sezões, disse-lhe a queima roupa que ia.

Foi num sábado, e no outro ao meio dia já me encontrava a bordo do **Anderson,** rumo á fronteira, não sem má vontade de dr. Vicente Reis.

E lá fui, curioso e basbaque, empolgado pela majestade da Natureza, extasiado pelo que se desdobrava á minha vista. Além de outras, ha no Brasil tres maravilhas que todos deveríamos conhecer: — São Paulo pelo trabalho, o Rio pela beleza e o Amazonas pela grandeza.

Passando Manacapurú, Coari, Codajás, Tefé, São

Paulo de Olivença, Fonte Bôa, parando neste barracão para deixar carga, naquele para tomar lenha, noutro para desembarcar passageiros, chegámos, após quatorze dias, ao termo da jornada.

Feita a apresentação mediante a carta do major Serafim, acolheu-me bem o Superintendente Antonio Rollemberg do Bomfim. Inculto, fanhoso, bem intencionado e honesto, — coisa rara naquelas paragens. Muito franco, disse-me logo que não entendia nada de administração, e que eu é que iria dirigir o Municipio. Ele assinaria tudo, contanto que não fosse irregularidade nem traficancia.

Lá fui encontrar Boanerges Machado como escriturario da Municipalidade, Francisco Galvão, de Canhotinho, e Casemiro Cantareli, de Cabrobó, dr. Stuart, juiz de Direito, dr. Celso Dantas Sales, juiz distrital, dr. Luiz de Góis cavando a vida, Leopoldo Guimarães, um paulista, feito escrivão, o cap. Manuel Napoleão Lavor, comandante do destacamento e delegado de policia, o rábula Francisco da Mota Junior, apezar dos seus sessenta e quatro janeiros.

Essas duas últimas figuras não poderão passar sem especial registo. Lavor, o tipo mais bem acabado da autoridade arbitraria, só falava aos gritos que eram palavrões de alcoice, mesmo quando se tratava de um preso de correição, que ele mandava pôr no tronco. Os soldados, á paisana, recebiam ordens mais ou menos como esta: — Vão pelos hoteis pisem nos pés desses (e dizia um palavrão), si se aborrecerem, prendam-nos.

A finalidade era esta: obriga-los a pagar uma multa de 20$000 para os soldados comprarem a bóia.

O velho Mota Junior, na plenitude de seus 64 ja-

neiros concluiu o Curso de Humanidades e matriculou-se na Universidade de Manaus. Colou o grau de bacharel em direito aos 70 anos, em 1916.

Um Municipio muito maior que Paraíba e Rio Grande do Norte reunidos, com um orçamento de ∴ 150:000$000, não tinha predio proprio para a Superintendencia, nem luz, nem escola, nem cemiterio, e nem o dinheiro, que se evaporava...

A vila constava de duas ruas, que se estendiam ao longo das margens do Itecoaí, na sua confluencia com a Javarí. Defronte fica a vila peruana de Nazaré.

Vida estupidamente cara. Tudo pela hora da morte: — um quilo de carne verde, 5$000; para lavar e passar um colarinho pagava-se 1$000, ao passo que, comprando-os em duzias na banda peruana, saiam á razão de $800. O contrabando era irreprimivel, quase escâncaro, tanto se impunha dada a diferença de preços de uma para outra margem do rio.

Dentro dos quatro primeiros meses de 1911 estava Benjamin Constant com iluminação, feito o cemiterio público em «terra firme», funcionando uma escola com mais de quarenta alunos, em dia o funcionalismo, todas as contas pagas e saldo no cofre.

As passadas administrações foram de perenes escândalos. E nem podiam deixar de ser assim. Quando o governo do Estado queria proteger qualquer legalhé do peito ou advena recomendado, despachava-o Superintendente de um Municipio rico. O resto ele fazia por conta propria...

Conheci lá um que fôra muito **prático:** o cofre do Municipio era em sua propria casa; para receber o imposto da rez que se abatia, mandava o criado busca-

lo em carne — dois quilos diarios. Exonerado, fez um requerimento á Superintendencia pedindo pagamento de 7:500$000 que dizia lhe serem devidos. E recebeu-os.

A vida era de uma insipidez enervante. Um dia apareceu um sujeito com um cinema tão péssimo quanto podia se-lo; cobrava cinco mil réis por sessão. A casa enchia-se. Andou também por lá um frade extrangeiro a fazer pregações. Outra novidade. Uma tarde até eu toquei o sino da capela convocando o rebanho, que não revelava nenhum interese pela doutrina que o barbadinho pregava.

Ou isto ou os bailes no cabaré da banda peruana ás quintas e sábados puxados a sanfona. Nunca lá fui.

Naquelas regiões tudo era dificil, até a percentagem das mulheres que, sendo em Santarém de trinta e cinco para cada homem, lá era diminuta. Vi ainda em Remate de Males uma sumaúma junto da qual um «patrão» mandou dar um tiro certeiro num seringueiro, que acabava de chegar trazendo uma linda cearense, somente para dela apoderar-se. Ter mulher naquela região, dissera-me Pedro Smith, é estar com a morte detrás da orelha.

Dizia-se ainda por lá que a melhor justiça era a do «44» — alusão feita ao calibre do rifle.

Duas coisas ali se impõem a todos: atirar de rifle e remar, pois quando o rio enche e sobe e transborda e cobre as ruas, para sair-se de uma casa para a contigua é preciso ir de «montaria».

Numa sessão do juri, como não houvesse advogado, fiz a defesa de um brasileiro que mandara um peruano desta para a melhor vida. No outro dia, a mulher da vitima veio ter com o juiz, trazendo uma

mochila recheada de libras esterlinas, que lhe ofereceu, para que conservasse na prisão **el hombre, dizia, que habia muerto mi marido.** O juiz não aceitou a oferta.

Os dias de chegada dos «gaiolas» eram esperados com geral ansiedade, porque vinham cartas, jornais e tinha-se ocasião de ver alguma cara nova. Foi passageiro uma vez o deputado federal Monteiro Lopes. Curiosidade geral. Todos queriam ver o representante do povo brasileiro. Bem razão tinha a imprensa de, por vezes, chama-lo «Tinteiro Lopes». O homem era da côr de jaboticaba.

Lá travei relações de amizade com Antonio Angarita, um cidadão peruano, já velhote e muito brincalhão. Na mocidade fôra frade, mas na idade em que geralmente só oferece a Deus o que o Diabo não quer, mandou o burel ás moscas e fez-se seringueiro.

Porque certo dia lhe fiz um favor, ameaçou-me de me dar um **regalo.** Dizia ser **una cosa muy guapa.** Passado algum tempo ele me trouxe. Era um «inca», moeda peruana rara, pesando muitas gramas de prata, acrecentando que era para fazer um **chateleine.**

A cada pilheria bôa que se lhe dizia, tinha sempre essa original interjeição:

— Sacramento!

Um pândego, o Angarita!

O estado sanitario fôra bem toleravel até a baixada do rio, no começo de março. Quando ela começou, e o mosquito apareceu, foi uma calamidade: todos os dias adoecia ou morria gente. Quem tinha recurso decia para Manaus.

Havia uma lanchinha que fazia o transporte dos

cadáveres para o cemiterio. O seu apito era o sinistro aviso.

Dr. Celso Dantas Sales vivia apavorado. Todos os dias lá estava ele pela manhã e á tarde a medir a agua do rio que, ás vezes estava mais baixo, ás vezes mais alto.

Da Superintendencia foram adoecendo sucessivamente o tesoureiro, o escriturario, o fiscal, o advogado, o porteiro. Fiquei eu já «ticado» de febre, mas fazendo todo o serviço da repartição, porque se procurava um homem para ganhar quinhentos mil réis e não se encontrava.

Só o Superintendente gozava saude.

# CHEGOU A MINHA VEZ

## V

AFINAL, a 14 de julho amanheci atacado de uma polinevrite terrivel e tres dias depois embarcava de «cadeirinha» feita pelo meu chefe e um português dono do hotel.

Com que saudade passei pela fortaleza de Tabatinga, onde o Amazonas já majestoso penetra em territorio brasileiro!

Foi para mim irmão um judeu marroquino que muitas vezes fui tentado a multar, por andar negociando com joias sem pagar imposto. Conseguiu com o comandante do **gaiola** mudar-me de camarote porque o meu era muito quente; levava-me para a mesa; armava rêde para eu descansar; palestrava comigo, afim de distrair-me...

Em chegando a Manaus, levou-me ao consultorio do dr. Costa Fernandes; despachou os medicamentos; pôs-me num hotel. Depois de tudo isso despediu-se de mim porque ia á sua terra tratar-se.

Eu estava com o sistema nervoso escangalhado, o

fígado entumecido; cozendo-me diariamente em febre. Quase morto.

Tres dias mais tarde veio buscar-me para sua casa o velho e saudoso amigo rev. Cicero Barbosa. Lá estive durante oito dias, enquanto chegava o **Olinda** e nele meu irmão Cicero, que me trouxe para Natal.

Receitado aqui pelo dr. Januario Cicco, julgou ele que a estriquinina que estava usando ainda não era suficiente forte para combater o meu mal. Deu-me ácido arsenioso. Com ele foram se retemperando os nervos relaxados; o fígado desinflamou-se á força de sal de Carlsbat, e a febre foi desaparecendo, a ponto de, em outubro do mesmo ano de 1911, poder, no mesmo sobrado de Joca Freire, onde morara como estudante, abrir uma aula para a qual logo ingressaram José Péricles Leite, José Carlos Leite, João e Pedro Suassuna, José Janini, além de outros.

Vizinho, do lado da avenida, num casarão velho, funcionava a aula municipal dirigida pelo prof. Zuza.

Era de ve-lo, lenço ao pescosso, sua moringa debaixo da mesa, a arguir, a desasnar a «tropa» a quem não regateava vez por outra o epíteto de «casmurro».

Em 1912 casei pela primeira vez.

A aula agora era em minha residencia. Certo dia tive de, muito a contra gosto, mandar para casa o menino João Café, porque fez para minha senhora um gesto pouco decoroso, curvando um braço contra o outro... Ela o percebeu através de um espelho.

Uma tolice de curumi, porém de péssimo exemplo si ficasse sem a punição devida.

# A "SALVAÇÃO"

## VI

VOLTEI a trabalhar no **Diario do Natal.**

O governo do Estado, aproveitava o empréstimo externo para melhoramentos de luz e bondes, creando um conservatorio, mandando buscar e remunerando bem a músicos notaveis, que davam ás quintas-feiras concertos em Palacio.

Agitara o Brasil um prúrido bemfazejo — a fundação de sociedades de Tiro. Do Amazonas ao Prata não se falava em outra coisa. Perto de quatrocentas. Em Natal também foi fundado o «Tiro 18». Eu cheguei a ser secretario dele.

Feita a linha de tiro, foi o Governador inaugurala solene e oficialmente. Muita gente presente. Instruído sobre o modo por que havia de pegar no fusil e fazer a pontaria para o tiro inaugural, ele, entretanto, não teve a calma devida. Apenas colocada a chapa da soleira de encontro á clavicula, o dr. Alberto Maranhão puxou o gatilho, saindo o projetil por aí, a tôa.

No dia seguinte a **A República** noticiou que s.

excia. inaugurara o polígono com um tiro que acertara no alvo, **fazendo centro.**

Nessa época trazia Corbiniano Vilaça o pano de bôca para o Teatro Carlos Gomes, que seria inaugurado por uma grande companhia espanhola, a de Pablo Lopez. Levaram-se as primeiras óperas em Natal a que muita gente assistiu de branco. O pano em apreço era um trabalho maravilhoso, dizia o cronista, de um notavel artista parisiense; a ninguem assistia o direito de achar ruim. Por isto ele não viu os selvagens brasileiros com feições de raça branca, e muito menos que todos os individuos que coroam o patrono do teatro são canhotos.

E haver quem suponha que a verdade se diz...

Já se prenunciava em todo o paiz, com a acensão do marechal Hermes da Fonseca, a agitação politica a que se denominou «salvação».

Eleito deputado pelo terço, seguiu para o Rio o diretor do **Diario do Natal,** dr. Augusto Leopoldo, ficando á testa da redação comigo e Jorge Câmara para ajudar o prof. Pedro Alexandrino. Intensificou-se a campanha, que mais ainda se renhiu com a chegada do destemeroso capitão José da Penha.

Conquanto não fosse político, pensei que não devia desertar o campo da luta. Eu estava «defendendo» meus cobres. Seria uma covardia. Depois, empolgado pela idéia, escrevi artigos incendiarios, fiz comicios, porque não podia deixar de contagiar-se quem participasse da convivencia desse caravaneiro de Democracia, quem ouvisse a sua palavra ungida de fé e civismo — José da Penha — que, ainda aos muitos predicados que possuia, aliava uma coragem de leão.

A nobreza da causa que defendia atraía de outros

Estados ardorosos paladinos, que vinham voluntariamente alistar-se, tais como José de Sá, Renato Faellanti, Henrique Hurley, etc.

Os comicios repetiam-se e o povo num entusiasmo sem limites trazia á lapela as côres oficiais do partido — vermelho e amarelo — e cantava quadrinhas como esta:

**Capitão José da Penha,**
**Capitão José da Penha,**
**Valoroso potiguar!...**
**Vem á bela Salinesia,**
**Vem á bela Salinesia,**
**Os «marretas» derrotar!**

Fizeram também os «marretas» uma passeata que devia passar pelo **Diario do Natal.** Chefiava-a um Fuão Toscano, insolentaço, adrede importado pela situação dominante.

Na redação encontrava-me eu, o capitão José da Penha a escrever artigos, e mais dois ou tres amigos. **Vivas** estrepitosos anunciam a aproximação dos partidarios. Dizia-se que Fuão Toscano tinha uma **missão especial,** e o capitão Penha não ignorava isto.

Fomos á porta; a turba investe contra a redação. O capitão Penha fardado de branco, sem quepi, corajosamente abrindo a túnica, avança para o cabeça:

— Atira, cangaceiro sem **n,** no peito do capitão José da Penha!

O povo abriu. A correria não foi deste mundo.

Rimo-nos a valer da coragem daqueles patriotas!

Pouco depois anunciou-se um comicio dos «pinuns», que eram os oposicionistas ao Governo. Seria no báirro do Alecrim.

Para servir-me do chavão consagrado, direi que **falaram varios oradores.** Foi talvez o maior comicio. Depois, a imensa massa humana rumou a Cidade Alta, passando pela rua Nova, que estava toda embandeirada para recepcionar o candidato do Governo, dr. Ferreira Chaves, tudo quebrou, tudo arrancou. Chegou mesmo a constar ao Governador Alberto Maranhão que iria ser deposto, o que fe-lo tomar a providencia de dobrar a guarda da Vila Cincinato.

Alberto Maranhão era refratario ás violencias. Si tinha coragem também nunca deu provas. Certa vez disse ao capitão Jacinto Torres, então comandante da guarnição federal, que por sua causa se não derramaria nem o sangue de um pinto. Isto veio a propósito de ter a mesma guarnição embarcado para o Ceará, e receber ordem de desembarque logo depois. A causa foi simplesmente ter o vapor de demorar a viagem devido a um desarranjo na caldeira.

Chegou mesmo a convidar o capitão Penha para uma conferencia no Tirol, em casa do cel. Joaquim Manuel, afim de propôr um acôrdo sobre a organização da chapa eleitoral.

O capitão Penha não aceitou a proposta porque não confiava nele.

Muitas e muitas noites passei em claro, fazendo o **Diario** quase sozinho, fumando cigarros e tomando café, preparando o pão para alimentar no dia seguinte a voracidade partidaria.

Ás duas da madrugada começava-se a imprimir. Fazia de motor para virar o prelo velho e descompassado «seu» José. Nunca lhe soube o cognome. Não havia necessidade. Era somente «seu» José e nada mais. Jamais vi alguem tão ignorante. Certa vez os

garotos da tipografia, para rir á sua custa, mandaram-no buscar tinha branca, dizendo que o jornal naquele dia seria impresso em papel preto. E ele foi.

Por esse tempo, entre outros, deu por aqui também Oscar Brandão, egresso da campanha Dantas Barreto em Pernambuco. Não posso afirmar o que vinha ele fazer, mas sei que poucos dias mais tarde saia pela manhã na **Folha do Sertão,** de Nizario Gurgel uma publicação de sua autoria atacando a oligarquia, e nesse mesmo dia, porque fôra nomeado Chefe de Policia, publicou na **A República** um artigo condenando a campanha oposicionista.

No dia seguinte estampei os dois escritos na primeira página do **Diario do Natal,** sem fazer nenhum comentario.

Perdeu-se a campanha devido ao altruismo do capitão Penha, apresentando candidato ao Goveno do Estado um simples jovem tenente, que só tinha para recomenda-lo o ser filho do Presidente da República mas completamente diferente ao que por aqui se passava, enquanto nós, levados pelo proprio instinto de conservação, guarneciamos todas ás noites as portas com homens armados que se revezavam.

Quando regressava á casa, uma ou duas horas da manhã, sempre encontrava policiais sentinelando minha porta. Ás vezes os pobres esbirros dormiam, fazendo-se preciso acorda-los para afastar-se e assim poder eu abrir a porta.

Sempre me advertia o saudoso vizinho e colega prof. Zuza que bom seria não facilitar vindo para casa tão tarde.

— Ninguem gastará seus $200 com uma bala para vasiar-me a carcassa, respondia-lhe.

Uma noite, minha Senhora tomou-se de tal nervoso que ficou com a porta aberta á minha espera até depois de meia-noite.

Como para os abscônditos planos do Governo fossem insuficientes mil e tantas praças de policia alojadas em tres quarteis, foi creado também um batalhão de «patriotas». Dele faziam parte como figuras de destaque — Arari Brito, Sandoval Wanderlei, Kerginal do Cavalcanti e outros moços «dispostos». Eles faziam principalmente o patrulhamento noturno. Apitavam muito, e o povo dizia que a razão disto assentava no medo que tinham de ficar ás escuras.

As arbitrariedades eram inúmeras e constantes. Luiz dos Anjos, irmão de Pedro Alexandrino, tendo em defesa de seu pai disparado um revólver contra Sebastião Siqueira, que veio a falecer em consequencia da impericia do médico, foi preso. Julgado, foi absolvido, mas o Goveno mandou apelar oito dias depois e já á noite, quando ele devia já se encontrar em pleno gozo de sua liberdade.

Na chefia de policia praticou Oscar Brandão todas as arbitrariedades que se impunham no momento, para trazer em sobresalto o opinião pública. De todos os seus desmandos, porém, culminou aquele de que foi epílogo a prisão de Pedro Alexandrino. Filósofo nato, inofensivo por índole, educador da mocidade coeva, doente sem a aorta ter mais o que dilatar, tinha, entretanto, um crime: não pusera a sua pena ao serviço dos mandões da época.

Sua prisão, que foi de horas apenas, indignou toda a cidade.

Acirrando-se de mais em mais a luta, foi o capitão Penha com uma caravana pelo interior do Esta-

do a fazer a propaganda da candidatura do tenente Leónidas da Fonseca. A grande maioria dos correligionarios desconfiava do exito da campanha, em vista da imobilidade do candidato que nem por oráculos respondia o que se lhe consultava. Só o capitão Penha, quiçá pra não confessar o seu fracasso, ou por dignidade, julgava-a ou dava a entender que julgava vitoriosa. Dotado embora de ótimas qualidades para posto de comando, tinha o malogrado conterraneo, como todo o nortista, um ponto fraco — era de muito bôa fé.

Foi nesse tempo que, com Jorge Cámara e dinheiro emprestado fundei um jornal — **Gazeta da Tarde.** Tal fôra a feição desse vespertino-torpedo que a policia só deixou sair durante tres dias. Nele fulgurava a pena bem aparada mas supracausticante de dr. Homem de Siqueira.

De Santo Antonio telegrafou-me o capitão Penha dizendo que seguisse a Nova Cruz levando as armas e a munição que tivesse. E' que lá estava acantonado o famigerado capitão de policia Zacarias das Neves á frente de uns cento e cincoenta homens, alguns dos quais profissionais do crime, cangaceiros, mas assalariados pelo Governo legal e legitimo. Todos usavam alpercatas e chapéu de coiro com a aba na testa e na nuca virada para cima, e o trabuco na mão.

No dia seguinte ao da recepção de aludido telegrama, despachava eu oito rifles e oitocentos cartuchos, seguindo no mesmo comboio com varios amigos. Nos bolsos meti douze bombas de dinamite e no cinto um punhal. A minha Senhora, que se obstinara em acompanhar-me, dei um revólver dizendo que, como sabia usar aquela arma, em caso de ataque á sua pessôa, se defendesse.

Mas Zacarias das Neves não tinha coragem, tanto assim que, com a força de que dispunha, não impediu que entrássemos em Nova Cruz, que fizésse o capitão Penha e depois o dr. Henrique Hurley um comicio em que mais uma vez a «oligarquia maranhota» foi arrastada pela rua da Amargura, e depois fôssemos nos banquetear e dansar até alta noite.

No outro dia, quando de lá voltávamos, acompanhou-nos um destacamento de umas vinte praças de policia, comandadas pelo capitão Antonio Moura.

Em Natal preparava-nos o Governo uma surpresa...

Quando o comboio parou no primeiro desvio da estação, devido ao estado de minha Senhora, fizeram-nos desembarcar. Fomos para a casa de Teófilo Leopoldo.

Na estação houve atrito; atiraram em Pedro Gregorio; houve correrias. O capitão Penha seguiu para casa, não escoltado mas cercado por grande força de policia, porque no Exército, o único que tinha interesse em que o Governo triunfasse era Toscano de Brito, cuja atividade entre os mais exaltados «marretas» era notavel.

Oscar Brandão mandou cercar a residencia do capitão Penha, que era o casarão fronteiro á igreja do Bom Jesus, e ordenou fossem corridas todas as pessôas que lá entrassem ou de lá saissem. Fez mais: mandou cortar-lhe a luz e, como isso não bastasse para satisfazer a sanha dos mandantes do momento, mandou fechar o fornecimento dagua, cumprindo notar que com o capitão Penha estavam, além de sua companheira, d. Leontina, brasileira filha de argentino com paraguaio, mais dezeseis homens, entre os

quais José Freire, Carlos Siqueira, Nizario Gurgel, Manuel Afonso e Olegario.

Fechou-se o **Diario do Natal.** Eu fui gentilmente convidado para ir á Policia depôr. Estava em moda autoar-se gente. O que respondi deve andar pelos arquivos daquela repartição. Suponho que não saiu muito á feição dos homens, tanto assim que não deram á estampa, como faziam com os depoimentos dos outros. E eu seria lá tão «trouxa» que fosse complicar meus amigos?

Depois que o chefe de policia mandou bombardear a casa do capitão Penha, resultando sair ligeiramente ferida no tornozelo d. Leontina, foram elès meus hóspedes, á rua 21 de Março. Comigo ficaram oito dias. Durante todo esse tempo minha casa permaneceu cercada por policiaes embalados.

Como se julgasse mal seguro, apezar de dizerem as autoridades, como é do expediente de sempre, que a força era para garanti-lo, resolveu homiziar-se na Capitania do Porto. De lá tomou um paquete para o Recife.

Passada a refrega da «salvação», fui empregado na Fiscalização da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, contra a espectativa de certos jacobeus que diziam ter **prestado serviços** ao Governo, e ficaram a ver navios, enquanto eu era colocado. Mas, si eu não era político...

Minha aula que, apezar de empregado não abandonei, contava nesse tempo com bons elementos, tão bons que fundaram um gremio e um jornal tendo ambos o nome do externato — **Sete de Setembro.** Lauro Botelho, Lauro Vanderlei, Osvaldo Pereira, Carlos Siqueira, Urbano Petrizzi, Antonio Guedes e Francis-

co Pignataro eram rapazes esforçados. Queriam aprender.

De todos, porém, merece especial menção Manuel Casemiro. Chegou ele certa noite á aula, na rua Uruguaiana, e falou comigo para matricular-se. Auscultando-lhe a capacidade intelectual, mandei-o escrever no quadro negro o seu nome, o que ele fez da seguinte maneira — **MaNuel.**

Mau grado esta maneira **sui generis** de grafar o nome, começou a estudar e, em pouco tempo, ia além dos outros.

Num dia desse ano de 1913 da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, sou consultado em minha casa a respeito de uma jovem que iria fugir á noite. Era para aceita-la até a realização do casamento. Caso de certa gravidade, consulto minha Senhora que decide dando o seu assentimento.

Mais tarde, uma tia da cachopa em apreço me veio dizer que também se exigia a minha presença para o roubo da moça, visto como, acrecentou, era uma pessôa que infundia respeito.

Efetivamente, á hora determinada fui com o noivo, um latagão de um metro e oitenta. Mas, assim que nos acercámos da menina que, vestida de azul, nos esperava para deixar-se roubar, o noivo experimentou tal sensação que mal se sustinha nas gambias. Visto que era preciso cumprir a missão e logo, porque, si demorasse algum tempo, os irmãos da rapariga, dois hércules, podiam pelo menos nos botar pra correr, não tive dúvidas — dei-lhe o braço e, aos claros raios da lua, lá me fui com aquele suave roubo... para outrem.

E assim tenho em minha vida a registar mais este fato — ser ladrão de moça.

Eram recem-chegados a Natal alguns dos irmãos Palatnik. Recordo mui particularmente Adolfo. Peças de morim ao braço e um jacobeu com a mala de mercadorias, ia ele pelas portas a oferecer fazendas a prestação.

Fez-se meu amigo, e eu dele. Á custa de trabalho e de economia são hoje os maiores proprietarios de Natal.

Ardia a Europa e seus filhos entredevoravam-se na mais encarniçada guerra do primeiro quartel deste século.

Tornara-se a Conflagração assunto obrigatorio das palestras, das aulas, das conferencias, do teatro, sobre ser da imprensa que se comprazia em matar diariamente milhares de alemãis, e dos púlpitos, os pregadores se esforçavam em «provar» que tudo quanto se estava passando eram acentuados e iniludiveis prenuncios do fim do mundo. Aproximava-se o termo das coisas. Em breve iríamos ter o juizo final.

Julgando haver um erro de interpretação no caso, escrevi um longo artigo na «A Imprensa», jornal do cel. Cascudo, em que mostrava que o estado permanente do mundo sempre foi de guerra, que o Imperio Romano, durante os primeiros nove seculos de sua existencia, só conseguiu fechar as portas ao templo de Janus tres vezes.

Meu prezado mestre e amigo rev. Jerónimo Gueiros mandou chamar-me muito cedinho, para expressar-me sua surpresa pela minha maneira de pensar. Mas, si eu repetia o que dizia a Historia!

A sete de setembro de 1914, achando-me na pra-

ça desse mesmo nome a assistir a clássica e desinteressante parada escolar, ouvi falar de um telegrama que dizia estarem os alemãis nas cercanias de Paris, e já tão perto que os fortes da cinta de fora da cidade haviam entrado em ação contra os «boches».

Pelo determinismo que rege as coisas deste mundo sublunar tivemos também de entrar no conflito algum tempo depois.

Um dia, a população de Natal viu, entre desconfiança e pezar, transpôr a barra uma ridícula esquadra, que ia levar aos Aliados a expressão da coparticipação do Brasil no exterminio a que a ambição arrastara os povos do Velho Mundo.

E no dia em que partiu, poucas não foram as pessoas que foram a Petropolis dizer o último adeus aos nossos bravos marujos, alongando a vista até sumir-se no horizonte o último **destroyer.**

# IV DÉCADA

# AULA E MAIS AULA

## I

EMBORA ainda empregado da Fiscalização da Central, em 1916, não abandonei minha aula, agora na avenida Rio Branco, porque lá não percebia o suficiente para a minha manutenção.

O saudoso dr. Plinio Alves Dias Gomes com quem trabalhava eu, não era amigo do engenheiro Benevides. Quase se engalfinhando certo dia dentro do escritorio, conseguiu este, que gozava de favores oficiais, a remoção daquele; fiquei á disposição do dr. Benevides que, talvez me julgando capaz de coparticipar de sua intriga, não me tratava devidamente.

Cheio de empafia, por causa de uns registos de trabalho, entendeu de representar contra mim ao engenheiro-chefe, dr. Abreu e Lima, deante de uma pessôa extranha e de um servente da repartição. Saiu-se mal. Joguei-lhe o livro de registo em cima, retirei-me do gabinete do chefe, pús o chapéu e fui para casa. O proprio dr. Abreu e Lima achou tão justa a minha revolta e a atitude que tomara, visto ser funcionario

cumpridor do meu dever, que mandou seu irmão á minha casa cumprimentar-me e abraçar-me, e convidar-me ainda para lecionar seus filhos.

Minha aula contava agora bons elementos: José Péricles e José Carlos Leite, João Suassuna, Osvaldo Botelho, todos veteranos, e mais Luiz e Reinaldo Praça, Eusebio e José Leandro, Carlos e José Farache, além de outros que naturalmente me escapam.

Eusebio tinha um genio especial: por um nadita amuava-se. Um dia chegou-se a mim e queixou-se de um colega que, dizia, menoscabava de seu pai.

Mas, que disse ele, perguntei, si seu pai é um cidadão distinto por todos os títulos?

Muito estomagado, respondeu:

— Mexeu com meu pai, sim, dizendo: «olá, da costa d'Africa!...»

As ferias de 1916 fui passa-las em Maracajú. A viagem, por mar, no cuter «Bemtevi», com vento, ponteiro, provocou enjôo em todos os passageiros e até no cachorro «Togo», que eu criava. Uma rajada de nordéste a mais quebrou o mastaréu.

De lá voltei a cavalo, trazendo minha filha Inah, de seis meses, fazendo costal de uma egua tão preguiçosa que só caminhava quando lhe mimoseavam as ilhargas com um espeto á mingua de espora. As impressões trazidas não merecem mencionadas, a não ser a falta quase absoluta de géneros alimenticios e a madraçaria da população litoranea.

Aproxima-se a data do meu natalicio e isto deu ensejo a que um dia fosse surpreendido por uma comissão de alunos, que me convidou a ir **até ali**... Era a uma fotografia. Bateu-se uma chapa e, dias de-

pois, recebia eu uma ampliação do meu retrato que ainda guardo e prezo.

Na abertura das aulas do novo ano já figuravam na matrícula os nomes de Francisquinha Bemfica e Rosilda Vanderlei.

E como o Brasil é o paiz das novidades, a da época era o brado do deputado conterraneo dr. José Augusto, quando proclamava:

**«Combater o Analfabetismo é dever de honra de todo brasileiro.»**

Tendo-me por um dos vanguardeiros do ensino em nossa terra, prontifiquei-me a batalhar sem retórica mas realmente, e pela maneira mais prática, a hidra do Analfabetismo.

Assim, com os moços da **Agremiação Literaria Ferreira Itajubá** resolvi fundar uma escola gratuita, a que se deu o nome de «José Augusto».

Precisávamos de uma casa. Entendi-me com o então governador do Estado, snr. Ferreira Chaves, interessando-o no caso e pedindo-lhe permissão para ter minha aula num dos salões do velho Ateneu.

O diretor desse educandario não se dava muito comigo. Ranços da passada campanha política da «salvação». Mas, apezar disto, o salão foi cedido e a matricula aberta.

Lauro Botelho, velho aluno e também entusiasta caravaneiro da cruzada contra o Analfabetismo, inscrevia os alunos que eram «das mais humildes camadas sociais» conforme uma publicação coeva. Cabeceiros, marítimos, engraxates, serviçais, etc.

Faltava material escolar. Organizámos um bando precatorio para angaria-lo. Si não combatéssemos o Analfabetismo o Brasil se abismaria.

Nesse tempo o cambio era alto.

Varias senhorinhas nos prestaram seu concurso; o bando precatorio foi acompanhado pelos snrs. dr. José Augusto, propagandista da difusão do ensino, dr. Manuel Dantas, diretór geral da Instrução Pública do Estado e delegado da Liga contra o Analfabetismo, comandante Monteiro Chaves, diretor da Escola de Aprendizes Marinheiros, o diretor da escola gratuita «José Augusto» e outras pessôas interessadas.

A banda de música da Policia puxava o cortejo. Foi distribuido um boletim inçado de improperios, invocando todos os penates — Camarão, Miguelinho, Clara de Castro, Nisia Floresta, Augusto Severo — como si algo tivessem com o caso em apreço, e caluniando o Governador a quem se chamava «benemérito repúblico» porque praticou a ação meritoria de ceder um dos salões do Ateneu. No mesmo boletim dizia-se até que o Analfabetismo era um monstro. Retórica de campanario.

O povo generoso de nossa terra contribuiu á farta. Em poucos dias andava a frequencia por mais de cem alunos que, revelando-se sugestionados pela idéia, debruçados sobre as carteiras, em poucos dias escreviam nos cadernos a caligrafia ou os problemas passados no quadro negro.

A disciplina era um fato.

Certo dia, indo abrir o salão, não pude, entretanto, dar aula. Em todas as paredes, ladeando as gravuras mais horripilantes que muito bem ficariam num tempo consagrado a Falus, lia-se em letra maiúscula, toda a terminalogia de alcoice.

Comuniquei o caso ao diretor do Ateneu. Abre-se um inquérito. O pornógrafo é emfim descoberto —

Caetano, aluno do estabelecimento. Suspensão por quinze dias.

Entretanto, minha aula não sofre solução de continuidade: trabalho de manhã, á tarde e á noite.

Certa vez, á tarde, saem os rapazes alegres como sempre. Nas imediações encontram uma cesta velha e começam com algazarra a «chuta-la». Fi-los voltar e, depois do «sermão» do estilo, disse-lhes que só os deixaria ir depois que decorassem e recitassem uma poesia por mim indicada. Foi um soneto. Alguns decoraram logo, outros mais tarde. Ficou um. Este, nem logo nem mais tarde conseguiu aprender o soneto. Por fim foi franco. Pediu-me que lhe désse qualquer outro castigo menos aquele, pois nada conseguia decorar.

Foi José Carlos Leite. Mandei-o para casa; estava absolvido.

No fim do ano a festa de encerramento das aulas culminou num baile a que compareceram alunos e não-alunos, professores e amigos. Houve bolo, suspiros, «beijos», sanduiches, agua de côco, aluá, café. O alcool não teve ingresso.

# ENSAIO DE INTERNATO

## II

DA avenida Rio Branco fui residir á rua São Tomé.

Dado o desenvolvimento que iam tomando as aulas, resolvi experimentar internato, recebendo alguns meninos. Já dispunha de bôas carteiras, mapas, globo para ensino de geografia e, na porta, placa em forma de escudo, pintado com as cores nacionais, tendo no centro uma estrela branca, e esta inscrição — COLLEGIO SETE DE SETEMBRO. 1910 (data da fundação). Coisa bombástica. Reclamo.

Jaime e Cleto Botelho e Joaquim Inacio Ribeiro Dantas foram os iniciadores do novo regime, que resultou bem. Joaquim Inacio era muito sensivel. Não podia ouvir sem enternecer-se até as lágrimas a leitura de alguns dos **Contos Mensais** do «O Coração», essa formidavel obra de Amicis, particularmente **O Naufragio.**

Para ministrar exercicios físicos aos alunos agora muito numerosos, convidei o sargento José Vitoriano.

Durante o dia funcionavam aulas para os meninos; á noite havia para os rapazes.

Entre os meninos havia-os de varios feitios morais como sôe acontecer em toda aula. Junquilho de Melo, que sobresaía pela falta de siso; Lulú Trindade, muito dedicado e que um dia, zangado por uma observação que lhe fiz, foi embora para voltar momentos depois, dizendo que assim o fazia porque me queria muito bem; Orlando Luz, desidioso, sempre de má vontade para fazer os deveres que lhe eram marcados. Certo dia entendeu que não devia corrigir uns erros de uma carta. Teve que fazer o trabalho douze vezes porque onze errou.

A matricula ultrapassava de quarenta: — Paulo Mesquita, Abel Borrajo, Pelusio Melo, Pedro Duarte Filho, Francisco Viana Filho (Vianinha), Lauro Pelinca e o irmão, Milton Silva, Isaac Nobre e o irmão, Luis Severiano, Pedro Henrique, Oscar Fernandes, etc.

Entre os rapazes, figuravam José Aurino da Rocha, Reis Lisbôa, Adriel Lopes, Aguinaldo Pinheiro, Antonio Petrowich, Augusto de Sousa, José Lopes, Oscar Trindade, Jocelin Vilar, Osvaldo Botelho, João Borges, Abel Viana, João Dias, Salí Gomes, Solon Aranha, Evaristo de Sousa, Osvaldo Pereira, Clovis Benevides, João Sisenando, José Pessôa e Manuel Casemiro. Alguns já eram veteranos.

Naturalmente falta algum nome. A memoria me trai.

Dessa aula foi expulso Junquilho de Melo, que no dia seguinte passou por mim muito cheio de suficiencia a tirar grossas baforadas de um cigarro. Não era

de admirar, pois da propria aula em que a irmã era professora ele também fôra expulso.

Nesse ano, chegando o dia 7 de setembro, fardei o meu pesoal que formou nesse dia, merecendo aplausos, já pela correção, já por ter cantado bem o hino da Independencia e o hino Nacional.

Era então por demais deficiente o serviço de iluminação, pelo que tive certa noite de fazer, á luz de uma simples vela, a versão de um artigo da Constituição Brasileira para Aldo Fernandes, que ia submeter-se a um concurso no dia seguinte, pela manhã.

Foi quando morava nessa rua que fundei com Adauto da Cámara e outros um jornalzinho lítero-noticioso — A NOTA. Fez-se gratuitamente nossa inimiga uma bengalé de jagodes, que vomitava improperios contra as pessôas de bem. E, conquanto fosse o que escrevessem estampado numa simples folha de almasso, tinham muito cuidado as familias que seus filhos não a lessem, por medida de higiene moral.

Um dos estafermos abespinhou-se por causa de uma simples pilheria publicada na A NOTA, e prometeu aos seus deuses que daria um tiro num dos dois responsaveis — eu ou Adauto. Encontrou primeiro a Adauto, no Café Avenida. Alvejou-o. O projetil não atingiu o alvo, mas Adauto andou mais bem avisado: agarrou o maroto a unha e deu-lhe uns piparotes.

O final foi a Policia: inquérito, autoação e... arquivamento do processo.

A NOTA suspendeu a circulação.

Por essa época passeava eu frequentemente em Baixa Verde, a convite do dr. Antonio Proença que cogitava de fundar lá um colegio.

João Cámara ainda era pobre. Nunca me esque-

cerei que ele me disse ter começado sua vida naquela terra com 384$000 e um burro cardão. Hoje é milionario; eu era professor e continúo a se-lo sem ter, siquer, uma casa. Não foi a importancia que enriqueceu João Câmara, pois outros têm iniciado sua atividade com muitos contos e tudo se evapora. Foi a Fortuna que o bafejou, e nada mais. Quando ela quer, não se faz precisa simpatia, nem «geito», nem inteligencia e, muito menos ainda, cultura. Ela quer e está tudo acabado.

Tinha o dr. Proença a mania de criar cachorros. Nesse tempo possuia oito que acudiam pelos nomes das notas musicais os sete primeiros e o último por outro nome qualquer.

Era uma graça ve-los pulando, cainçando, mordendo-se, emulando-se ao redor do dono, a disputar cada qual ser o **primus inter pares,** e ele a chamar **Dó,** a estalar o dedo a **Ré**, a acariciar a **Mi,** a repreender a **Fá**...

Estando eu lá, apareceu um jeca que ia pedir um obsequio a d. Malvina. Como estivesse a cuspir no soalho, ela empurrou com o pé a escarradeira para perto dele. Entretanto, ele continuou a cuspir. D. Malvina aproximou-a mais; todavia, ou porque não percebesse ou porque ignorasse o uso do vaso, o jeca pegou da escarradeira com as duas mãos e pô-la em cima da mesa redonda no centro da sala.

# INTERNATO

## III

COMO já não comportasse a casa o crecente número de alunos, mudei para a praça André de Albuquerque. Muito ampla, si bem que também muito velha, permitia-me a nova residencia acomodar folgadamente dezesseis internos, afora minha familia e o pessoal de servir.

Viviamos todos como si fôssemos uma familia. Pareceu-me que deste modo poderia mais facilmente manter a disciplina daqueles cuja educação me fôra confiada Á mesa serviam-se todos — professor, familia e alunos — e a alimentação era a mesma.

Não preconizei nunca os grandes internatos onde, por via de regra, a diciplina muito se afrouxa tanto mais quando se trata de uma subraça ardente como a nossa, sob um clima propicio e enervante...

Aos domingos podiam ir á missa aqueles cujos pais o exigiam, os que tinham bôas notas durante a semana, também tinham «saída», devendo, porém, apresentar-se ás dezoito horas.

Nos dias uteis, após o jantar e o estudo, mas antes do café, permitia-se aos alunos divertir-se jogando «damas», dominó, gamão, carta, etc.

Com ser reduzido o número, não deixava de haver, entretanto, uma variedade consideravel de carateres.

José Pessôa, sempre «arriado» pelo outro sexo; A. Maia, fino no jogo das damas, mas tão ignorante nos primeiros dias que não sabia distinguir macarrão de camarão; os irmãos Pereira, que não sabiam servir-se de talheres, pelo que logo pediram lhes fossem fornecidas colheres; J. Proença, que explorava para rir a ignorancia de A. Maia, mandando-o conjugar verbos como **obstar** e **optar**; Silverio Soares, muito alto, sensato, sempre calado a não ser que fosse para recordar os carnaubais de sua terra; Euclides Monteiro, bem humorado, aferrado aos livros, e que, indo visitar a familia, no Seridó, de presente me trouxe um bode seco; Quincas Tetéu, muito moderado, boca á perereca, o cabelo constantemente mal arranjado; Oto Paulino, tão dorminhoco e de sono tão pesado que, certa noite, por troça, os colegas o tiraram da cama e puseram-no em cima de uma mesa sem que despertasse; tinha este a mania de traduzir literalmente para o francês todas as expressões vernáculas.

Pouco depois chegava do interior Pepino. Logo ao primeiro lance de vista revela-se um menino doente, sem capacidade suficiente para assimilar, abobalhado. Na primeira semana em que assistiu aula, quando foi da hora de recitação, ofereceu-se para também dizer uma linda poesia, conforme afirmara. Chamado, declamou:

**Até nas flores se encontra**
**a diferença da sorte...**
**Umas enfeitam a vida,**
**outras enfeitam a morte.**

A impiedade de Proença o não poupava. Pepino lhe pagava tantos tostões quantas vezes escrevia o nome de uma de suas irmãs. Tinha assim Proença uma fábrica de moedas.

Havia ainda um tipo **sui generis.** Era o Zezinho. Nele como que coexistiam duas personalidades distintas: uma que se manifestava pela dedicação, pela atividade, pela expansibilidade, tendo sempre uma pilheria espirituosa; porém tudo isso cedia logar á outra que aparecia na impetuosidade, no esparramo pelo mais futil pretexto. Além disso, mentia, iludia, sonegava os objetos aos colegas, chegando certa vez a ser eu a propria vítima: escamoteou-me um relogio de pulso e o vendeu a um colega.

Não o expulsei desta vez porque, considerando minha profissão como um sacerdocio, procurava, pela minha influencia, faze-lo trilhar melhor caminho. Infelizmente assim não aconteceu.

Numa quarta-feira, clandestinamente, mandou passar um telegrama ao pai pedindo com urgencia .. 500$000, acrescentando que era para emprestar-me 300$000. No dia seguinte recebia eu um despacho para ele. Mas, como o pai tinha negocios em Natal aos quais não era ele extranho, julguei tratar-se ser um negocio qualquer, e entreguei-lho sem abrir.

No sábado obteve permissão para ir falar com o correspondente. Recebeu o dinheiro e comprou cortes de fazenda, chapéu, perfumes, joia e, não tendo mais em que gastar, comprou um canario belga.

Quando de tudo fui informado, tomei-lhe o resto do dinheiro, uns cento e poucos mil réis, privei-o e telegrafei ao pai comunicando tudo.

Si lamentei o menino, não menos lamentei o velho pai, meu amigo, tão envergonhado e triste veio ter comigo.

Não tolerei mais o infeliz menino que começou a vida por uma trilha tortuosa, tendo muito cedo finalizado seus dias nas grades de uma prisão por um crime tremendo.

Figuravam no externato, entre outros, Salviano Gurgel, já veterano, Aparicio Milhomens, Artur Grant de Oliveira, Luiz de Góis, Carlito, João e Armando Dantas, Paulo, João Batista e Benedito de Góis, Celio e Jorge Petrowich, Marciano Adalberto e Luiz Freire, Raimundo Brito, Hermonegenes Medeiros Filho, Humberto Lustosa, João Bulhões, Eleazar Ramos, Abel e Paulo Barbosa, Milton e Zacarias Silva, Euclides Pinheiro, Haniel Silva, Dahil Leite, Donatila Pessôa e Aurinha Medeiros.

A aula noturna também era muito frequentada, salientando-se pelo desejo de aprender, pela docilidade e, sobretudo, pelo cuidado que dispensava á preparação dos deveres que lhe passava, o então negociante Francisco Silvestre Sampaio.

Uma tarde chegou-me á casa um amigo em companhia de um inglês, engenheiro, que chegara da Europa a serviço de sua profissão. Não dizia uma palavra em português. Vinha estudar comigo. Tinha eu de formular as explicações na lingua dele; para leitura adotei simplesmente a **Cartilha de Ensino Rapido.**

Poucos dias depois o inglês já lia:

«Laurita tem uma boneca».

«O gato brinca com a bola».

Em 1918 consegui uma subvenção de um conto de réis para o colegio. Ela, porém, só me foi regularmente paga até o oitavo mês. Havendo eleições recebi um convite-ordem do Governador Ferreira Chaves, para ir votar.

Ora, sendo eu livre atirador em materia de politica, só poderia interpretar aquela intimação como sendo devida á subvenção que o Congresso me concedera. Resolvi então mandar dizer pelo mesmo portador que lá não iria. O homem ficou melindrado, não me tirou mais o chapéu, apezar da distinção que já me havia dado, convidando-me para lecionar um de seus netos na sua propria residencia — a **Vila Cincinato.**

Logo mais tarde, manifestando-se a terrivel pandemia que foi a **Influenza espanhola,** todas as aulas foram fechadas. Os que puderam, safaram-se; os que não, adoeceram. Houve um dia em que só eu e a cozinheira amanhecemos de pé: cada cama tinha um **espanholado.**

Não fui atingido, apezar de não tomar nenhuma precaução.

Fechada a aula, fiquei de tanga e individado.

Indo residir á rua Felipe Camarão, consegui um salão da **Loja 21 de Março** para trabalhar. O número dos alunos não era muito grande, avultando nele os filhos do major José Pinto, e também Aluisio Moura, com outros pirralhos.

# PARA PERNAMBUCO

## IV

NÃO sendo muito lisonjeiras as finanças desde o surto da **espanhola,** resolvi acceder ao convite repetida e insistentemente feito por um amigo de Palmares, Benigno de Barros, para ir abrir um colegio naquela cidade. Era uma especie de aventura a que me jogava, confiante apenas nas promessas de um amigo que, conquanto nutrisse o melhor desejo pela realização da idéia, não dispunha de recursos suficientes para qualquer eventualidade no caso de um fracasso. Contudo, fez o que pôde.

Resolvi ir até lá a ver a cidade; **assuntar.** Municipio grande e rico, cidade velha e consideravel, Palmares, que tinha apenas um grupo escolar com organização antiquada, e mais um colegiozinho pouco frequentado, bem me pareceu comportar mais um estabelecimento que se propuzesse a servir melhor.

Voltei encantado pelas possibilidades que supús vislumbrar. Enganei-me com a côr da fita.

Eu ignorava uma particularidade. Precedera-me

naquela cidade, no mesmo género de vida um Fuão Gaston que, dizendo-se educador, desmoralizara a classe com o expediente de que usava. Enganou todo mundo — o fornecedor, o padeiro, o açougueiro, a lavadeira, a farmacia, o médico, o proprietario, os pais, os proprios alunos e, como remate, saiu fugindo.

Esses fatos puseram naturalmente a população em guarda contra qualquer outro que aparecesse.

A 2 de julho de 1920, domingo, tendo metido num carro da Great Western mil duzentos quilos de material escolar — carteira, bancas, quadros-negros, mesas, mapas, etc. — sob torrencial chuvarada tomei o trem com minha familia, dois alunos que me quizeram acompanhar, e mais uma criada.

De véspera, o velho Bento, que sempre me visitava para receber algum auxilio, me deu uma oração escrita numa caligrafia de carcereiro de aldeia, e em papel de côr duvidosa, dizendo que ela tinha a virtude de fazer-me feliz. Porque não tenho nenhuma superstição, entendi que devia dar fim á tal reza, e assim o fiz.

Chegámos ao Recife no dia seguinte á tarde, e, no outro dia, tomava o comboio da linha de São Francisco a Palmares; á noite, apoquentados por uma chuvinha fria e importuna.

Sete dias mais tarde, quando já havia chegado o material escolar, inaugurava-se, na rua da Vitoria n.º 1, o **Colegio Seis de Março,** nome que era bem u'a homenagem á efémera mas gloriosa revolução, levada a efeito pelas tres Provincias do Nordéste, em 1817.

O colegio era mixto, pois sempre defendi a coe-

ducação sem ter até hoje o menor incidente a lamentar.

A matrícula não foi o que era de esperar, A população estava escarmentada com o Gaston. Demais, manda a verdade que se diga, não havia também grande interesse pela instrução, o que verifiquei pelas faltas que as creanças tinham sob os mínimos pretextos, ao passo que não faltavam ao cinema á noite, para acompanhar a serie policial.

Alguns dias mais tarde foi visitar-me um cavalheiro, que é hoje um dos meus maiores amigos. Bem que louvasse a minha iniciativa, deplorou, entretanto, predisse o seu fracasso, pondo ao corrente de algumas coisa que eu devia saber, e que eram óbices inamoviveis.

Infelizmente realizara-se conforme predissera. Depois de um ano de aturado labor foi preciso capitular. O meio era hostil. José Alheiros Ferreira Dias e Carlos da Fonseca foram amigos em toda a extensão do termo, sem, entretanto, poder cooperar comigo de um modo positivo.

Certa noite, cerca de uma hora da manhã, despertei. Apezar do frio húmido e intenso daquele mês de junho, senti ardente desejo de levantar-me. Tudo estava ás escuras, porque a iluminação apagava á meia noite.

Acendi um candieiro e fui á sala.

Qual não foi a minha surpresa quando, lá chegando, deparei uma enorme jararaca de mais de metro de comprimento! Matei-a.

Penso que somos nesta vida guiados por seres invisiveis, que nos defendem do mal. Com a manhã o ofidio ocultar-se-ia certamente para mais tarde morder alguem.

Passados um ano e seis dias de dura experiencia, de trabalho continuo e exhaustivo, de abnegada dedicação, deliberei, de acordo com minha mulher — anjo que me inspirava com seus conselhos ponderados — dar por encerrada a minha tarefa na terra dos palmares, vender todos os moveis fosse por quanto fosse, e ir para o Recife. ....

A grandeza de minha missão em contraste com o indiferentismo ambiente, infundira-me grande tristeza pela profissão que abraçara.

Descreram os palmarenses da resolução tomada. Diziam que quem uma vez bebia agua da fonte pública dali não saia mais.

Foi então quando tudo já estava resolvido que me apareceram oferecimentos, subvenções, promessas, mas tudo em vão. O caminho estava já traçado.

Não foi sem saudades que naquela manhã de nevoa e frio abracei os amigos, que me foram levar na estação o seu abraço de despedida e á minha familia.

No Recife fui morar em um hotel na rua Duque de Caxias, de onde depois fui para a Torre.

Ao terceiro dia de minha chegada empreguei-me na Great Western, e mais tarde fui convidado para lecionar na **Young Men's Christian Association,** que era a Associação Cristã de Moços.

Por comodidade voltei a residir no bairro de Santo Antonio, vindo minha familia visitar os pais. Eram conveniencias.

No escritorio, mau grado o caturrismo do chefe Myles, gozava de bôa reputação, porque jamais relaxei meus deveres, jamais faltei ás minhas obrigações.

Fui convidado para lecionar varios sirios analfabetos. Com pouco mais de dois meses um lia tudo, ou-

tro gaguejava e o terceiro nada sabia. Este já era rude!

A aula era num sobrado velho da rua Direita, 3.º andar. Cansava de subir escadas. Mas ia.

Assisti a luta política de 1921; os movimentos operarios chefiados por Joaquim Pimenta; o célebre comicio por ele realizado a 24 de novembro na avenida Mariz e Barros, o qual terminou por correrias em que tomei parte, tiroteio e mortes; o ataque da força federal ao jornal por ele dirigido, na praça do Carmo. Sobressaltos de toda a natureza.

Depois, em consequencia de um refresco gelado ingerido na festa do Poço, contraí um tremendo resfriado do qual foi dificil restabelecer-me. Galdino Lima, que eu fôra abraçar na estação do Brum, apertando-me a mão, disse-me zombando:

— Caboclo, abra o olho, sinão você vai dar com os ossos no Santo Amaro!

Mal sabia ele, coitado! que os seus dias estavam mais próximos.

Foi nessa emergencia que recebi uma carta de Aprigio Cámara, convidando-me a vir trabalhar num colegio que se ia abrir em Ceará Mirim, dirigido, dizia, por um professor que tinha vindo do Rio. Eu lecionaria Português. A mudança de clima, o aconchego da familia principalmente, a volta ao meu elemento, foram fatores que me fizeram optar pelo convite. Vim.

Ávida de sensações e justamente envaidecida pela grandeza do feito, que tão de perto nos falava também pela voz do sangue, palpitava Recife e com ela todo o Brasil, pelo arrojado **reide** que vinham realizando Sacadura Cabral e Gago Coutinho, atravessan-

do o Atlântico pela primeira vez no bojo de um avião.

O grande povo que abrira o caminho das Indias com a quilha de suas caravelas, vinha após quatro séculos reafirmar o seu genio nas azas do «Portugal»!

# NA TERRA DOS CANAVIAIS

## V

POUCOS dias depois de ter sido inaugurado, em Ceará Mirim, o Colegio Pedro II, que hoje está em Natal, cheguei com a minha familia.

Os alunos eram poucos e os profesores ainda menos; e eu, que ia apenas contratado para lecionar português, logo depois já o era também de francês, inglês e até de ginástica, porque o zambo que o dirigia poderia ser tudo no mundo, menos professor. Dizendo-se pomposamente e garbosamente capacitado no «metier», seria, quando muito, um prefeito de colegio e nada mais. Sua labia, porém gerou admiração entre os basbaques que o ouviam.

Dias antes de minha chegada, o vigario da freguezia, padre Pedro Paulino, á falta de assunto, advertia, como zeloso pastor, aos seus paroquianos que se pusessem em guarda contra um maçon-protestante que iria chegar para o colegio. Bateu nessa tecla desafinada varias vezes.

Certo dia foi ouvir uma de minhas aulas e depois

me foi apresentado. Gostou, tanto assim que voltou no dia seguinte. No domingo próximo subiu á mesma tribuna de sua igreja e desdisse tudo quanto contra mim havia tão eloquentemente predicado.

Ficou meu amigo a ponto de ir á minha casa palestrar, alegrando-me com anedotas como as que os padres sabem contar.

O meu contrato firmado com o diretor do colegio, em cartorio — porque me habituei desde cedo a confiar desconfiando — não continha uma só palavra que me inibisse de lecionar fora do colegio a quem quer que fosse. Por esta razão aceitei em minha residencia varios alunos, tanto de pais que, por qualquer circunstancia, não queriam seus filhos lá, como de outros que faziam questão fosse eu o professor de seus filhos.

Que culpa tinha eu em ser preferido?

Mais vale cair em graça...

Isto, todavia, não agradou o diretor que pretendia, de certo modo, fazer o monopolio do ensino na cidade. Mostrei-lhe o nosso contrato. Eu era profissional. Não se conformou.

Procurou hostilizar-me, vendo si me indispunha contra as principais pessôas da cidade, principalmente depois que protestei contra uma mesa de jogo a dinheiro por ele instituida com alguns comparsas, numa das salas do colegio.

**Alea jacta erat.** As nossas idéias de ética rumavam campos opostos. Eu encarava, como ainda continúo a encarar, a nobre missão do professor como um sacerdocio; ele dizia que era professor na classe, mas fora podia ser o que quizesse. Tivemos alguns entendimentos sem solução satisfatoria.

Continuando a fermentar os ánimos, um dia, após uma lição de português, falámos do assunto já tantas vezes debatido, resolvendo eu abandonar o colegio, predizendo ser o começo do seu desastre, visto que ele não tinha aptidão para lecionar coisa alguma. Faltava-lhe capacidade e compostura.

Nesse mesmo dia diversos pais retiraram seus filhos, que passaram a estudar comigo.

Os alunos de português, para quem tinha eu passado uma análise escrita, conhecendo a força do zambo, quizeram rir-se á sua custa. De combinata, fizeram-na errada e, na aula seguinte, apresentaram-na. Ele achou-a ótima.

Quando me retirei prognostiquei que o colegio não iria adeante por muito tempo.

Fazia poucos meses havia lá chegado um náufrago da sorte. Tratava-se de um jovem que, no verdor dos anos, fugira da casa paterna, em Maceió, em cujo liceu com aproveitamento estudara Humanidades.

Fôra ter aos Estados Unidos e lá, para manter-se, trabalhara em fábricas e oficinas.

Voltando para o Brasil, chegara, não sei como, a Natal onde tivera noticia de que, em Ceará Mirim, havia um colegio.

Para lá dirigiu-se a pé, faminto e nú. Em Extremoz vendeu o paletó por 1$200 para com esta importancia tomar café e alcançar o termo da viagem. Acudia por Eduardo Mota.

Forte em matemática, inglês, francês e latim, foi um achado para o diretor.

Simpatisando com a minha atitude, desligou-se do colegio e foi trabalhar comigo.

Fundei o **Externato José Augusto,** na rua São

José; com isto homenageava o maior paladino da instrução em nossa terra. A matrícula subiu logo a muitas dezenas, enquanto no colegio, apezar do reclamo feito em torno do nome de um professor Tuiuú a que um jornalzinho do colegio, por mim fundado — **O Arauto** — desrespeitosamente chamou **cidadão prestadio** (!), decaia a olhos vistos.

Dia sim, dia não, estava eu a matricular um egresso de lá.

As melhores familias me distinguiam. Foi minha aluna dileta pela aplicação e pelos primores de sua inteligencia a poetisa Dolores Cavalcanti.

Tudo isso se passara no mês de agosto de 1923. A 15 de novembro, pela manhã, realizou o colegio uma passeata, com todos os alunos fardados, obrigatoria para todos os alunos. Era para anular-me. Á tarde do mesmo dia também fiz uma demonstração de forças, formando com setenta.

Disseram seus intimos que nesse dia não jantou.

# PARA NATAL

## VI

INSTADO para receber alunos internos, transformei o externato em **Colegio Rio Branco.** Mas, como o campo era exiguo, resolvi transportar-me para a Capital, na presunção de que outras poderiam ser as possibilidades. E a 23 de junho de 1924 tomei o comboio trazendo a familia, professores, internos, empregados e um saldo vultoso de 48$000.

Chegámos sob torrencial chuva, e nos instalámos á praça Pedro II.

Felizmente, poucos dias depois já era crecido o número de internos, semi-internos e externos. As aulas funcionavam durante o dia e entravam pela noite até nove horas.

Eram internos Oscar Felipe, Raimundo Antunes, Eduardo (Odraude) e Milton Gurgel, Mario Teixeira, Raimundo Nonato cujo pai, em novembro desse mesmo ano de 24 assinou a meu favor uma promissoria para pagar **a 31 de fevereiro de 1923,** Armando Siqueira, S. Sousa, que um dia surpreendi sacrificando

a Onan filho de Judá, Arnaldo Barbalho que, dois dias depois de estar internado, saiu chorando alto pela rua a dizer que não queria mais estudar.

Entendi então que devia aprender a escrever em máquina. Comprei uma e, todas as noites, das 21 para as 22 horas fazia meus treinos. Aprendi, afinal.

Certo dia, o saudoso mestre prof. João Tiburcio, que era meu vizinho, passou pela calçada, mas, quando já ia um pouco adeante voltou e perguntou-me:

—O', menino, você é moto-continuo?

— Porquê, Mestre? interroguei.

— Porque a qualquer hora em que aqui passo só o vejo trabalhando.

Eduardo Mota, que se desmoralizara perante os alunos, fui forçado a dispensa-lo pouco tempo depois.

Visto que o número de alunos crecia, precisei arranjar outra casa mais ampla e que oferecesse melhores condições. Mudei para Petrópolis, para uma casa histórica, porque nela morreu esse apóstolo da Caridade, que foi o vigario João Maria; nela também foi instalada, quando da Grande Guerra, uma bateria de costa.

Foi aí que uma tarde, após o jantar, apareceu-me um sujeito alto, corpulento, barba intonsa falando francês, trajando fato de casemira escura já amarrotado, com acentuado cheiro de suor. Dizia chamar-se Tailleyrand, e professor do seu idioma. Não me admirou ser ele «professor», uma vez que neste paiz de 70% de analfabetos quem sabe ler ensina.

Havia chegado pela 2.ª classe do trem inter-estadoal e, sem saber eu por indicação de quem, fôra dar comigo.

Estava em extremo faminto. Minha Senhora pre-

parou-lhe um prato de bifes, outro de ovos estrelados, outro de carne guisada, e arroz, pão e frutas. Tal era a fome do pobre homem que devorou tudo em minha presença e ainda tomou tres copos dagua e café. Nunca vi comer tanto!

Depois do jantar ofereci-lhe cigarro, dei-lhe mais dez mil réis e despedi-o. Jamais o vi nem tive indicação alguma a seu respeito.

Dias depois, iludindo a vigilancia dos criados, um molecote penetrou na cozinha do colegio de onde se apropriou de uns talheres. Identificado pelos alunos, num dia feriado resolvemos nos divertir um pouco á custa dele. Cercámo-lo dentro da propriedade e prendemo-lo. Pensámos em entrega-lo á Policia, mas como esta cingir-se-ia a te-lo umas horas no xadrez, podendo ele voltar á carga, eu, interessado em que não viesse mais aborrecer-me, entendi processar o caso mais sumariamente.

Arranjei uma palmatoria de emergencia e toquei-lhe uns oito ou dez bolos bem puxados. Foi santo remedio: jamais se aproximou, siquer do colegio.

No mesmo ano fui nomeado professor de Ginástica do Ateneu Norte-Riograndense, e por isto necessitei voltar a residir na Cidade.

Aluguei um sobrado á rua da Conceição, defronte do palacio do Governo. Duzentos mil réis pagava de aluguel mensalmente ao dr. Augusto Leopoldo.

No pavimento terreo funcionavam as aulas e, no sobrado, ficavam os dormitorios. Entre os internos achavam-se agora Artur Acreano, Oto de Oliveira, João Barbalho, Gastão e Humberto Grilo, além dos supramencionados.

Havia entre eles um, filho de parentes próximos,

que tinha a maior dificuldade em aprender qualquer coisa. Tratava-se de um caso anômalo, claramente definido. Estudava a mais não poder, porém, apezar disso, as suas lições eram as peores possiveis. Si, por acaso aprendia hoje uma coisa, era para esquece-la no dia seguinte. Uma tristeza!

Quando certa vez o pai vindo a Natal pediu lhe dissesse algo sobre o seu adeantamento, nada ocultei. Disse-lhe que tinha pelo seu filho especial simpatia e atenção, contudo, infelizmente, nada estava aproveitando. Só não empreguei o termo «anormal». E visto como após tanta luta só tinha conseguido as quatro operações, eu lhe aconselhava a tira-lo do Colegio e leva-lo para casa, afim de que o ajudasse pois ele, o coronel (quase todo capitalista do interior antes da revolução de 30 era coronel), já estava cansado. O rapaz ressentia-se de capacidade assimilativa.

O velho pai fitou-me entre censura e tristeza. Talvez fosse eu franco de mais.

Retirou-o. Pô-lo noutro educandario e por lá permaneceu ele mais de um ano ainda, sem conseguir, ao menos, o exame de Admissão.

Hoje é agricultor próspero.

No fim do periodo escolar fizeram exames todos os rapazes e foram embora.

Indo fazer pagamento do aluguel, pleiteei uma redução, tanto por me parecer excessivo como porque aleguei que pretendia ficar largo praso, visto como mudança de casa é-me muito incômodo. Demais, a casa reclamava reparos.

O dr. Augusto, depois de dizer-me que nada concertaria, e que não era possivel atender-me quanto á

redução, acrescentando, entretanto, que tinha bons propósitos, coçou a região ocipital e saiu com esta:

— Vou fazer-lhe um abatimento: V. não pagará o lixo.

Era de dois mil réis o abatimento! Um por cento.

O gesto de generosidade, que profundamente me sensibilizou, levou-me a agradecer-lhe ainda mais profundamente, acrecentando que quem podia pagar cento noventa e oito mil réis, melhormente pagaria duzentos, porque não perdia tempo á espera de troco.

Fiquei lá até que uma noite de inverno de forte aguaceirada parecia querer revirar tudo. Tivemos a deshoras de decer todas as camas para o pavimento terreo, pois, si tudo ruisse, mais facilmente poderíamos escapar ao perigo.

Por esta época premiava o Goveno do Estado, mandando imprimir um livro didático de minha autoria — **Novo Compendio de Análise Portuguesa.**

A publicação desse trabalho foi uma tragedia. Contratada com um pseudo representante da firma Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, de São Paulo, exigiu e recebeu logo cincoenta por cento da importancia. Vez por outra, sempre que lhe pedia noticias do trabalho, as desculpas e as evasivas não se faziam esperar, figurando em primeiro logar o clássico desleixo do Correio.

Abordado sobre o assunto pelo Governador dr. José Augusto, entrei em correspondencia com a Casa Editora, que me informou ignorar completamente o caso. Deante disto foi demitido o tal representante, que era funcionario público.

Entendeu vingar-se de mim e do Governador. Circulava então um jornaleco que, foi o pelourinho aon-

de nos arrastou. Contra mim escreveu quinze artigos cada qual mais desaforado; todo adjetivo mordaz espipou para assacar-me; um só não empregou — ladrão. E para com o Governador que o demitiu não foi menos implacavel. Sua arma predileta era o ridiculo, mas nada conseguiu porque todos sabiam que o seu despeito decorria do fato de lhe ser posta a calva á amostra.

Ainda para cúmulo do caiporismo, o homem que encaixotou os livros, escreveu o seguinte endereço no caixão:

C. C.
N A T A L
RIO GRANDE DO SUL

# V DÉCADA

# CARREIRA DE OBSTÁCULOS

## I

A primeiro de maio de 1926, precisamente quando uma carroça estava a descarregar meus livros á porta da casa que ainda ocupo, aproxima-se de mim um cavalheiro e pergunta-me com certo interesse:

— Que é que o senhor vem fazer nesta casa?

— Morar, respondi-lhe calmamente.

— O senhor não a suporta um mês! E' quente como um forno.

— Tanto melhor, pois que, é nela que venho cozinhar meu pão, redargui, aludindo á aula que aí vinha funcionar.

E a bagagem toda veio, e já vai para onze anos que nela estou, vendo o deslisar de uma parte sobremodo importante de minha vida.

Logo depois, tendo o Goveno de, conforme a organização do Ensino, modificar o corpo docente do Ateneu, creando mais uma cadeira de Português, foi publicado edital para o concurso a que me não pude submeter devido a não ter conseguido os Certificados

dos meus preparatorios feitos em 1904-5. Para o Governo não era suficiente ter nomeação interina cheia de dedicação, longa prática de ensino, obras didáticas... Nada.

No Brasil não é o homem que honra o título: dá-se o contrario.

A não ter certificado de preparatorios, só uma porta estava aberta: — ser o candidato padre, embora a República seja atéia...

Esta resolução, entretanto, em que poderia transluzir uma deferença para com a Igreja Católica, não o era. A historia foi outra, pelo menos a divulgada. O cônego Mc Dowell, confessor ou coisa semelhante da casa do então Presidente da República, nomeado na reforma do ensino, bateu o pé e disse que não se submeteria a exames de Humanidades para depois fazer concurso. Abriu-se a exceção. Está explicado o caso.

Em 1927 mandou o Goveno abrir uma época de exames de Humanidades com o praso limitado de tres anos. Sendo, como já disse, para mim dificil a obtenção, no Rio, de meus Certificados de 1904-5, inscrevi-me para tornar a faze-los.

Primeiro foram as linguas: portuguesa, latina, inglesa, e francesa. Segundo as instruções da época, as provas deviam ser julgadas no Recife.

Essa medida, que podia ser interpretada como falta de confiança ou capacidade atribuida ao magisterio indigena, podia também ser olhada como u'a modalidade dessas **comelanças** que, de vez em vez, surgem defendidas pela retórica balofa para engazupar a opinião pública.

A comissão que julgava as provas, sob a presi-

dencia de Joaquim Amazonas, atribuiu á minha de português a nota «dois». Não me conformando com o julgamento da doutíssima comissão, requeri, na fórda lei, uma certidão da sobredita prova, pois eu teria o máximo prazer em publica-la com todos os senões que tivesse.

O dr. Amazonas não deferiu o requerimento.

O exame de latim serviu-me muito, menos pelo conhecimento que porventura me proporcionara que pela grande lição de moral contido no ponto. Foi a fábula daquele «trouxa» que se achava no mato com seu asno a fazer lenha, quando lhe vieram dizer que fugisse pois tinham feito uma revolução e destronado o rei e posto outro em seu logar. Tremendo todo, o pobre homem lamenta-se, fala ao jumento dando-lhe a triste nova e anima-o a correr. Mas o jerico, muito fleugmático, diz-lhe simplesmente:

— Que tenho eu com isso?... Nenhum me tira a cangalha!...

Nos outros anos tudo deveria correr bem como correu, a não ser no exame de aritmética cujo examinador, Carlos Filgueira, fôra meu aluno. Embaraçou-se ele em me arguir, embaracei-me eu em responder-lhe.

A 6 de abril de 1927 amanheci doente. Febre alta. Os chás caseiros não resolveram o caso, e não resolveram porque o mal tinha certa gravidade — uma pneumonia dupla que, por um pouco, me não deu cabo do canastro.

A persistencia do mal inquietava seriamente os dois dedicados facultativos — José Varela e Ricardo Barreto — que de mim tratavam. A febre parecia divertir-se de pau de sêbo, numa irritante e inquietado-

ra ocilação. Todos esperavam o desenlace. Só pela minha imaginação jamais passou, uma vez siquer, a idéia de que iria morrer.

Por tres vezes circulou pela cidade a noticia. Uma delas impressionou de verdade os amigos que passaram pela frente do Ateneu e viram a bandeira em meia haste. Mas não fui eu: foi Carlos de Campos, Govenador de São Paulo. Só houve a coincidencia das iniciais.

Notava eu a preocupação geral pelas numerosas pessôas que vinham informar-se do meu estado. Eram amigos, colegas, ex-alunos, alunos, corporações, simples conhecidos a quem apenas cumprimentava... Até duzentas oitenta e seis chegámos a contar.

Quanta honra para um pobre... enfermo!

Os médicos, a certa altura, proibiram as visitas. Na sala de espera eram informados.

Minha mulher, nos últimos dias do seu nono mês, não sei como resistia, velando por mim a todo instante. Cada vez me convenço mais de que quem espalhou aos quatro ventos que a mulher é «sexo fraco» foi o maior toleirão que veio ao mundo.

Certo dia, já estando sem febre, senti muita fome. As uvas, que minhas filhinhas iam comprar todos os dias, o suco de uvas, o suco de laranjas, o chá preto ,o café me entediavam. O estómago reclamava alguma coisa mais substanciosa.

Uma pessôa amiga aventou que uma canja de frango não faria mal. As lentilhas de Jacó não despertaram maior gula aos olhos de Esaú. Pedi. Insisti. Trouxeram-ma. Devorei-a como faminto, mas a febre não se fez esperar. Mau grado a minha prevenção contra as injeções, tomei-as ás dezenas. Penso ter

exgotado tudo quanto os laboratorios despejavam para o caso em apreço.

Era a ansia de viver a latejar-me nalma.

Já não tenho mais a que recorrer, entendeu o dr. Ricardo que só aplicando umas ventosas poderia salvar-me, e aplicou-as com êxito.

Quando já estava em principio de convalecencia, recebi uma visita que me ocasionou cinco dias de febre. Foi a de A. Moura. Certamente não o fez intencionalmente. O caso passou-se assim.

Era meu amigo. Queria visitar-me. Eu tinha sido professor em sua casa. Levado ao meu quarto, sentou-se junto á minha cama e, falando sempre em voz alta, começou a contar casos de pessôas acometidas do mesmo mal, e que morreram. Tive a impressão de já encontrar-me rodeado de cadaveres de pneumónicos e eu também prestes a expirar.

Quando elé retirou-se eu já sentia febre.

Depois de vinte e oito dias levantei-me para ir ao outro aposento visitar minha mulher e minha filhinha nacida ha tres dias.

Com alguns dias mais tomei o comboio para Nova Cruz, para casa de minha irmã. Nada vi das significativas manifestações feitas nessa época a Ribeiro de Barros e seus companheiros, que atravessaram o Atlântico no «Jahu».

De volta ainda encontrei como que os últimos ecos das canções alusivas que tocavam nos cinemas, nos pianos, e todo mundo entoava:

**Salve, Jahu! Aguia altaneira!**
**As tuas azas representam**
**a bandeira brasileira.**

Em janeiro de 1928 fui á capital Federal. Era o escopo de minha viagem a publicação de um livro de inglês, um livro didático vasado em moldes contemporaneos em que julguei ferir ponto interessante para o estudo de linguas vivas.

Trabalhei mais de seis anos na sua organização. Datilografava-o das 22 horas em diante. O meu vizinho comandante Joaquim Anselmo (Quincó) por varias vezes me perguntou si eu descansava á noite, porque ele dormia e acordava ouvindo sempre o trô-trô-trô da máquina de escrever.

Terminado o livro, submeti-o á apreciação valiosa do dr. Cristovam Dantas, julgado por mim competente porquanto havia residido nos Estados Unidos: ele achou-o excelente.

Animado por seu conceito, animei-me a requerer os favores da lei estadoal n.º 145, pleiteando para o meu trabalho a publicação por conta do Estado. O Governador dr. Juvenal Lamartine, porém, alegando crise económica, como si quatro ou cinco contos de réis pudessem pensar nas finanças do Estado, cingiu-se a dar-me dois contos de réis a título de auxilio á publicação do meu livro.

Num paiz como este Brasil em que mais vale a representação que o mérito, facil é prever o resultado: encontrei todas as portas fechadas na Capital da República. Bôas palavras, conversa agradavel... porém não era só isto o que no momento eu precisava.

Por isto, numa tarde de calor enervante, tomei o noturno da Capital do Brasil, e fui a São Paulo. Ali, munido de uma carta para o Secretario Geral do Estado, uma para o velho Taunay e outra mais para o

distinto conterraneo coronel Manuel Marinho, esperava horizontes mais claros.

Lá chegando pela manhã, defrontou-me um sujeito, velhote, de voz entre trovão e taboca rachada, e que me perguntou si já tinha hotel. Era o snr. Galanti. Respondi negativamente. Meteu-me ele num carro e mandou-me levar. O auto rodou que rodou. A certa altura passámos por um colossal edificio que reconheci ser a Estação da Luz, e logo depois enveredámos por uma rua em cuja placa li — **Rua dos Gusmões.**

Parou o carro. Entrei. Designaram-me um quarto. E após o banho para desenfado da noite mal dormida, e café para retempero das energias, fui á Estação da Luz, comprei um «Guia Levi» e voltei ao hotel. Sobre uma mesa, abri a planta da cidade, vi onde estava, orientei-me e saí á rua disposto a falar nessa mesma manhã ao menos com o coronel Manuel Marinho.

Chovia a cântaros.

Fui ter á praça de São Bento. Daí partiam as bandeiras que desbravaram o interior do Brasil-colonia. Em frente erguia-se, mas ainda por concluir o edificio Martinelli. Entro pela rua 15 de Novembro e alcanço o Largo da Sé. Onde me faltava a orientação, o fidalgo **policeman,** bem vestido, polainas brancas e botões faiscantes ao sol, me indicava o roteiro.

De nove para as dez da manhã já estava em casa do coronel Marinho a tomar café, enquanto ele me contava a sua vida aqui na casa comercial do coronel Cascudo. Um herói o coronel Marinho! Por seu intermedio, ás treze horas já me encontrava eu no Pala-

cio dos Campos Eliseos, a falar com o Secretario Geral do Estado de São Paulo.

Este mandou-me com uma carta para o Secretario da Instrução Pública.

No mesmo dia levei também a carta do snr. Taunay, da qual era signatario do dr. Luiz da Câmara Cascudo.

Fidalgo, mas, antes de tudo, apaixonado pelo Museu Ipiranga de que era diretôr, não só me recebeu com distinção sinão também prontificou-se a pessoalmente mostrar-me o que é aquele primôr, que não somente lembra a nossa emancipação da tutela bragantina, mas também recorda trazendo vivo á mente o nosso passado, evocando figuras e fatos numa oleogravura, numa grosseira pia de pedra em que Anchieta batizou centenas de bugres, numa arca velha, de madeira, que foi de tal vila, num bloco de mármore de onde o artista inspirado arrancou um Fernão Dias, naquela destemerosa atitude de desbravador do sertão, numa cama de coiro que pertenceu ao padre Antonio Feijó, numa cadeirinha em que passeou a sua vaidade a Marqueza de Santos...

Na séde da Instrução Pública fui encontrar o snr. Mendes rodeado de dezenas de professores primarios a quem atendia.

Lendo a carta do Secretario Geral, disse-me que, em vista dos seus atropelos, que eu proprio presenciara, apresentar-me-ia a um dos seus melhores e mais distintos auxiliares que, além do mais, era homem de letras e publicista. Fiquei radiante. Jornalista, bem relacionado com todos os intelectuais da grande capital, supús, com sobrada razão, que Alduino Estra-

das cooperaria comigo para a publicação do meu livro, por ele também examinado e elogiado.

Apresentado á Companhia de Melhoramentos, tratei com Lourenço Filho a respeito do meu caso: a publicação do meu trabalho.

Exige-se-me o autógrafo para a crítica da casa. Parecer favoravel sobre a orientação didática. Trabalho de valor. Ótimo. Mas a casa tem compromisso para publicar o livro de inglês do dr. O. Nobiling, e dele não vendeu durante o ano uma centena. Verdade é que si de tal obra deu saida a vinte, vinte e cinco, trinta, trinta e oito mil, conforme nota que me mostram, outras ficaram «encostadas». Dinheiro no baú nada rende. Não era, pois, possivel qualquer negocio.

A Editora Nacional, disse-me o proprio diretor, a não ser as gramáticas de Eduardo Pereira cujo direito de propriedade adquirira, e mais obras do género histórico, por nada mais se interessava.

E assim os mais. Cada qual tinha seus ponderosos motivos.

Foi, depois de exgotados todos os meios, que Alduino Estradas me disse que tinha onde publicar o meu livro. Como, porém, a empresa não dispunha de grandes capitais, precisava que eu, com a entrega do autógrafo, désse dois contos de réis. Publicado o livro, ele se encarregaria de sua colocação, reclamo e pareceres da melhor imprensa.

Um beleza! O nortista é de muita bôa fé!

Vendo no apresentado do diretor da Instrução Pública, funcionario da seção técnica e pessôa de confiança, um homem que devia ser decente, não tive dúvida, como muitos não teriam, de fechar negocio.

Esqueci, entretanto, uma circunstancia: o homem tinha por cognome **Estradas...**

Em chegando a Natal, embora não tivesse a importancia, encontrei amigos que ma facilitaram, e eu lha remeti com o autógrafo por intermedio do coronel Manuel Marinho.

Logo depois recebo uma carta de Alduino, dizendo-me que naquela semana firmaria o contrato de que me enviaria uma copia. Escreveu-me ainda outra, informando que ainda não fôra possivel devido ao assentamento de novas máquinas.

Entendi que devia entender-me com a referida casa. Todavia, ou porque a casa não existisse ou não sei porquê, o fato é que até hoje nem o autógrafo me remeteu mau grado o meu pedido feito em reiteradas cartas.

Exultei de alegria vendo São Paulo, por não poder antes atinar que houvesse em minha patria uma cidade para a qual o qualificativo de **formidavel** não tem significação, não traduz o que ela é — na grandeza de sua industria, na emulação de levantar casario alto, no espantoso movimento de suas arterias, na beleza de seus logradouros, no cosmopolitismo de sua imensa população — mas quando recordo tenho tristeza de ter ali perdido meu trabalho e a importancia com tanto sacrificio adquirida.

Afinal, como a estrada da vida tem muitas voltas, quem sabe si lá um dia ainda me não será possivel um ajuste de contas?...

Terminados meus exames de Humanidades, fui a Recife em março de 1930, a fim de matricular-me na Faculdade de Direito.

Escapei ao trote, graças aos muitos meus ex-alunos que lá encontrei.

Em maio desse ano, em uma manhã de sol, toda a cidade foi abalada por um acontecimento desolador. Um desastre do avião do Aero-Clube.

Edgar Dantas, na flor da idade, cheio de sonhos, risos e esperanças morria desastrãdamente.

Deplorei a sua morte como lamento a de todos os que perecem na sua idade, quando a vida se lhes vai descortinando.

# REVOLUÇÃO

## II

A bem da verdade devo dizer que não fui revolucionario.

Tenho, entretanto, um partido. Este, porém, não pleiteará assento no Parlamento nem na curul governamental, porque o seu coeficiente eleitoral, si apurado fosse, daria a unidade.

A sua rubrica não é «conveniente», nem «deixa-ver-em-que-fica», nem «corda-bamba», nem «pau-de-dois-bicos», «oportunista», «governista»... etc. A bem dizer sou simplesmente... «revoltado»

Mas a minha revolta não é aquela que tudo vê com pessimismo, com côres negras, em todos os administradores homens deshonestos, não Ela se comede: louva e aplaude os atos bons, podendo amanhã censurar os que forem maus. Não conjuguei nunca o verbo **louvaminhar.**

Entre os «revolucionarios» que por este rincão havia, notava-se, lá pela oitava chave, uma classe interessante, que ainda não foi bem estudada, a qual se distinguia por um dos seguintes caraterísticos:

1.º — Ter mandado munição ao presidente João Pessôa para resistir ao Governo da União na sucursal de Princeza;

2.º — Figurar numa lista negra do governador Lamartine para ser surrado.

Diga-se de passagem que tal lista nunca apareceu: foi mera invencionice dos que queriam dar-se importancia.

Indiferente que não era como não sou aos destinos de minha Patria, comprava os jornais, de Pernambuco, principalmente, e lia-os com interesse. Jamais houve algum dos revolucionarios que me falasse ou a quem eu falasse a respeito do movimento a que depois chamaram de «arrancada».

Revoltado contra toda arbitrariedade, no meu íntimo aplaudia a propaganda de civismo sem, contudo, a ela filiar-me. Havia tanto quem pregasse...

Nunca fui ouvir a arenga dos agitadores que, formando «caravanas», passeavam com intermitencia por esta Capital, exibindo o clássico lenço encarnado. Eu previa, sem arrogar-me o dom de profecia, que toda aquela labia não passava de uma negaça. Também não foi pela minha adesão ou não adesão que o movimento deixou de rebentar.

Admirava a intrepidez de João Pessôa resistindo, em Princeza, qual gigante á furia do leão do Catete, aquele que perambulou as ruas da modesta cidade dos Albuquerques, assistindo a parada escolar de sete de setembro, olhando assim com certa indiferencia a multidão basbaque que de véspera se comprimia, na avenida Atlântica, para ve-lo Chefe Supremo da

Nação, enquanto Manuel Onofre e d. José Pereira Alves se engalfinhavam.

O fato é que a quatro de outubro de 1930, Cícero Gadelha, entre espanto e surpresa, diz-me algo sobre o levante em Paraíba; momentos depois Otacilio Cavalcanti confirma a noticia, dizendo ter o Congresso Estadoal recebido um telegrama de Juarez.

Mas, como nenhum me viria tirar a cangalha, fiquei na espectativa dos acontecimentos, que sabia intensificar-se pela inquietação crecente dos que entre nós tinham as responsabilidades do poder público.

O que se seguiu não tem importancia para estas memorias — fuga precipitada dos dirigentes do Estado, ruas cheias de gente, alegria e muita fita e lenço encarnado até em pescosso de alguns que pareciam ser serios, e que na véspera faziam protestos de absoluta solidariedade ao Governo.

Em grande atividade Augusto Bacurau dava ordens e contra-ordens para não se alterar... a ordem pois o povo queria, nesses arrancos de imbecilidade de que é vitima inconciente nessas ocasiões, exercer vingança arrombando casas, quebrando moveis, depredando tudo.

Vi um general palaciano de véspera, que até fazia questão de ser parente afim do Governador, encabeçar um grupo de desordeiros para ir depredar a casa de Cícero Aranha, o que não conseguiu, graças á intervenção de Macedo, que hoje está nas grades por chefiar o movimento extremista de 23 de novembro de 1935. Vi o capitão Abelardo, fantasiado de coronel, chegar só em um automovel e dirigir-se ao quartel do R. P. M. para assumir o comando daquela unidade, e lá, defrontando a bravura do major Luiz

Julio, que preferiu deixar-se prender em casa a trair o seu compromisso de servir ao governo legal, praticando assim um «gesto nobre» no conceito do proprio capitão Abelardo. Vi a chegada das tropas vitoriosas aclamadas pela multidão. Vi essa mesma multidão investir o palacio do Governo, precipitar-se sobre a galeria dos retratos e espatifa-la impiedosamente. Vi amarrarem dois cavalos ao obelisco da avenida Tavares de Lira, á semelhança do que os gaúchos prometeram fazer na Capital Federal. Vi, revoltado pela nota ingrata que o distinguiu, raspado o nome de **Stadium Juvenal Lamartine** — homenagem que é de supôr não tenha solicitado, apezar de ter dado para o fazerem quarenta contos de réis. Vi os que de véspera tomavam os jornais aos gazeteiros e os queimavam, para ser agradaveis ao Governo, fazer-se espadachins da nova situação e delatores reles, falando com tanta arrogancia como si fossem gente seria.

No melhor do entusiasmo, quando se celebravam em vivas e gritos estéricos a retirada precipite do Governador e achavam-no covarde, uma descarga de fusis, no Baldo, foi suficiente para faze-lo amortecer como por encanto. O arranco foi tremendo! As portas fecharam-se para as balas não entrarem...

Habituado a correr só depois de ver de quê, fiquei num vão de porta aguardando os acontecimentos. Não foi nada. Tiros para o ar.

O povo celebrando a vitoria, em dias sucessivos percorria as ruas da cidade, como si estivesse aliviado de tremendo pesadelo. A República velha estava prostituida. A nova, que se apregoava e cujos apóstolos logo se desiludiram, conquanto se deixasse entreolhar de lenço ao pescosso — sinal indicativo de pou-

co siso — prometeu muita coisa e entre estas a diminuição de impostos e a liberdade de votos.

A bandeira brasileira e a do **Négo** eram conduzidas pelas senhorinhas, pelos rapazes, ao som do Hino Nacional e da canção —

**João Pessôa! João Pessôa!**
**O teu vulto varonil**
**Vive ainda, vive ainda**
**No coração do Brasil!**

# DE CHANFALHO EM PUNHO

## III

POUCOS dias após o «triunfo» ou á rendição do Rio Grande do Norte, chega o «Govenador do Norte». Todos queriam ve-lo.

Juarez, campando de general, arenga ao povo numa manhã de sol, no edificio dos Telégrafos. Diz as palavras-chavões de sempre e, por isso mesmo, de todos conhecidas: «Não ha vencedores nem vencidos»; «governar com toda isenção de ánimo»; «aproveitar as capacidades», etc., etc., etc.

Para humilhação dos brios riograndenses, o «general» aclamou, «de acordo com os principios básicos da Revolução» como disse o jornal do Governo, um homem que tudo poderia ter — grande cultura juridica, conforme atestam seus luminosos despachos, virtudes, tanto na vida pública como na privada, ser abstemio, carater de primeira agua, mesmo contra o conceito do seu ilustre coestadoano, que o qualificou de **carater vidrento** — de uma, porém, se ressentia: a isenção de ánimo necessaria a todos os que desempenham o mistér de governar.

Só um fato me fez ficar cismado com o Irineu, e foi ter ele, em plena efervecencia revolucionaria, em uma república nominalmente atéia, no legítimo sentido do termo, ao assumir o Governo, dizer que o fazia «em nome de sua religião». Até hoje, toda mancebia de Religião com Estado tem resultado mal. Ainda não me desiludi de que todo fanático é um elemento perigoso. A religião que se não manifesta pelos atos nada vale.

A vitoria parecia ter ensandecido os espíritos. Não fôra isso, como explicar-se que sendo d. Marcolino homem tão criterioso, possuidor de tão raras virtudes, amigo tão dedicado do Governador Lamartine com quem excursionara pelo sertão, banqueteando-se com ele, andando com ele de braço, chamando-o, em gesto demosténico, de «grande estadista», e dele arranjar quarenta contos de réis — prontificar-se para dizer a missa campal em ação de graças, pelo triunfo das armas revolucionarias?

Só por esse delirio ocasional se explica como Oliveros Cromwell fechou o Parlamento e pôs-lhe á porta este simples anuncio — **Aluga-se esta casa;** só assim se encontra razão para os revolucionarios franceses colocaram uma rameira num templo e renderlhe honras divinas.

Mas, enquanto o povo continuava na expansão de delirio desses momentos, improvisando oradores cujas arengas nem sempre se recomendavam pela nobreza de linguagem, e os poetas de meia tigela escrevinhavam canções que eram verrinas em calão de sargeta, os oportunistas, ilustres desconhecidos e pacatos mercieiros cujos nomes nunca figuraram em letra de fôrma mas agora ludibriados como sendo do **alto**

comercio, se acercavam do chefe do Governo a mexericar, a intrigar, a delatar e a conseguir o que lhes ditava a sua sórdida cupidez. E ele ouvia todos e acreditava em tudo.

O que, todavia, para mim deve imortalizar o Irineu é uma serie de despachos, que não poderão ser esquecidos pelo historiador da Revolução (!) no Rio Grande do Norte, pelo pinturesco da fórma e a profundeza do fundo... juridico.

Ao requerimento em que um jacobeu qualquer pedia pagamento de passagens mandadas dar pelo governo anterior, lançou esta despacho:

> **«O governo que deve aos funcionarios não pode dar passagens aos eleitores».**

Á Farmacia Ferreira, que solicitara pagamento de medicamentos fornecidos para o Estado, deu a seguinte sentença:

> **«Os preços para venda em grosso estão elevados. Não ha nem a desculpa da demora do pagamento.»**

Á Companhia Nacional de Navegação Costeira, pedindo pagamento de duas passagens mandadas dar pelo Governo a pessôas da familia do dr. Ivo Cavalcanti, disse:

> **É irritante que a Companhia de Navegação Costeira, conhecedora do triunfo da Revolução neste Estado, da retirada precipitada do seu presidente para Fortaleza, ve-**

**nha agora apresentar uma requisição de quem já estava deposto e fora do Estado.**

No 5.º despacho exarado num requerimento da Serraria Industrial, pedindo pagamento de certa importancia, escreveu:

**«... dirija-se o credor ao snr. Antonio Paiva pessoalmente obrigado por ter recebido a conta sem explicação alguma».**

Impagavel, «seu» Irineu!

«Gozado», o barbilongo!

O pequenino espírito de vingança não se fez esperar.

Começaram as denuncias, autoações, ameaças, prisões de homens honestos, cidadãos distintos, em contraste com a liberdade escâncara, em massa, dada aos sentenciados da Detenção. Esta prática era uma macaqueação nefanda do que em Paraíba fizera João Pessôa, mas sem o espírito que o animara a tal medida.

Falou-se até em fazer desaparecer o Rio Grande do Norte, anexando-o a Paraíba. O diretor da folha oficial rabiscou um editorial, em vernáculo capenga recheado de bilis, o qual trazia a epígrafe — **Paraibanizemos o Rio Grande do Norte.** Era a psicologia feroz dos tenentoides.

O Ferrabraz do Palacio mandava todos os dias dizer improperios ao povo vencido. Si tivesse lido Camões, teria aprendido que

**É fraqueza entre ovelhas ser leão.**

Nestes comenos chegava a Natal a esquadrilha Balbo a qual, fazendo um cruzeiro pelo Atlântico, amerisava nas aguas do Potengi. Era seis de janeiro.

Para presentear esta Capital, trouxera um cruzador italiano — o **Malocevvo** — uma coluna do Capitolio.

No dia nove desembarcou a maruja do cruzador, e vieram mais os aviadores, pois ia ser inaugurada a aludida coluna, para o que também estaria presente o governador da cidade. Foi u'a manhã de festa.

Acabada a missa, complemento obrigatorio em todos os acontecimentos de importancia e mesmo dos de nenhuma importancia, grande era a multidão que queria ver o presente do **Duce** á modesta cidade que, numa frase pinturesca, chamou um ministro de «cais da Europa».

Todos se comprimiam, esticando o pescosso os mais baixos, fotógrafos tomavam posição para bater a melhor chapa, o professor Tomaso Babini formava alunos que iriam entoar a **Giovanezza...**

Eis, sinão quando, trajando calças e paletó de brim caque já surrados, chapéu amarfanhado, colarinho amassado e gravata amarrotada, com uma ponta de cigarro lambusada de saliva entre os dentes, bigode em desalinho, semblante desconfiado de quem se sente fora do seu centro de gravitação, surge entre o povo o prefeito da Capital, e posta-se junto do representante do rei da Italia.

Arrenga Balbo. Pelo governador da Cidade responde o dr. Alberto Roselli.

Estava inaugurada a coluna Capitolina.

Já desesperado porque, embora no poder, fugia-lhe o apoio que não podiam dar os seus turiferarios

sem outra habilidade que a da intriga vil á porfia de vinganças pequeninas, pois os homens de bem o evitavam, vendo-se desamparado o Irineu «resolveu» deixar a Interventoria.

Ha quem diga que sua resolução fôra tomada em vista de ter ele recebido um **bilhete azul,** coisa que então estava muito em moda. Pode ser.

Ainda mais irritado, disse em linguagem pouco recomendavel e nas entrelinhas de um artigo de jornal que o Rio Grande do Norte não tinha um filho capaz de governa-lo. Tal insulto exasperou sobremodo os bons filhos da terra, que telegrafaram ao Chefe do Governo apresentando uma lista com perto de trinta nomes de riograndenses residentes em varios Estados, e capazes de administrar a terra comum.

Firmaram esse telegrama mais de vinte nomes de responsabilidade social: médicos, advogados, professores, comerciantes, agricultores, etc.

Quando dei a minha assinatura, tive a previsão de que meu arrojo devia custar-me a demissão. Ele me não conhecia, mas conhecia-me a mátula que lhe fazia zumbaias, e que queria mostrar que tinha prestigio.

Não me enganei.

Á noite do mesmo dia um amigo bacorejou-me ao ouvido que minha audacia fôra castigada, bem como a de todos os signatarios do telegrama e que eram funcionarios públicos.

Todos os meus planos se alteraram. Adeus, minha formatura! Também de que me serviria um título de bacharel, quando me falta inteligencia, cultura e dinheiro para adquirir livros? Seria um bacharel das

duzias, desses milhares que ha por aí a mendigar qualquer empreguinho para a sua manutenção.

Bacharel, teria, quiçá, vergonha de tirar o paletó para trabalhar. Pois si eu era «doutor»...

Podia esquecer o conselho do meu antigo diretor do Ateneu, dr. Pinto de Abreu, que sempre dizia:

— Estudem, meninos, lembrem-se de que é melhor ser douto do que doutor.

E assim iniciou-se, entre nós, o programa revolucionario no tocante á liberdade tão altissonantemente apregoada...

# RELANCES...

## IV

SENDO um dos «degolados» do façanhudo Irineu, não maldigo, entretanto, a Revolução, e muito menos a ele.

Os caravaneiros, usando ao pescosso um lenço rubro, estavam a indicar naquele simbolismo já pêco que queriam vingança; Irineu a queria. Ele era «autêntico». Mas como os responsaveis diretos pela administração se achassem foragidos, entendeu ele que os que ficaram deviam justar contas com ameaças, prisões, demissões, o diabo, enfim. Chegou ao ponto de obrigar aqueles a quem o Governo tinha dado, porque podia dar, uma simples passagem de trem ou de vapor, a entrar para o Tesouro com aquela importancia, por insignificante que fosse. Era uma miseria, uma coisa ridícula, mas era o ideal revolucionario.

Todos os homens públicos eram ladrões. Receioso até de que os presos de justiça fossem roubados, fez vir um «autêntico» estrangeiro para ser o carcereiro. Disseram que esse herói foi um bom financista... Era «autêntico» mesmo.

Eu não maldisse o ato dele demitindo-me. Agi **sponte mea,** no uso perfeito de minhas faculdades, animado pelo pensamento de, com a minha assinatura, rebater um vil e insolente insulto assacado á minha terra. Questão de bairrismo? Sobremodo confortaram-me as felicitações que recebi dos que compreenderam a minha atitude.

A Revolução jogou-me, por assim dizer, ás minhas proprias possibilidades, num meio sáfaro, ingrato. Não lhe foi possivel humilhar-me. Graças a Deus sempre andei de pé.

A cadeira que eu occupava foi entupida por um apaniguado, um jagodes fantasiado de «autênticos», inteligencia de escol, que não desmentiu o **ideal** revolucionario e que prestou reais serviços á causa da instrução da República Nova. Diziam os curumis do primeiro ano no Ateneu que ele introduzira uma nova maneira de somar. O que? — as quantidades heterogeneas.

Fiquei então na minha janela vendo o desfilar dessa farra que foi o período revolucionario no qual, como diria Salomão, vi a «impiedade no logar do juizo e a iniquidade no logar da justiça». A culminança do poder desequilibrou a cabeça.

O principio soberano de justiça, que deve predominar em todas as situações, cedeu logar ás paixões pessoais. O escrúpulo e a dignidade foram reputados coisas vãs, quiçá nocivas, á desordem dominante para justificar as perseguições, prisões de homens da maior respeitabilidade, como o desembargador Silvino Bezerra, o jornalista Eloi de Sousa, o fazendeiro Gonzaga Galvão, o industrial João Cámara e muitos outros, o empastelamento de jornais, etc.

Repetia-se em miniatura o que se passara na França quando a cafagestagem subiu ao apogeu.

Si o Estado teve na sua administração verdadeiras aberrações, imagine-se o que deveria ir pelos Municipios! Os desmandos aí nem tinham qualificação: Do da Capital muita coisa tem-se a apreciar. Até os jardins públicos sofreram.

Já me referi áquele que recebeu vestido de caqui e de cigarro na boca a Coluna Capitolina. Outro mandou serrar todos os galhos... das árvores no jardim fronteiro ao Palacio do Governo; veio outro que mandou plantar unha-de-gato no da praça Augusto Severo; veio outro, não sei bem si era o que brincava com boneca (boneca de verdade...) e soltava iôiô, e esse ordenou fossem as unhas-de-gato arrancadas. Por fim veio outro e anunciou, ou alguem por ele o fez, que os jardins iriam passar por uma grande remodelação, á semelhança do que se vê em todas as grandes Capitais. Mandou colocar em cada um deles uns bancos de cimento e nada mais.

Seria curioso problema saber qual a conexão existente entre prefeitos revolucionarios e jardins públicos.

Na administração, ao passo que as arbitrariedades culminavam em desenfreada progressão, os homens de responsabilidade abandonavam sua terra ou eram constrangidos a faze-lo, porque não lhes davam sossego. Cercavam-se os governantes de maltas de esbirros que, bravateando e exibindo armas, ameaçavam a população imbele e inerme. Á noite iam sentinelar a residencia do senhor que, ainda assim, vivia apavorado com a propria sombra.

A ordem pública era u'a ameaça constante, e a justiça uma ficção.

São atos de realce desse lustro que terminou em outubro de 1935: — pesar-se mobilia e calçado; oficialização do carnaval, mandando-se fazer tablado na praça pública para os bailes em que, conforme disseram, desenrolaram-se cenas pouco edificantes; obrigar-se os fazendeiros a cercar de arame quase todo o Estado (a lei do cerca gado...); aposentadoria com todos os vencimentos, de um cidadão contratado pelo Estado...

Enquanto isso se fazia com o trombetear da imprensa oficial, nem patavina se pensou das creanças abandonadas, dos velhos e da mendicancia que pululava na Capital.

Nem folga havia nos intervalos que decorriam entre uma e outra interventoria, porquanto um tarouco que sempre era substituto, era cego para enxergar os erros e surdo para atender aos clamores do povo oprimido. Afinou sempre pelo mesmo diapasão — perseguir, perseguir, perseguir.

— Quando São Paulo, levantado como um só homem, pugnava pela constitucionalização do paiz, para bater os «rebeldes» mobilizou-se todo o Brasil. Era preciso sufocar o grito dos que bradavam, e isto só era viavel pelo direito brutal que a força impõe.

O Rio Grande do Norte também enviou o seu contigente de «milicianos» comandados por valentes cabos de guerra. A tropa foi em prestações. Foi bem numerosa graças, principalmente, á solução de continuidade sofrida pela vida agrícola após o movimento de 1930.

Palonços, inconcientes da finalidade da causa, a-

listavam-se ás centenas. Não os levava patriotismo, amôr ás instituições, que não conheciam nem conhecem. Si alguns até trocavam o calçado sem distinguir o pé direito do esquerdo, como poderiam ter no bestunto uma idéia?

O essencial era que fossem.

—Um dia praticou um soldado um homicidio; logo depois foi distinguido com a nomeação para delegado de policia. Premiava-se o crime. Facinorosos reconhecidos como profissionais do delito eram graduados na milicia estadoal.

Já era o caso de pedir-se que não houvesse mais mudança de governo, porque parece que só uma idéia dominava todos: — ludibriar o povo.

Entretanto, por um paradoxo, verificava-se que só os detentores do poder eram verdadeiramente os únicos ameaçados. Viviam sentinelados durante o dia, e dormiam sob a tremenda vigilancia de metralhadoras; vedava-se a passagem de pessôas e carros pelas imediações da «Vila depois de algumas horas da noite.

O partidarismo exaltadíssimo só não dava logar a repetidos conflitos porque a índole do povo é infensa á luta. Só não briga calado porque esse processo foi posto em uso apenas por um casal que conheci. O marido era surdo. Quando queria resingar com a cara metade, o que sempre acontecia, munia-se de uma folha de papel e lapis. Ela o imitava. Escreviam as **amabilidades** que lhes apraziam e entregavam os papeis um ao outro. Assim brigavam horas a fio, no maior silencio.

Entre os muitos que se batiam por principio, por dignidade, por divergencia de idéia, estava também

o interesseiro sórdido; aquele cujas pretenções se malograram; o turiferario de véspera a quem o Governo não comprara um carro; aquele que, valendo-se da anormal situação, pleiteara a posse da terra de seu adversario e não fôra atendido.

A nossa maneira de fazer politica é, entretanto, tão original que todos esses elementos são aproveitaveis.

O que é fato inconteste é que, mau grado as tremendas ameaças que sobre ele pesavam, dos insultos e agressões, nunca teve o povo tanto desprezo pela vida.

— Em 1933, havendo muitas cadeiras vagas no Ateneu, foi publicado um edital para concurso, afim de prove-las efetivamente. Não foi sem dificuldade que me permitiram inscrição. Defendi duas teses; Português e Historia da Civilização. Por caiporismo meu, «moleza», como se diz, faziam parte da comissão julgadora das diversas teses um tarouco lerdo, um paparrotão que tem sempre a dentuça para ferir o calcanhar, e um sabujo.

Essa bengalé, que Deus não fez mas o Diabo juntou, incapaz de julgar com conciencia o que escrevi (digo-o mesmo sem modestia), conluiou-se para derrotar-me com a arma secreta da «nota» no julgamento das teses. Conseguiram o seu fim, mas descobri-os. Nunca lhes fiz mal.

Pode ser que ainda nos encontremos na estrada da vida. Ela tem tantas curvas...

Subiu a tal ponto a iniquidade no julgamento parcial das provas que o primeiro a protestar foi o proprio Inspetor Federal, depois os candidatos prejudica-

dos e até a assistencia rebelou-se contra a covardia dos pondengos.

Algumas semanas mais tarde, s. excia. o snr. dr. Interventor Federal destacava o seu Secretario da Educação para vir á minha residencia certificar-me que as injunções politicas levavam-no a não fazer a minha nomeação.

Tal missão teve seu cumprimento em um domingo pela manhã, quando mal abria a minha janela. No caso era eu a ovelha: nada podia fazer contra o leão.

Perdi meu tempo, mas fiquei de pé. Não lhe fiz zumbaias nem escrevi artigos louvaminhando-o para depois morder-lhe o calcanhar...

— Com as primeiras eleições o povo, conciente de seus deveres, soube cumpri-lo. De nada valeram pressões e compressões desde o alistamento eleitoral. O Governo perde a partida.

A lei eleitoral, única realização proveitosa da Revolução, dá ganho de causa aos que efetivamente venceram nas urnas. Desmoraliza-se o apoftégma de que «Governo não perde eleição».

A palavra de José Augusto, ungida de fé e de civismo, é um toque de reunir para todas as forças dispersas, um grito de **avante!** para os indecisos, um apelo a quantos homens e mulheres de bôa vontade desejem melhores dias para a terra comum.

Anuncia-se o segundo pleito. Duplicam-se, multiplicam-se os processos compressores. As palavras não traduzem o que foram os desmandos, o desrespeito ao sexo, á idade, á propriedade inviolavel do cidadão. Era preciso solapar tudo, contanto que o Governo não perdesse a partida.

Não se cogitava de fazer triunfar a lei, mas de

dar ganho de causa a u'a mente desequilibrada com a megalomania do mando, e que queria vencer ainda que fosse passando por sobre um estendal de cadáveres. Mau grado os impecilhos de toda ordem, imaginados, não por um cérebro tarado, mas por quantos constituiam a **entourage** do chefe, e cuidadosamente postos em prática por desvelados régulos e reguletes, para uma só coisa serviu tudo isso — potenciar a rebeldia de um povo oprimido, acrisolar o civismo de um pugilo de homens — grandes na sua coragem, maiores na resistencia pacífica que ofereceram, tudo afrontando, tudo removendo, tudo vencendo, afinal.

— As palavras, os atos e até os gestos dos que estão investidos do poder são interpretados conforme o sabor de seus amigos ou adversarios. E tudo oferece pingue pasto para comentarios.

Era no «Grande Ponto» que se dava a concentração de todos os fariscadores de noticias, e, de lá, com rapidez, irradiava o mais encantador, adoravel e sensacioanl elemento de todos os movimentos sociais — o Boato.

O Boato é uma entidade intangivel. Para ele não tem valor ameaça, nem argucia de investigador policial, nem xadrez, nem estado de sitio, nem estado de guerra... Ele paira altaneiro por sobre tudo isso.

As mais sisudas e ranzinzas autoridades são precisamente as que mais se esbofam para agarra-lo. Besteira. Jamais houve quem saboreasse o prazer de trincafia-lo. Pode-se prender o boateiro, o Boato, não.

Como ele é polimorfo! Alegra, dessora, tira sono, mobiliza tropas. Quem haverá no mundo que não te-

nha experimentado uma sensação produzida pelo Boato?

— Mario mandou reservar quatro passagens no avião tal...

— É isso mesmo! O Getulio não pode conservar esse homem aqui...

Passava o avião e ele não ia.

— **Ele** embarca amanhã para Mossoró...

— De lá ele «dana os paus» e vai-se embora.

De aí a dois dias chegava o homem.

— Dizem que **ele** já tem metralhadora até na cozinha...

Um carro que decesse do sertão trazendo caras desconhecidas dava logar a que se dissesse que eram «cangaceiros de Saldanha» para uma chachina no dia seguinte.

Dizem que **ele** recebeu um telegrama cifrado... Ninguem sabe o que foi, mas a cara dele hoje no Palacio era mesmo que o diabo...

A causa disso podia bem ser uma enxaqueca ou uma indigestão na véspera. Porque se é interventor ou governador fica-se imune de indigestão ou enxaqueca?

Tornou-se o Boato tão necessario e tantos admiradores creou que, quando não havia, inventavam-no.

Mudou a situação e o Boato terrorista passou para o outro lado. As demissões de adversarios seriam ás dezenas. Os desforços pessoais seriam públicos. Quando boataram que o dr. Lamartine seria nomeado Chefe de Policia, foi uma consternação geral .Ele arrancaria a cabeça de todos os **libés**...

Ao lado do boato corria a verdade. Planos tenebrosos para massacres foram descobertos. Apreen-

sões de títulos eleitorais, ameaças, surras, invasões de lares, mortes bárbaras com os maiores requintes de perversidade eram coisas comuns, faziam parte do programa por que se havia de impôr aquele que tinha a seu dispôr o Tesouro recheado pela arrecadação de uma safra monstruosa, para custear as despesas com armamento e munição, e a força feroz de espadachins desalmados para as empresas sinistras.

Não rivalizando mas ultrapassando os vândalos, profissionais do crime carinhosamente procurados como esteios da situação dominante e sobejamente remunerados por ela — digamo-lo para vergonha nossa — nem os monumentos respeitaram. O busto de José Augusto foi dinamitado no Caicó.

No dia das eleições de outubro, empiquetadas as estradas para impedir que os eleitores fossem votar, registou-se o fato original de turmas de homens abrirem estradas no matagal, afim de ir ás urnas cumprir o dever de cidadão. Nunca foi maior a ansia de votar, nem a confiança na valia do voto, que tão desvalioso e desprestigiado sempre fôra.

Os bandeirantes, devorados pela sêde de oiro, não revelaram maior arrojo.

De um a outro quadrante deste Brasil colosso todos se voltavam para o pequenino Rio Grande do Norte — cenario de uma das maiores agitações políticas dos últimos tempos. A imprensa do paiz toda profligava com veemencia os desatinos do governo, em seu expediente, em seus processos criminosos; nalgumas assembléas estadoais, no Congresso Nacional, em nome dos principios de humanidade, em nome da soberania da Lei fizeram-se ouvir vozes de protesto contra as arbitrariedades levadas a efeito entre

nós por individuos que não ocultavam a volupia do crime.

O maior conforto, o maior carinho, o maior apoio material e moral, entretanto, tiveram os riograndenses do Governo e do povo de Paraíba.

Não é a primeira vez que isto acontece. Ninguem ignora que o movimento revolucionario de 1817 aqui só se manteve enquanto o bravo e destemido José Peregrino permaneceu em Natal com a sua aguerrida milicia. Quando a mãi de André de Albuquerque, d. Antonia Josefa do Espírito Santo Ribeiro, trancou as âreas, recusando numerario para pagamento da tropa, ele viu-se forçado a retirar-se, a a **révanche** não se fez esperar.

Agora, na quadra ingrata que o Rio Grande do Norte atravessou, o povo do Estado irmão, acompanhando de perto o que por aqui se desenrolava, porque é' bom, porque é valente, porque é altivo, porque é nobre e porque também muito tem sofrido, de braços abertos acolheu a quantos dentro de suas fronteiras procuraram a tranquilidade almejada.

Os bons riograndenses jamais olvidarão esse fato.

Isso tudo foi o que vi na ronda deses dias. As coisas só podiam ser desencontradas, dado também o desencontro das idéias dos que passaram pela cadeira curul do Estado: este era beato e cultuava Baco, aquele se inspirava nos credos de Moscou, um era pagão, outro, apóstata.

Todavia, como ha de ser a toga e não o gladio o que governará o mundo, a expressão da Lei foi garantida, e tudo voltou á normalidade.

Jamais se viu no Brasil tão pronto e tão eficaz respeito á vontade soberana de um povo sequioso de Justiça.

## UM SONHO...

V

DEPOIS...

Depois presa de um sonho... Eu transportado a um paiz longinquo... Época incerta, como a dos sonhos... O tempo ali regulado não pelo calendario, mas pelas sucessões das familias reinantes.

Talvês o Egito quando da invasão dos hyksos...

6.º 46' 41" de lat. S. e 35.º 12' 24" de long. O de Greenwich...

Meu segundo consorcio nesse dia. 23 de novembro.

Toda cena da invasão deante de meus olhos...

A fuga dos magnatas para o bojo de pequenas naus de uma terra mui distante, talvez o misterioso paiz dos Mayas...

A população espavorida, para os oasis, para os campos, para a outra riba do rio... Tudo ameaçado.

Sem resistencia, os invasores logo senhores de toda a terra...

Aclamações... Novos chefes... Confusão. Prisões. Partilha dos bens...

Transformação radical em tudo... Só os dinheiros públicos religiosamente conservados...

E por entre as nuvens de pó e o zunir de petardos, dois bonzos, de Temis e de Zeus, a toga e a mitra, a caminho do paço dos novos faraós.

Salamaleques, risos de alapardados, zumbaias... Solidariedade... Pedidos...

— Meu filho, oficial da guarda, preso. Em liberdade, que bom auxiliar para a vossa vitoriosa causa, oh venturosos salvadores das massas oprimidas!... Liberdade para ele, moço, vigoroso, valente!...

— Ação de graças e indulgencia para todos, pelo êxito da vitoria, oh realizadores de um sonho meu acalentado!...

Todos embriagados com o triunfo...

Tudo nem mais nem menos que um sonho...

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

Quando despertei, achava-me em um sitio, na Serraria.

Deante de mim, emoldurada nas graciosas e doces corcovas dos vinte e oito morros, que a contornam por dois flancos, destacava-se o vermelho das edificações da linda cidade de Natal.

Do centro, onde mais compacto é o aglomerado do casario, vai este esbatendo-se para o oriente e para o ocidente, como ás tintas fortes faz o artista para enquadra-las no plano comum da tela sem, comtudo, alterar o harmonioso da fórma de anfiteatro que afeta, o que lhe imprime uma feição toda sua. E marginando-a pelo sol poente, descreve o Potengi graciosa curva.

Potengi! Quem descreverá a tua historia? Tuas aguas azuis e quietas por certo foram testemunhas muitas vezes de lutas ferozes, de piroga contra piroga, viravolteando ao som da guerreira inubia, para conquista de tuas piscosas margens! Após o descobrimento elas, hospitaleiras, acolheram a caravela ou o bergantim que vinham traficar com o incola. A 8 de dezembro de 1631 por elas entraram insolentes os navios de esquadra de van Ceulen, que vinham conquistar a Capitania, para mais estender os tentáculos da dominação bátava.

E hoje são sulcadas por toda especie de embarcação, desde a pequenina e veloz baleeira do pescador arrojado até o transatlântico de varios povos, quando não as afloram em cachões de pérolas os flutuadores dos possantes aviões que cortam o belo céu de Natal...

Para a casa em que me encontrava, roceiros conduziam em sornos muares alforges de mandioca para uma «farinhada».

Entre nós é de uma rudeza sem qualificação a aparelhagem de uma «casa de farinha». Por isto me não foi dificil, logo que travei palestra com um dos trabalhadores, o «prenseiro», saber o nome e a função de todos os utensilios ali empregados.

Na «roda», que assenta entre dois «moirões» e é acionada por dois «veios», circula o «reio» — aliás «relho» — que faz virar o «rodete», coberto pelo «banco», deante do qual fica o «cevador». Alhures fica a «prensa» que, por meio do «fuso», os «brinquetes» e a «virgem», comprime a «massa» no cocho para expurga-la da «manipuera». Dita massa, depois de

passar na «peneira» onde deixa a «cruera», vai ao forno para cozinhar. Eis a farinha.

Homens, mulheres e meninos, todos tomam parte na azáfama. As mulheres, pernas cruzadas e algumas de cachimbo á boca, munidas de quicé raspam as mandiocas e dão o «capote» á que lhe fica próxima.

Com a camisa amarrada á cintura, dois vigorosos rapazes puxavam o veio da roda, enquanto cantarolavam:

**Adeus, casa de farinha,**
**oiteiro de madioca...**
**Foi-se embora a mulatinha**
**que me dava tapioca!**

## TIPOS CURIOSOS

NO decurso destas notas tenho tido ocasião de aludir a tipos populares, curiosos, de rua, cuja vida e cujos atos foram de todos conhecidos. Natal os teve e tem-nos ainda, como sóe acontecer a todas as cidades.

Já aludi a «Pai Domingos» e a «Maria Perua», de Cabedelo; a «Pedro Doido» e «Firvioca», quando era eu creança.

Dos que posso falar, alguns projetaram seu nome por toda a cidade, outros ficaram circunscritos ao bairro em que viviam, quando não somente á propria rua.

*
* *

Tenho, de quando morávamos na rua que atualmente é chamada Frei Miguelinho, vaga lembrança de Mixitina.

Era uma velha vesga, a cabeça sempre envolvida num chale reles. Abelhuda em extremo e, por isso

mesmo muito antipatizada. Adquiriu fama como mentirosa e alcoviteira.

*
* *

No sitio de D. Maximina, do qual são vestigios os coqueiros que se veem defronte da Estação da Estrada de Ferro Central, morava numa palhoça um casal de idiotas — Cassiano e Tetê.

Ele falava pouco, mas Tetê conversava muito e cantava ainda mais.

Muitas vezes, quando eu ia ver Antonio Mata-Veado ou Gaspita dar instrução aos cornetas do Batalhão de Segurança, a via sentada, a mão aberta, agitando-a nervosamente deante dos olhos enquanto fitava o sol, a cantar, com entonação que só ela sabia:

**Calango matou um boi,**
**botou um quarto na «teia»...**
**Lagartixa foi bolir,**
**Calango passou-lhe a peia.**
**Assim mesmo é que sucede**
**quem bole c'as coisa «aleia».**

Não incomodavam a ninguem.
Tetê todos os anos tinha um filho.

*
* *

Nuns casebres que havia onde hoje fica o Almoxarifado do Estado, conheci Toinho. Nunca ria, e a

voz era muito aflautada. Diziam que o caso tivera sua origem numa mordedura de cobra, de que resultou também ficar-lhe a pele com uma como sarna.

O fraco dele consistia em não querer morrer. Dizia que queria «ficar para semente».

Quando lhe perguntavam qual prefereria entre uma noiva e uma cocada, respondia:

— Uma cocada...

* * *

Fez-se conhecido em toda a cidade outro tipo interessante pela maneira por que vendia aves domésticas. Era Tomaz Miguel.

Amarradas as aves, lá ia ele rua em fora a fazer seu pregão em alta voz:

— Olha, que eu vou manifestando e coadjuvando gordas senhoras galinhas e excelentíssimas perúas...

Consta que certo dia uma autoridade ouviu aquele rebarbativo reclamo e, achando-o ofensivo á moral, deu com o pacovio no xadrez.

* * *

Figurinha chôcha, olhos encovados, barba sempre apontada em faces exangues, envergando roupa amarrotada, paletó todo abotoado, boné velho enfiado até as orelhas, uma varinha na mão, todos os dias era visto, de manhã, pelos bibocais que conduziam da Cidade Alta á Ribeira, afim de recolher algumas esmolas, o inconfundivel Chiquinho Cadê-Fufú.

Não largava um apito. E quando os moleques gritavam-lhe o nome, ele, sem molestar a ninguem, respondia arrancando do seu apito uma onomatopéia imitando o entono do molecorio.

*
* *

Contrastando com Chiquinha Cadê-Fufú e quase dele coevo, passou pelo cenario da vida, no palco de Natal, outra figura exótica.

Rosto de caveira, barba fechada e mal aparada, chapéu velho, quase sempre descalço, camisa por fora das calças, cachimbo sarrento no canto da boca, toda Natal conhecia Chichina.

Os homens de bem evitavam-no; as senhoras torciam caminho ao defronta-lo. Só os garotos dele se aproximavam.

É que da boca de Chichina só saía podridão transformada em palavrões do alcoice mais depravado, irreverentemente ditas sem consideração á idade, ao sexo ou ao logar. Creatura repelente tanto física como moralmente falando.

Um dia, necessitando pagar tributo á natureza, fe-lo sem cerimonia, em plena manhã de sol, deante do quartel do Exército, precisamente quando era grande o movimento de gente que ia ao Mercado e dele vinha com suas compras.

*
* *

Semelhante a ele só havia Simôa, uma negra, que dava preferencia achar-se entre os trabalhadores de

armazens, na rua do Comercio, para ouvir pilherias em calão de pornéia e dar o troco na mesma moeda e sem retórica.

*
* *

Por mais de uma década perambulou nesta Capital, fazendo ausencias intempestivas e súbitos aparecimentos, um tipo que, nos tempos bíblicos, passaria por um endemoniado. Era Paulino.

Fiel e serviçal, quem não levasse em consideração a sua maluquice, podia confiar-lhe qualquer coisa: recado, compra, dinheiro, etc.

Tinha devotamento ilimitado ás creanças e respeito absoluto ás mulheres.

Constantemente andava com uma pedra embrulhada em um lenço, amimando-a, cheirando-a, beijando-a. — Era **Paulininho,** como ele proprio chamava.

O **Paulininho** era exclusivamente reservado para jogar naqueles que o chamassem doido. Nada o exasperava mais. Corria furioso, gitava, gesticulava e, si não conseguia alcançar sua vitima, rasgava-se, mordia-se as mãos e os braços, que nunca estavam sem impressões dos dentes.

*
* *

Já nos dias em que se agitava a campanha política da «Salvação», apareceu outro sujeito que logo se tornou conhecido. Era de Pernambuco e chamava-se Vicente Barreto.

A sua monomania era patriotismo. Fazia discur-

sos, interessava-se pelo movimento que sacolejava o paiz, lia jornais e, de cabeça descoberta, precedia as bandas de música nas passeatas cívicas.

Quando calhava levar-se a bandeira nacional, ele corria pelas travessas e becos para ter ensejo de, á sua passagem, prestar-lhe homenagem, ajoelhando-se e levando a mão á viseira. Ás vezes eram as duas.

* * *

Também se me afigura muito curioso Mestre Ricardo, da rua Silva Jardim, onde tinha um pequeno estaleiro de construções navais.

Alto, magro, pernas semelhando parêntesis, supinamente ignorante sem se convencer que o era mesmo, todavia bastante inteligente.

Muito habil. Não teve mestre de oficio, entretanto, era eximio carpinteiro e sabia imprimir fórmas leves e elegantes ás pequenas embarcações que fazia.

Não sabia ler, contudo discutia letras.

Quem dele se dispedisse não lhe dissesse **adeus,** porque logo replicava:

— Eu sei que ha...

— Mas, ha o quê, senhor? Estou lhe dizendo **adeus.**

— O senhor está me dizendo que **ha Deus,** porém eu não sou burro e sei que ha.

Si alguem lhe perguntasse: **está chovendo,** «seu» Ricardo? — dava logar a que respondesse:

— Não senhor, não vendo tacho...

Por vezes até filosofava:

Esta gente é muito bêsta!... Quando vai dor-

mir tem uma historia de dizer — vou me agasalhar, quando deveria dizer: — vou me esconder...

— Porque assim, «seu» Ricardo?

— Porque cada qual vai para seu quarto e tranca-se. Não foi esconder-se?

Certa ocasião discutia com varios patetas, em seu estaleiro, si o til era ou não letra.

Mestre Ricardo optava pela afirmativa; havia divergencia.

Neste momento, em seus passeios matinais, passava o dr. Pedro Velho, numa «aranha» tirada por um cavalo. Mestre Ricardo não teve dúvida em interpelar o «eminente» chefe.

— Dr. Pedro Velho, o til é ou não uma letra?

O então senhor do Rio Grande do Norte, para livrar-se do pacovio, respondeu:

— É, Ricardo.

Muito lampeiro, volta-se para os outros e diz-lhes em tom de vitoria:

— Vocês são uns bêstas!... O til é uma letra, porque o dr. Pedro Velho diz que é!

* * *

Outro pacovio que conheci em minha meninice foi João Frutuoso.

Enfesado, escuro e pequenino, morava numa casinha perto da nossa.

Protestante, aos domingos deitava-se á porta em uma espreguiçadeira de lona e, de óculos á ponta do nariz de chim, e Bíblia aberta na perna, ficava horas e horas na postura de quem lê.

Certo dia levou-lhe uma mulherzinha uma carta e pediu que a lesse. Era de um filho que estava no Pará. Mas, como tardasse Frutuoso em desembuchala, foi ela adeantando alguma coisa: — Ele mandou cem mil réis... uma peça de **manapulão...** um par de sapatos para Rita, que vai casar...»

A cada objeto mencionado, ele repetia: é... aqui diz: **vai** cem mil réis... uma peça de manapulão... um par de sapatos para Rita...

Assim que a mulher calou-se ele dobrou a carta e, entregando-lha, disse:

— Tome lá sua carta! Eu só **seio** ler no meu livro!

*
* *

Ali onde demora o Orfanato, conheci na minha meninice, a casa de José Tuta ou Tatu-no-Relho. Criava muitos jumentos. O local não se chamava Petrópolis nem nada; este nome foi dado por Alberto Maranhão quando, mandado reformar o Teatro, fez construir lá uma casa que depois vendeu ao Estado. Na reforma do Teatro e na construção da casa houve apenas concomitancia de fatos...

O nome pelo qual se conhecia o sitio era simplesmente — o Monte.

Zé Tatu tinha dois filhos: Francisquinho e Josino, cada qual mais levado. Quando algum praticava uma proesa merecedora de corretivo, o pai esperava pacientemente que ele fosse deitar-se e, quando estava a dormir, costurava-o dentro da tipóia, e então executava á vontade as obras de misericordia.

# DO MESMO AUTOR:

**Emancipação do Brasil** — Conferencia realizada a 7 de setembro de 1922, no Colegio Pedro II

**Novo Compendio de Análise Portuguesa**

**Revelações:** — Exposição da doutrina maçónica e sua historia

**Origem e desenvolvimento da Língua Portuguesa.** Tese para concurso

**Lexiogenia e Sintaxe das Preposições.** — Tese para concurso

**Origem do Homem Americano: sua evolução política e social. Incas e Aztecas.** Tese para concurso

**Cristovão Colombo: sua vida e sua obra.** Tese para concurso.

EM PREPARAÇÃO:

**Giria do Nordeste**

**O Estenógrafo Brasileiro.**